

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

*As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no
Início de uma Experiência (1850-1914).*

Autor: Paulo César da Conceição Fernandes

Dissertação apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília/UnB
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre.

Brasília, maio de 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

*As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no
Início de uma Experiência (1850-1914).*

Autor: Paulo César da Conceição Fernandes

Orientador: Doutor Eurico Antônio Gonzalez Cursino dos Santos (UnB)

Banca: Prof. Doutor Eurico Antônio
Gonzalez Cursino dos Santos (UnB)
Prof. Doutora Deis Elucy Siqueira (UnB)
Prof. Doutor Agnaldo Cuoco Portugal (UnB)
Prof. Doutora Mariza Veloso Motta Santos (UnB)

AGRADECIMENTO

Trabalho de pesquisa apoiado pelo CNPQ. Agradeço a esse bom amigo ainda mal compreendido por nós, Deus, pelo respeito e ajuda no meu aprendizado em vida. Aos meus amigos “do lado de lá” que estão sempre comigo, em amparo e amizade sempre presentes. Aos meus pais e meus familiares pela compreensão, apoio, paciência, amizade e incentivo, sendo verdadeiramente os grandes responsáveis por quem sou. À minha tia Irazy Leite Fernandes, por ser a minha segunda mãe aqui na Terra, e por quem nutro um amor e admiração enormes. Ao meu orientador, Eurico dos Santos, pela paciência que demonstrou com minhas falhas, e pela ajuda e apoio na conclusão deste trabalho. À professora Deis Siqueira e ao professor Agnaldo Portugal, que tanto me honraram com sua presença em minha banca. À professora Mariza Veloso, do Deptº de Sociologia da UnB, uma amiga que tanto me ajudou desde minha graduação. À professora Potyara Pereira, do Deptº de Serviço Social da UnB, por ter me guiado pelos caminhos acadêmicos, enchendo-me de conhecimentos, pessoa para qual toda minha gratidão estará sempre aquém do cuidado que teve comigo. Finalmente, deixo meu agradecimento aos amigos, pelo incentivo e tolerância com meus inúmeros defeitos, em especial à Lílian Silva, essa grande companheira dedicada que tenho a enorme alegria de poder chamar de “minha querida”.

Origens do Espiritismo no Brasil: diálogo, razão e resistência no início de uma experiência (1850-1914)¹.

Paulo César da Conceição Fernandes²

Resumo

O espiritismo é uma doutrina surgida na França durante o século XIX. Seus principais postulados são: a imortalidade da alma, a possibilidade de nos comunicarmos com os “mortos” e a reencarnação. Foi exposta pela primeira vez por “Allan Kardec”, pseudônimo do pedagogo lionês Hippolyte-Léon Denizard Rivail, que seria o principal responsável por sua divulgação e também autor de obras sobre o tema. Depois de uma história conturbada em solo europeu, devido ao caráter controverso de seus conceitos, o espiritismo chegou ao nosso país e aqui se fixou em rápida propagação. O objetivo desta pesquisa é entender a relação entre essa doutrina e o Brasil expressa no conjunto de algumas conseqüências sócio-culturais que emanaram das origens desse contato. Procura-se compreender também o espiritismo *quae talis*, suas influências, sua história e principais conceitos. Busca-se assim responder algumas perguntas, que orientam este trabalho, como: O que é o espiritismo, qual é a sua história? Por que e por quem o espiritismo foi aqui recebido? Quais mudanças o espiritismo experimentou ao vir para cá, e ele contribuiu ou contribui de alguma forma para a cultura (religiosa) de nossa terra? Concluiu-se que ambos, o Brasil e o Espiritismo, acabaram por se influenciar mutuamente. Em alguns momentos, tais trocas não vieram de forma pacífica, e cada lado procurou apresentar suas “resistências” em meio ao “diálogo” que se estabelecia. Todavia, uma síntese se impôs, e o resultado é um espiritismo mais brasileiro e um Brasil que aprendeu a aceitar o espiritismo, em um processo que começou durante o século XIX, mas que se mostra presente até os nossos dias.

Palavras-chave: Sociologia; História; Sociologia da Religião; Sociologia da Cultura; Sociologia do Conhecimento; Espiritismo; Espiritismo no Brasil.

¹ Dissertação de Mestrado defendida em 19 de Junho de 2008. Orientador: Prof. Dr. Eurico Antônio Gonzalez Cursino dos Santos

² Bacharel e Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

The Origins of Spiritism in Brazil: dialogue, reason and resistance in the beginning of an experience (1850-1914)¹.

Paulo César da Conceição Fernandes²

Abstract

Spiritism is a doctrine born in France during the XIX century. It has as key principles the immortality of the soul, the possibility of communication with the “dead” and reincarnation. Its first appearance came via the work of “Allan Kardec”, a pseudonym of the pedagogue from Lyon, Hippolyte-Léon Denizard Rivail, who is responsible for its divulgation and also the author of some books about the subject. After having a history of problems in Europe (because of some of its controversial concepts), Spiritism arrived here in Brazil and experienced a fast propagation. The objective of this research is to understand the relations between this doctrine and Brazil, relations which are expressed in socio-cultural characteristics that arose as a result of the contact of these two realities. We also search for comprehension of spiritism *qua talis*, its basis, history and most important fundaments, and to answer some questions that serve as guidelines for this work, such as: What is spiritism, and what is its history? Why did it come to Brazil and who welcomed it here? What sort of changes did spiritism face when it came to our country and what did it contribute to, or did it have any contribution for, our (religious) culture? In conclusion we can say that both Brazil and Spiritism influenced each other. Sometimes these mutual exchanges did not come in pacific ways and each side searched to show its “resistances” inside the “dialogue” established. However, a synthesis imposed itself, and the result that took place was a spiritism more Brazilian and a Brazil which learned to accept Spiritism, a process started in the XIX century but still present nowadays.

Keywords: Sociology; History; Sociology of Religion; Cultural Sociology; Sociology of Knowledge; Spiritism; Spiritism in Brazil.

¹ Dissertation for a Master Degree on Sociology presented on June 19, 2008. Supervisor: Prof. Eurico Antônio Gonzalez Cursino dos Santos.

² Bachelor and Master in Sociology by the University of Brasília (UnB).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....	7
CAPÍTULO I: As Fontes Históricas do Espiritismo.	34
CAPÍTULO II: A Constituição do Espiritismo ou a Naturalização do Sobrenatural.....	53
CAPÍTULO III: O Espiritismo no Brasil.	76
CONCLUSÃO:.....	103
BIBLIOGRAFIA.	127
ANEXOS.....	132

INTRODUÇÃO

Definições do problema

Desde o seu surgimento, o espiritismo tem sido foco de inúmeras polêmicas. Normalmente é encarado como uma seita místico-cristã com elementos orientais em seu corpo doutrinário. Três de seus pressupostos base, a imortalidade da alma – a continuidade da vida após a morte –, a possibilidade dos vivos se comunicarem com os mortos (ou os “desencarnados” para os espíritas) e a reencarnação (retorno do espírito a um corpo, reiniciando uma nova vida) são talvez os mais conhecidos e comentados por aqueles que o conhecem *en passant*⁵.

Todavia, o espiritismo pretende ir além. Mais do que religião, seu desejo é ser uma síntese doutrinária de tríplice aspecto, ou seja, ser também uma filosofia e uma ciência. Surge na França em 18 de Abril de 1857 com a publicação do *Le Livre des Esprites* (O Livro dos Espíritos) por “Allan Kardec”, pseudônimo de Hippolyte-Leon Denizard Rivail, pedagogo de Lyon, França, responsável por importantes revisões da gramática francesa. Os princípios que formariam a base dessa doutrina são os supracitados: imortalidade, comunicabilidade e reencarnação dos espíritos.

Quando falamos que o espiritismo *deseja* (e pedimos atenção a essa palavra) ser uma ciência e também uma filosofia, importante é que façamos alguns esclarecimentos

⁵ Interessante notar que a polêmica religiosa no Brasil parece ser um dos marcos da formação da nossa cultura. Para isso basta lembrar que nas primeiras décadas do descobrimento instalou-se um problema com relação ao nome do Brasil. A Igreja e alguns de seus súditos lutaram para que a nova terra descoberta mantivesse o nome original que Cabral havia dado a ela: terra da *Santa Cruz*, lembrando o madeiro em que Jesus foi levado à crucificação. Porém, os interesses comerciais e a classe mercantil fizeram valer sua vontade, e deram à nova colônia de Portugal o nome que lembrava o grande interesse que eles aqui tinham naquele momento: *Brasil* do famoso *pau-brasil*. Para mais detalhes: SOUZA, Laura de Melo – “O Nome do Brasil” EM: *Nossa História*. Ano 1. N°. 6. Abril/2004.

iniciais. Todo trabalho acadêmico exige, como bem sabemos, a aproximação cuidadosa e criteriosa (para não se falar em “neutra”, palavra de difícil aplicação em qualquer produção humana) do objeto tratado. Tendo isso em mente, quando dizemos que o espiritismo anseia por um status que vá além do seu caráter religioso, é necessário dizer que essa é intenção do espiritismo enquanto doutrina, entretanto, devemos encarar tais vontades como parte do seu próprio discurso religioso. Apesar do enorme poder de sedução que tais assertivas podem causar, elas são - como dissemos - *desejos* que pertencem à fala espírita na sua busca por legitimação. Dizemos isso porque ao falarmos de ciência e filosofia neste trabalho, faremos isso do ponto de vista *espírita*, pela necessidade que temos de expor o que essa doutrina entende por tais segmentos do pensamento humano, o que nos ajudará a elucidar e clarificá-lo melhor. Em vários momentos desta pesquisa ficará nítido para o leitor o que o espiritismo entende por ciência, por filosofia e também por religião. Todavia lembramos que, por trás desses conceitos espíritas, há toda uma busca do próprio espiritismo em produzir novos discursos que o ajudem a se firmar como proposta doutrinária.

Com isso lembramos que se o espiritismo procurou produzir também um discurso de certa forma “epistemológico”, este trabalho procura analisá-lo do ponto de vista da ciência *qua talis*.⁶ O espiritismo acredita (como veremos a seguir) que ciência, filosofia e religião devem andar juntas. Sabemos que o atual paradigma científico não aceita tal visão, tendo em vista o pano de fundo histórico em que se formou a ciência moderna, em suas lutas contra a tradição, que era grandemente representada pela religião em suas mais variadas facetas. Então, ao falarmos da visão espírita sobre o conhecimento humano, faremos isso prestando o devido respeito à ciência, tal como é apresentada em seus paradigmas atuais e representantes ligados aos mais variados setores de pesquisa. O que pretendemos aqui é demonstrar sociologicamente a construção do espiritismo em nosso país, e somente isso. Polêmicas epistemológicas sempre existiram e sempre vão

⁶ “A ciência é, atualmente, uma ‘vocaçãõ’ alicerçada na *especialização* e posta ao serviço de uma tomada de consciência de nós mesmos e do conhecimento das relações objetivas. A ciência não é produto de revelações, nem é graça que um profeta ou visionário houvesse recebido para assegurar a salvação das almas; não é também porção integrante da meditação de sábios e filósofos que se dedicam a refletir sobre o *sentido* do mundo”. WEBER, Max – *Ciência Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, (s.d.).

existir, e se Ilya Prigogine estiver certo, a “certeza da incerteza”⁷ é o que move a ciência, enriquecendo-a por manter seu campo de princípios sempre aberto a discussões e à “revoluções”, como diria Thomas Khun⁸. Em suma, a ciência que utilizamos é a ciência do nosso “dia-a-dia”, sendo este um trabalho sociológico sobre o espiritismo. Todo o discurso que o espiritismo produza e que demos voz neste trabalho (afinal, o objeto tem o direito de falar sobre si, quando o pode), devemos lembrar, pertence ao espiritismo e a quem acredite nele.

Feitas essas ressalvas, acreditamos poder voltar agora ao conteúdo principal de nossa pesquisa.

A origem do Espiritismo, tal qual é exposta por adeptos e estudiosos do meio espírita, se deu por meio de uma série de fenômenos que eram, em sua maioria, provenientes ou derivantes das então chamadas “sessões de mesas girantes, ou dançantes”. Essas sessões consistiriam em reuniões de um grupo de pessoas que se uniam à volta de uma mesa que - depois de orações, evocações, ou qualquer ritual do gênero conduzido pelos participantes - parecia ganhar vida e “bailava” sobre as cabeças dos presentes. Tal bailado, descrevem alguns autores que se dedicaram ao assunto⁹, parecia se efetuar sem nenhum apoio ou mecanismo que as controlasse, supostamente contrariando as leis da gravidade. Essas mesas, ainda segundo os relatos¹⁰, geralmente executavam ordens dadas pelos presentes como “fique sobre tal perna” ou “dê tantas voltas” ou “coloque-se sobre tal pessoa”. Averiguou-se assim uma suposta “inteligência” das mesas, o que teria levado aos participantes desses eventos a uma busca por aprimorar a comunicação com elas. Estabelecer-se-ia um código batidas/letras, onde, depois de questionada, a “mesa” era orientada a responder, batendo com uma das pernas tantas vezes no chão fosse necessário para atingir uma letra, em uma espécie de código Morse, e desta maneira responderiam às perguntas dos presentes. Foi nesse momento, quando começou toda uma tentativa de

⁷ PRIGOGINE, Ilya - PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP, 1996.

⁸ KHUN, Thomas – *La estructura de las revoluciones científicas*. Madrid: Ed. Fondo de Cultura Económica, 1975.

⁹ WANTUIL, Zeus – *As mesas girantes e o espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1959

¹⁰ Id. Ib.

“comunicação” em que se buscava saber o que ou quem estava por trás de tais fenômenos, que as divertidas sessões das mesas dançantes da burguesia de salão parisiense atraíam uma maior atenção de estudiosos intrigados, entre eles, o ainda pacato e respeitado pedagogo lionês Denizard Rivail, futuramente, Allan Kardec.

Alguns de seus biógrafos¹¹ e o próprio Allan Kardec¹² afirmam que foi seguindo esse “método” que se soube das próprias mesas quem estava por trás dos fenômenos: “Espíritos”, almas daqueles que já tinham partido deste mundo mas que continuavam vivos. Defendem também que ao seguir melhorando essas tentativas de comunicação que se chegou ao Espiritismo, alegando seu “codificador” (como é conhecido também no meio espírita Kardec) ser orientado por esses espíritos na composição da doutrina espírita.

Ao se fazer um estudo mais demorado do Espiritismo e da sua trajetória, revela-se a nós uma busca de seus principais defensores por consolidar uma proposta doutrinária que vá além da religião. Kardec em um opúsculo que fez sintetizando os princípios do *Livro dos Espíritos* e o *Livro dos Médiuns*, (duas das suas cinco obras mais importantes, que falaremos a seguir) marca assim a visão que ele tem, nesse período, do espiritismo:

*“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações. (...) O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”.*¹³ [grifos nossos]

¹¹ WANTUIL, Zeus & THIESEN, Francisco – *Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 1979

¹² KARDEC, Alan – *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

¹³ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. (38ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1997.

Na citação acima, na qual Kardec define a proposta espírita, pode-se notar a ausência da palavra “religião”. Apesar de isso ter mudado após 1863 (a citação é por volta de 1861), com a publicação do seu livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o codificador em muitos momentos parecia não levar tanto em conta o lado religioso. Essa aparente confusão que o espiritismo formaria ao apresentar inicialmente sua proposta é sentida até hoje, e um dos objetivos deste trabalho é clarificar um pouco mais essas questões. Veremos ao decorrer desta dissertação os pontos principais desta doutrina e suas estratégias para se inserir em um mundo que, em muitos momentos, se levantava contra ela.

Apesar dessas dúvidas iniciais, veremos adiante que Kardec queria consolidar o espiritismo em seu “tríplice aspecto”: ciência, filosofia e religião também. Entretanto, tal desejo do codificador do espiritismo não é tão aparente no Brasil. Aqui o seu lado religioso é o que ocupa maior evidência. E foi devido a essa percepção do enfoque privilegiado que a religião no espiritismo recebe em nosso país que fez surgir a nós a pergunta: por que no Brasil o lado religioso do espiritismo tem tamanha visibilidade, a ponto de ofuscar os demais aspectos da doutrina, aspectos esses tão relevantes e enfatizados por seu próprio codificador?

A resposta para nossa pergunta pode residir em um pronome da questão: o nós. Parece-nos que o “espiritismo enquanto religião” foi um dos subsídios do Brasil para essa doutrina que começou na França. E nos parece que essa não foi a única contribuição brasileira. Ousamos dizer que para entender o espiritismo na atualidade é mais do que necessário entender o contexto de sua aceitação e entrada na cultura brasileira. Com isso dizemos que o *objetivo central desta dissertação seria sondar os elementos responsáveis por essa leitura brasileira do espiritismo. Entender como ele foi aceito, difundido e, principalmente, como ele foi trabalhado em solo tupiniquim, para posteriormente se propagar já reinterpretado.* Todavia, para chegarmos a tais conclusões, precisamos trilhar antes outros caminhos que nos levem a uma melhor compreensão do problema. Por isso, temos outros objetivos, auxiliares ao principal e que nos ajudam a cumpri-lo: a exposição do surgimento da doutrina espírita, com seus desafios e proposições, e a sua relação com o seu tempo. Não basta fazer uma história do movimento espírita, tanto no seu surgimento na França como aqui. Para entendê-lo é necessário buscar seu “solo epistemológico”, ou seja,

as idéias, ciências, religiões e filosofias, além dos atores que mais o influenciaram. Fazendo isso podemos com mais segurança entender as escolhas dos indivíduos responsáveis por aqui implantar o espiritismo, compreendendo as idéias, o meio que os circundava, e como eles trabalharam para construir aqui um espiritismo que procurava ser capaz de responder aos desafios que o seu tempo lhe colocava.

Para isso, se faz necessário analisar sociologicamente a época de sua chegada em nossas terras (meados do século XIX), entendendo o contexto sócio-cultural desse período e as principais mudanças que ocorriam por meio do fenômeno conhecido hoje por “modernização”. A urbanização, a imprensa, os intelectuais e os movimentos literários: todos estes fatores nos ajudarão a contrastar o espiritismo “brasileiro” com o surgido na França, e principalmente, nos fornecerão os elementos explicativos para sua fixação em nossas terras.

Entretanto, como esses elementos da modernidade nos forneceriam uma compreensão melhor do problema? E como essa modernidade se processou aqui e qual foi sua influência para a consolidação para o espiritismo se firmar no Brasil? As diferenças, se elas existiram, foram importantes?

Ao estudar a urbanização estudamos as especificidades desse fenômeno mais pertinentes para o espiritismo. Estudamos as estratégias francesas (e em menor monta, européias, já que vários aspectos da modernidade não estavam circunscritos apenas ao solo francês) para a sua construção, e como essas estratégias influenciaram ou contribuíram para o surgimento do espiritismo.

Com a urbanização francesa, que se encontrava em ritmo acelerado - como no resto da Europa -, o deslocamento do eixo do campo para as cidades permitiu o estreitamento dos meios de comunicação e favoreceu o eclodir de novas questões sociais, que por sua vez, respaldaram na maneira como a sociedade se organizava. Especificamente para a sociedade francesa, que nos interessa mais expressamente, uma estratégia de transição encontrada para introduzir o novo sistema econômico-social, o capitalismo, em

meio a um ambiente ainda carregado pelo *ethos* do *ancien regime*, foi fundamental para o surgimento e proliferação, não só do espiritismo, mas para várias outras doutrinas e movimentos de cunho intelectual: os famosos *salons* da burguesia francesa¹⁴. Na passagem da sociedade de cortes para a sociedade das cidades, o salão francês era agora o novo lugar social, onde a sociedade francesa “acontecia”¹⁵. Neles novos e velhos talentos iam buscar seus mecenas, assim como no passado os iam buscar nas cortes. Novas doutrinas surgiam e buscavam nesses saraus novos admiradores ou críticos que ajudassem na sua propaganda. Em miúdos, nos salões circulavam o novo e o velho, circulavam pensamentos, e também, possibilidades para seus atores e suas idéias. O espiritismo, seguindo outras idéias do seu tempo, também foi um dos beneficiados por essa nova “moda social”. Foi num desses saraus burgueses, como falamos, que pela primeira vez, comentam os autores espíritas¹⁶, se assistiu ao bailado das “mesas dançantes”, e foi freqüentando a uma dessas reuniões que o ainda Rivail (Kardec) teve seus primeiros contatos com os elementos que futuramente foram transformados no que hoje chamamos de Espiritismo.

Em suma, a especificidade do processo de urbanização francês na estratégia de constituição dos “salões” como “lugares de transição” da sociedade de cortes para a sociedade moderna permitiu ao espiritismo, como também a outras correntes de pensamento do seu tempo, um ambiente de discussão e proliferação de seus princípios. Mais do que saraus para a diversão de uma burguesia que procurava escapar do *blasé*, os salões proporcionaram ao seu tempo e às idéias circulantes um lugar de propaganda e divulgação que contribuiu para a efervescência intelectual e o aparecimento de novas doutrinas.

¹⁴ Um autor que tratou de maneira nítida o ambiente dos salões franceses e sua contribuição para o funcionamento da sociedade francesa à época dessa transição conturbada foi Honoré de Balzac. As leituras de seus romances, principalmente *Pai Goriot* e *Ilusões Perdidas*, contribuíram enormemente para este trabalho. Para o leitor (a) que talvez ache um exagero nosso usar um romancista em um trabalho acadêmico, deixamos como reflexão a seguinte citação de Engels em carta para Marx: “Aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa da primeira metade do século, inclusive nos seus pormenores econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal depois da Revolução), do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos da época, todos juntos”. MACHADO, Ivan Pinheiro – “Apresentação à Comédia Humana” EM: BALZAC, Honoré – *Ilusões Perdidas*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

¹⁵ ELIAS, Nobert – *A Sociedade de Cortes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995 ; Id. *O Processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹⁶ WANTUIL, Zeus – *As mesas girantes e o espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

Ao falar desse ambiente que se formou no processo de urbanização francesa e a estratégia dos salões, intui-se que para esse ambiente existir eram necessários atores que o movimentasse: esse o papel dos intelectuais e demais frequentadores desses novos lugares da sociedade francesa e também européia ¹⁷. E esses atores estavam tanto em movimentos de cunho literário, artístico, filosófico, científico, como também estava presente na imprensa e nos demais meios de comunicação. Foi no século XIX que essa *intelligentsia* se apresentou como classe formada, com um espaço e funções mais definidos no corpo da sociedade ¹⁸. Mesmo aparentando um não pertencimento, como que “entre as classes”¹⁹, é durante a “modernidade” que os intelectuais conquistam o *status* e a legitimidade que possuem até hoje.

Além das características óbvias que possuíam, como criadores e divulgadores de idéias, no caso específico do espiritismo os intelectuais tiveram um papel que, suspeitamos, foi e é primordial para a sua sobrevivência. O espiritismo, mesmo hoje em dia, não é uma doutrina de fácil apreensão. Seu criador, ou “codificador”, Alan Kardec, antes de se tornar o “apóstolo chefe da terceira revelação”, era um respeitado pedagogo, com vários títulos e prêmios acadêmicos ²⁰. Chamava-se, como falamos, Hippolyte-Leon Denizard Rivail, tinha proposto uma reforma da gramática francesa, escrito livros de álgebra e métodos de ensino. Em suma, mais um intelectual de sua época. O espiritismo se apresentava, como se apresenta até hoje, como uma doutrina fortemente embasada numa tentativa de ser, além de religião, uma ciência e filosofia. Kardec - apesar de ter adotado esse pseudônimo novo para não misturar seu passado e não comprometer o nome da sua família, chamando a responsabilidade do espiritismo só pra si - não abandonaria “Rivail”. Seus livros básicos, o chamado “pentateuco espírita”²¹, principalmente os dois últimos, são

¹⁷ Os salões não foram uma estratégia de transição restrita à França. Aconteceu também em outros países da Europa e também do mundo, como maneira de perpetuar o “espírito alcoviteiro” das cortes. Para mais detalhes ELIAS, Nobert – *Op. Cit.*

¹⁸ BURKE, Peter – *Uma história social do conhecimento*. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 ; MANHEIM, Karl – “O Problema da ‘Intelligentsia’”. Um Estudo d seu Papel no Passado e no Presente”. EM: *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, (s.d.).

¹⁹ MANHEIM, Karl - *Op. Cit.*

²⁰ No Capítulo 2 da dissertação forneceremos mais detalhes desse lado pouco conhecido do período antes de Denizard Rivail adotar o nome de Allan Kardec.

²¹ Em ordem de publicação são: *O Livros do Espíritos* (1857); *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1863); *O Céu e o Inferno* (1865); e *A Gênese* (1868).

livros que necessitam um certo “preparo” antes de serem lidos ²². Isso tanto nos parece verdade, que vários autores, inclusive o próprio Kardec, buscaram como buscam lançar livros que simplifiquem os preceitos do espiritismo. Todavia, apesar das vulgatas, na maior parte do tempo a complexidade dos temas espíritas foi tratada de maneira complexa. E isso exigiu, e também atraiu, a colaboração dos intelectuais no seu tempo de surgimento, como os atraindo atualmente. Até hoje encontramos alguns setores “rebeldes” do meio acadêmico e científico que tentam consolidar conceitos problemáticos do espiritismo, especialmente os ligados ao seu lado prático-investigativo, assim como suas propostas filosófico-doutrinárias.

Sumarizando, os intelectuais foram e são os grandes divulgadores do espiritismo²³. É a doutrina de um intelectual que era assistido por intelectuais. César Lombroso, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, William Crookes, entre tantos outros, foram pensadores e cientistas importantes do seu tempo que se dedicaram ao estudo e divulgação de alguns dos princípios espíritas. E esses intelectuais estavam inseridos nos seus meios, fossem eles literários, científicos, ou estivessem eles militando na imprensa e nos meios de comunicação. E nos dias de hoje, são os intelectuais brasileiros e estrangeiros que cuidam ainda da tentativa de vulgarizar os pontos mais complexos da doutrina, assim como também se preocupam com a defesa e ampliação dos seus princípios. Sem o trabalho desses intelectuais ao longo do tempo, de tanto simplificar como de também de continuar as pesquisas em torno de seus pontos espinhosos, o espiritismo teria tido o mesmo caminho curto de tantas outras doutrinas exóticas que não conheceram uma melhor preocupação “metodológica” em sua constituição e manutenção.

²² E isso não é só para Kardec. Vários livros de outros autores espíritas, e mesmo de médiuns, como o caso de *Evolução em dois mundos* e *Mecanismos da Mediunidade*, ambos da autoria de Francisco Cândido Xavier, o “Chico Xavier”, exigem do leitor conhecimentos prévios de biologia, química, física e outras ciências naturais. Sem esse preparo científico anterior, fica extremamente prejudicada a leitura de tais obras e a apreensão de seus princípios e explicações sobre a ciência espírita.

²³ Os médiuns tiveram um papel mais acentuado na divulgação espírita a partir do século XX, especialmente na figura de Chico Xavier. Todavia, no princípio do espiritismo, os médiuns estavam mais subjugados ao mando e orientação de intelectuais pesquisadores, que lhes solicitavam que produzissem os fenômenos para que esses fossem estudados. Mesmo no caso de Kardec, nota-se que os médiuns ocupavam um segundo plano no processo de “formação do conhecimento espírita”, sendo o primeiro plano ocupado pelo seu trabalho e de seus colaboradores que, apesar de dizerem que “pertenciam aos espíritos” os princípios gerais da doutrina que estavam a trabalhar, eram eles os grandes responsáveis por sistematizar e dar corpo a tais conhecimentos.

Com isso podemos dizer que a grande contribuição da modernidade para o surgimento do espiritismo se deu por meio das especificidades do processo de urbanização européia – no caso os “salões” como novo “lugar dos possíveis”-, sendo esse processo que, por sua vez, permitiu o desenvolvimento da “nova” classe dos intelectuais, que ao se movimentarem nos meios circulantes das idéias, foram os responsáveis pelo desenvolvimento do espiritismo. São esses os dois fatores que podemos nomear como principais no diálogo modernidade – espiritismo.

E juntamente a essas contribuições, que podemos chamar de “sociais” - mudanças que ocorreram na configuração e na forma da sociedade (no caso a francesa) se organizar, e que forneceram subsídios para o espiritismo surgir e florescer – houve outras contribuições que foram responsáveis por fornecer ou adubar o seu “solo epistemológico”: o espiritismo é uma doutrina, e como forma de conhecimento teve que de alguma maneira se apoiar em outros conhecimentos, outras escolas, anteriores ou paralelas a ele. Por isso, para entender o espiritismo e sua migração para o Brasil precisamos entender as idéias que efetivamente contribuíram para o seu estabelecimento. Dissemos que os intelectuais espíritas ou pesquisadores ligados ao meio espírita trabalharam para sua divulgação. Todavia, outros intelectuais, no caso filósofos e cientistas, também deixaram alguma “contribuição”, muitas vezes sem o saber. Quando recuamos no tempo e nos deparamos com os princípios de doutrinas como o magnetismo, o imanentismo, o cartesianismo, o racionalismo, quando estudamos as contribuições de Pascal, do romantismo alemão ou mesmo as visões do sueco Emmanuel Swedenborg, deparamos com enunciados, questionamentos e proposições que mais que coincidências, denotam que entre o espiritismo e algumas outras fontes de conhecimento do seu tempo, e de antes dele mesmo, existiam certas “afinidades eletivas”, afinidades essas que buscamos explorar para demonstrar sociologicamente o espiritismo. Assim podemos cumprir nossos outros objetivos, de apresentar e relacionar as origens do espiritismo com o seu tempo, na exploração por uma maior clareza que nos ajude a entender as escolhas e caminhos que o levaram a se instalar em nosso meio, essa, a nossa busca central.

Falamos e tratamos da modernidade como fenômeno europeu, e geral, por que não dizer, já que a modernização que todo o ocidente conheceu tinha seus moldes básicos

na sociedade européia, que até então era ainda vista como o referencial primeiro e quase incontestável para toda esta parte do mundo. Falamos do moderno que avançava e sua relação com o espiritismo. Todavia, que relação haveria entre o espiritismo, sua vinda para cá e a “nossa” modernidade? Seria possível levantar o específico do processo de modernização da sociedade brasileira e a chegada do espiritismo ao Brasil? As relações são possíveis, entretanto, não fogem muito do que anteriormente dissemos sobre o papel de elementos como a modernização, os intelectuais e seus meios e as idéias circulantes. No caso da modernização brasileira vamos procurar trazer outros elementos, para evitarmos cair no óbvio e nas repetições.

O processo de urbanização do Brasil não se fez com a ruptura com a “ideologia do campo”, mas com o auxílio dela. Os senhores de engenho do Brasil foram os responsáveis pela criação e manutenção das cidades, que eram utilizadas como “lugares de descanso”: uma casa para se passar um final de semana, um feriado, para se assistir uma procissão ²⁴. A rua, o lugar do público, funcionava como a vitrine dessa sociedade. Enquanto na Europa as cidades surgiram como um refúgio para os estamentos que rompiam com a lógica feudal que ruía, no caso brasileiro as cidades apareciam como um “elogio” do *status quo*: mais um lugar para o exercício da ostentação dos setores dominantes da sociedade brasileira.

Assim, apesar das mudanças do século XIX, certas lógicas herdadas do processo colonial e os primórdios da urbanização brasileira permaneceram. Não é o caso aqui de se falar de “salões” brasileiros, e se houve relação deles com o espiritismo nascente. Apesar dessa relação ter existido aqui, e como no resto do mundo, os fenômenos que o espiritismo futuramente catalogou e que se diziam acontecer nesses saraus também lançaram moda em nosso país, essa ação era muito restrita, visto que aqui não tivemos, até quase finais do século XIX, uma “burguesia” formada. Inclusive, alguns autores ainda se perguntam se algum dia existiu uma “burguesia nacional” ²⁵. Além disso, esses

²⁴ FREYRE, Gilberto – *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global, 2003.

²⁵ Ao dizermos isso, nos lembramos do livro de Florestan Fernandes *A Revolução Burguesa no Brasil*. Acharmos tal título irônico, visto que a conclusão dessa obra é que a “nossa revolução” foi, como ele mesmo lembra, uma “contra-revolução de caráter reacionário”. Esse comportamento da nossa burguesia, aliada aos interesses tradicionalistas, inclusive lutando do lado dos antigos senhores para manter essa ordem intacta, é

divertimentos da “nossa elite”, que era o similar da burguesia européia, estavam circunscritos a grupos muito pequenos, dado que aqui poucos possuíam tais gostos, ou mesmo dinheiro para os fruírem.

Então, o que o processo de urbanização brasileira trouxe de significativo para o espiritismo em seu caminho de cruzar o atlântico até nós? Se não tínhamos burgueses entediados, com tanta freqüência como na França, reunindo-se *autour de* mesas que pareciam ter vida própria, então, o que o nosso processo de modernização parecia oferecer para que o espiritismo viesse para cá a ponto de hoje sermos a referência mundial no assunto, e não seu país de origem, ou outro qualquer?

Os intelectuais aqui, como lá, também trabalharam para a divulgação do espiritismo. Como lá, ele também foi aqui uma “doutrina de intelectuais”, que a estudavam e buscavam torná-la, alguns deles, acessível para o resto da sociedade. Também como na Europa, aqui o espiritismo encontrava em seus primeiros tutores membros de academias científicas, literárias, estudiosos e demais curiosos com alguma preparo intelectual. Nisso não inovamos. Aqui o espiritismo conheceu as polêmicas dos jornais, as charges da imprensa, o falatório. Em suma, como em qualquer lugar do mundo, o espiritismo aqui era recebido pelos mesmos atores, e esses atores se movimentavam, em seus princípios, como outros antes deles na Europa e no mundo: divulgavam, defendiam, vulgarizavam.

O diferencial do espiritismo brasileiro, e voltamos ao processo de urbanização como fenômeno social, paradoxalmente se deve ao que muitos autores, sequiosos de um “progresso” que não sabem bem qual seja, criticam como “modernização mal feita”: o fato da permanência em nossa modernidade de elementos do passado colonial, da tradição, foram os responsáveis por manterem iluminados o caminho para que o espiritismo pudesse chegar e se instalar no país. O espiritismo deve parte de sua sobrevivência atual a certos aspectos do relacionamento “Casa Grande – Senzala” que permitiram-lhe uma melhor acolhida aqui do que ele mesmo encontrou em seu continente berço de origem.

que leva a vários autores, inclusive a nós mesmos, ao questionamento da existência de tal classe, em seu momento histórico de surgimento, em nosso país.

Enquanto o Brasil se moderniza, elementos da nossa cultura permanecem e mesmo resistem ao avanço da modernidade. Resistem porque essa modernização, mesmo com a urbanização – que mais não fez aqui do que deslocar o eixo econômico e social sem deslocar o cultural – não colocava algo realmente novo no lugar. Não vinha com instituições novas, com formas novas e eficientes de pensar e fazer o social. Em suma, não acontecia juntamente a ela uma “revolução burguesa” que solapava e reorganizava a tradição, cedendo à população algo de visivelmente desejável para que ela pudesse defendê-la e acompanhá-la.

Então, se o espiritismo se apresentava na Europa como uma doutrina de gente instruída e para gente instruída, no Brasil seria diferente. Enquanto em outros países mais desenvolvidos ele encontrava uma massa maior de pessoas educadas, aqui não era assim. Mas ao mesmo tempo em que o Brasil fornecia esse elemento de desafio, – um baixo índice de população escolarizada e preparada, capaz de entender o espiritismo tal qual - apresentava também outras características que permitiram a essa doutrina florescer com mais força do que tinha experimentado em qualquer lugar do mundo. A permanência da tradição brasileira no trato com a religião, a sua quase que “naturalidade com o sobrenatural” facilitava um “não estranhamento” da doutrina quando aqui chegou. Tanto que o problema do espiritismo no Brasil, em seus inícios, nunca foi se ele “existia ou não”, mas se era coisa ou do sobrado ou do mucambo. Se ele vinha para acrescentar *mana*²⁶ aos setores desassistidos da sociedade, fornecendo assim mais poder na “luta espiritual entre os grupos sociais”, ou se vinha como uma “anti-mandiga”²⁷, capaz de fornecer aos senhores proteção para o *juju* da compreensivelmente descontente senzala. Quando os intelectuais compraram a briga pelo espiritismo, quando se percebeu o seu requinte e pensamentos bem ao gosto dos setores ricos e mais instruídos, a segunda visão venceu, e isso permitiu ao espiritismo experimentar um tipo de propagação, e o trabalho dos intelectuais brasileiros ligados ao movimento espírita foi o de vulgarizá-lo aos outros membros da sociedade. Todavia, o simples status elitista que o espiritismo experimentou nesses primeiros momentos já lhe garantia certa propaganda, o que acontecia motivado por características

²⁶ Falamos de mana como foi definido pela antropologia: princípio, ou reservatório, da força mágica de um povo ou pessoa.

²⁷ MACHADO, Ubiratan – *Os intelectuais e o espiritismo*. Niterói: Lachâtre, 1996.

sócio-culturais que são marcos importantes do jeito de ser do brasileiro, que explanamos a seguir.

O espiritismo, depois de certo tempo, acabou por atingir todos os grupos da sociedade brasileira: pobres e ricos, brancos, negros e índios. A razão disso está na mentalidade (ainda presente) dos setores privilegiados e desprivilegiados de nosso país em seu primeiro contato com essa doutrina. As elites buscavam o espiritismo como amuleto contra o mau-olhado, a azaração, e outras magias, o que acabou por transformá-lo em “coisa sua” *versus* os setores que os ameaçavam (no caso, os escravos e outros desprovidos), na “guerra mágica” que era reflexo do conflito social explícito ou implícito. Todavia, sabemos também que os setores menos favorecidos tentavam mimetizar os costumes dos ricos, na busca por se parecer mais com eles, o que é fruto da “cultura de aparências” brasileira²⁸. Isso acabou por proporcionar ao espiritismo um espaço entre os que tinham de tudo para colocá-lo de lado. Se a sinhá fazia reunião de mesa branca, com copo d’água em cima da toalha, porque a gente do terreiro não podia fazer o mesmo? Em muitos casos, era a própria sinhá quem convidava a mucama para participar da sessão, trazendo-a para dentro da sua magia, contaminando-a com o seu *mana* particular, num processo “educativo” que garantia a si e a sua família uma proteção maior contra os descontentamentos do chicote.

Podemos dizer então que a permanência do velho no novo foi que abriu para o espiritismo a possibilidade de sua “descida” dos grupos sociais instruídos para o resto do povo curioso de seus fenômenos. A cultura de aparências, aliada à construção da nossa percepção própria do religioso, foram os dois principais elos culturais responsáveis por fornecer ao espiritismo um solo mais fecundo do que conheceu em outros lugares. Aqui ele conheceria uma exaltação do seu lado religioso, exaltação essa que, vista pelo ponto de vista espírita, foi “boa” e “ruim” para a doutrina. Boa porque permitiu que o espiritismo recuperar-se com mais força sua proposta principal que é, segundo o próprio Kardec nos informa, a “reforma moral da humanidade”²⁹. Ruim porque a nossa maneira de lidar com o

²⁸ Maiores detalhes sobre a cultura de aparências e outras características do modo de ser do brasileiro nós trataremos a seguir no corpo da dissertação.

²⁹ KARDEC, Alan – *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

religioso é totalmente diferente daquilo que Kardec e seus auxiliares imaginavam, além desse enfoque excessivo na religião não levar tanto em conta outros aspectos da doutrina: no caso, o lado científico e o filosófico. Todavia, voltando ao aspecto religioso do espiritismo, Kardec defendia um culto isento de ritualismos e de corpo sacerdotal. O espiritismo imaginado em suas origens por seus criadores se aproximava muito da ideologia protestante, em sua sobriedade, ausência de necessidades de um clero estabelecido, etc. A comunhão devia ser direta: fiel e Deus. No meio do caminho, o médium, mas apenas como ferramenta dessa comunhão. Futuramente, até os espíritos foram progressivamente saindo de um lugar de muita evidência para uma realidade de também “médiums” da comunhão religiosa: estavam aqui para lembrar a humanidade da existência e da necessidade da vivência em/com Deus.

Já no Brasil, sabemos bem, a história foi diferente. E essas diferenças em muitas vezes se transformam na bandeira contra a qual se erguem órgãos oficiais do espiritismo no país, como a *Federação Espírita Brasileira*, a FEB, que historiaremos no capítulo quatro da dissertação. Apesar de que aqui o espiritismo pôde realizar a sua “orientação pelo evangelho”³⁰, essa realização não se fez de maneira simples. Apesar de certos elementos de nossa cultura e formação terem favorecido o seu “reerguimento”³¹, o espiritismo não deixou de pagar um preço por essa ajuda. Por isso, ao nomear nossa dissertação, colocamos ao lado de “Razão, Cultura” a palavra “Resistência”, porque é assim que em muitos momentos o “espiritismo brasileiro” acaba por se comportar com relação ao Brasil, numa luta franca contra determinadas tentativas de apropriação de seus princípios pela realidade sócio-cultural brasileira.

³⁰ “Orientação pelo Evangelho” é o nome da proposta feita por Adolfo Bezerra de Menezes, o “Dr. Bezerra de Menezes” em 1895 e que foi, segundo defendemos, a grande responsável pela “virada do espiritismo”, virada essa que o consolidou de vez não só no Brasil, mas futuramente para o mundo. Os detalhes dessa passagem do espiritismo brasileiro trataremos na dissertação.

³¹ O espiritismo sofreu uma dura campanha contrária na França, logo após a morte de Kardec, inclusive sofrendo um processo chamado “O Processo dos Espíritos” (*Procés des Spirites*), no qual o presidente da *Societade Parisiense de Estudos Espíritos* que substituiu Kardec, Pierre Gaëtan-Leymarie, e um fotógrafo foram acusados do crime de “charlatanismo”. Os detalhes desse evento explicaremos na dissertação, todavia, para motivos desta introdução, vale dizer que ele foi responsável por “enfraquecer” um tanto o espiritismo europeu. Devido a isso que o Brasil, ao se colocar no cenário espírita, foi importante, e com suas contribuições forneceu material para que essa doutrina pudesse de novo ergue-se para continuar na defesa de seus princípios.

Com isso fechamos a “problemática espírita” tal qual se apresenta como objeto de nossa pesquisa. A modernidade com a sua urbanização, os intelectuais, as idéias e as peculiaridades da formação sócio-cultural brasileira, todos eles em diálogo com o a doutrina espírita, são os atores principais nesse mergulho que damos na busca por fazer uma sociologia das origens do espiritismo no Brasil. O que faremos na dissertação será explorar ponto por ponto os temas que aqui levantamos de maneira sucinta, ampliando essa discussão, e trazendo mais elementos que informem o máximo possível sobre como o espiritismo se tornou possível em nossas terras.

OBJETO & OBJETIVOS.

Tendo em conta o que apresentamos acima, podemos sumarizar o nosso objetivo central, que seria *estudar os elementos do nosso ambiente social e cultural responsáveis pela aceitação e difusão do espiritismo no Brasil*. Juntamente à importância da cultura, devemos lembrar que o espiritismo teve interlocutores que em seu período inicial estabeleceram um diálogo França-Brasil, que ajudaram na importação dessa doutrina francesa para a nossa terra. Chegando aqui, outros atores se movimentaram na colocação do debate espírita, ajudando na sua difusão. Queremos conhecer esses atores e seus lugares de fala, desvendando a sua importância e as influências sociais por trás de suas defesas do Espiritismo. Intentamos entender o que havia de específico em nosso ambiente social que possibilitou a criação do debate em torno do espiritismo, e futuramente, a sua fixação no Brasil.

Nosso objeto é o espiritismo no Brasil à época de sua chegada às nossas terras, assim como suas estratégias, diálogos e resistências na busca por uma inserção no ambiente sócio-cultural brasileiro. As idéias circulantes, as transformações da modernização, os atores sociais responsáveis por trazer e divulgar o espiritismo, enfim, queremos estudar os elementos mais importantes que compunham o quadro de assimilação, e futuramente, de transformação do espiritismo no Brasil. O período abordado será de 1850-1914.

Como relataremos na dissertação, seria por volta de 1848 que os primeiros fenômenos que o espiritismo estudou, e que motivaram sua criação, começaram a surgir. Como falamos anteriormente, eram fenômenos no rol das “mesas girantes” ou dançantes, fenômenos esses que o Brasil também conheceu, como também citamos, nos “salões” da nossa elite. Comenta-se que foi por volta de 1853 que tais eventos foram pela primeira vez noticiados no Brasil, despertando o interesse da imprensa nacional ³². Antes de existir o espiritismo, antes de Rivail se tornar Kardec, os mesmos fenômenos que o codificador da doutrina espírita conheceu, conta-se, alguns brasileiros também tiveram contato. Por isso, em vez de avançarmos para 1862, que é quando o espiritismo começa a efetivamente chegar em nossas terras, fizemos esse também recuo para investigar o “começo do começo”. Isso visa não somente cumprir nossos objetivos de investigação do relacionamento do Brasil com o espiritismo, mas também reforçar a própria investigação sobre os primórdios da doutrina espírita: Kardec alegava na sua *Revue Spirite* de 1858 (o periódico mensal de sua publicação) que o que ele dizia ver e pesquisar estava a se repetir da mesma maneira em muitas partes do mundo. Esses fenômenos - que brasileiros e pessoas de várias partes do mundo alegavam presenciar, e que Kardec transformou na base do espiritismo - pertenciam ao que Arthur Conan Doyle ³³ nomeou de *New Spiritualism*. Como o nome expressa, era um “novo espiritualismo”, só que dessa vez um espiritualismo que dizia contar com a aparição de espíritos (materializações) ou sua expressão por meio de objetos que eles faziam flutuar e “dançar”, tanto para chamar a atenção como para tentar iniciar um processo de comunicar para o “mundo material” a realidade, existência e possibilidades do “mundo espiritual”. As mesas dançavam porque “espíritos” conduziam o seu bailado, nessa busca de tentar se expressar para os do “lado de cá” da vida.

Escolhemos 1850 levando em conta que o espiritismo brasileiro, como o francês, também precisou dos fenômenos *neo* espiritualistas para facilitar sua penetração em nossa realidade. Além disso, e apesar do espiritismo só surgir em 1857 na França e ter

³² Como explicaremos no capítulo dois da nossa dissertação, alguns jornais de alguns estados do Brasil noticiaram os fenômenos da mesa, notícias essas que geralmente vinham acompanhadas de pareceres de intelectuais que tentavam explicar o origem de tais eventos.

³³ DOYLE, Arthur Conan - *The history of Spiritualism*. São Paulo: Pensamento, 1994. Talvez o nome do autor soe um pouco familiar: além de historiador e pesquisador espiritualista e espírita, Sir Arthur Conan Doyle foi o criador do famoso personagem *Sherlock Holmes*.

chegado posteriormente a essa data no país, achamos importante entender um pouco dos seus antecedentes, na busca por mapear o seu solo inicial.

Já para a escolha da data limite, 1914, outros foram os motivos. O ano de 1914 é o período da Primeira Guerra Mundial, que tanto trouxe mudanças para o mundo todo. Após esse período o espiritismo no Brasil começou a ganhar outros rumos, ou melhor dizendo, iniciou uma nova fase, que não é objetivo nosso agora investigar. Basta colocarmos que em 1914 o Espiritismo já estava suficientemente fixado em nosso país, experimentando um crescimento gradual de adeptos e da aceitação de suas idéias e que Francisco Cândido Xavier, o “Chico Xavier”, se encontrava já com quatro anos de idade e, como relatado em algumas de suas biografias, experimentando seus primeiros “contatos mediúnicos”. Foi a partir dele que o espiritismo brasileiro e o mundial conheceram toda uma renovação e consolidação nunca antes experimentadas, iniciando uma nova fase na sua história como doutrina e proposta para a humanidade. Por isso, acreditamos que aos nos restringir até os primórdios do século XX, nesses mais de 64 anos de história, cumprimos de maneira satisfatória nosso objetivo de mapear as origens dessa doutrina em nossas terras, com as implicâncias e relações que desejamos levantar para tornar esse diálogo “Espiritismo-Brasil” um pouco mais conhecido.

HIPÓTESE.

A nossa hipótese central seria que o Brasil com toda sua riqueza e especificidade social foi responsável por renovar o Espiritismo, permeando-o com elementos nossos, possibilitando uma recuperação e, posteriormente, uma nova campanha de divulgação mundial. Sem essa passagem pelo Brasil, ou ele teria desaparecido, ou teria migrado para o seu lado essencialmente “científico”, transformando-se em uma “protociência” sem o respaldo acadêmico, respaldo esse que ainda é muito pouco ou inexistente. Foi no Brasil que o Espiritismo recuperou seu lado religioso, ganhando assim maior poder de sensibilização e de atração. Se hoje o Espiritismo também é conhecido pela

sua ênfase na caridade, no amor ao próximo, ou seja, se ele é percebido também pela sua proposta cristã, muito disso se dá pela sua passagem em nosso país.

Contudo, vale ressaltar que esse resgate da proposta ética e moral cristã que há no espiritismo, ocorrido no Brasil, não deve ser confundido como uma espécie de “anexação” nossa à proposta espírita. O espiritismo começou como “ciência prática”, migrou para um plano filosófico, e em 1863, com o lançamento do *Evangelho Segundo o Espiritismo* por Kardec, o espiritismo mais claramente assume a sua vertente religiosa, ligando seus estudos do plano espiritual a uma proposta da recuperação dos valores cristãos na sociedade moderna e desencantada (WEBER; 1972), esquecida desses valores. Porém, com a morte de Kardec (1869), nota-se que os seus sucessores na condução das pesquisas espíritas viam nesse lado religioso um “sentimentalismo em demasia”, diminuindo-o em razão dos fenômenos advogados como “científicos”, como aparições de espíritos, levitações de corpos pesados, etc. Essa conotação, muito voltada para o lado científico da doutrina, é vista pelo movimento espírita moderno como uma das causas da sua vinda para o Brasil, onde o espiritismo precisava recuperar sua orientação principal: a renovação moral da humanidade. Entretanto, críticos do próprio movimento espírita brasileiro costumam lembrar que no Brasil houve um exagero do lado religioso, como houve um exagero do lado científico na França e principalmente no resto da Europa. Na busca por legitimação acabou-se tolerando certos procedimentos ritualísticos comuns às religiões daqui e que não eram postulados pelo espiritismo e pelo próprio Kardec. Além disso, a preocupação científica e filosófica não tem o mesmo *appeal* para nós como tem o lado religioso-ritualístico: tomar um passe (terapia espírita de transmissão de energia através da imposição das mãos sobre o paciente), livrando-se das “energias ruins” se apresentaria como mais conveniente do que adotar uma doutrina complexa e cheia de princípios, como é o espiritismo.

CONTRIBUIÇÕES SOCIOLÓGICAS.

Acreditamos ser necessário também trabalhar nesta introdução, o pensamento dos autores e escolas sociológicas que nos servem de base para a nossa exploração pessoal do fenômeno espírita, deixar manifesto o que especificamente esses autores têm para contribuir e de que maneira os seus pensamentos serviram de base para as nossas investigações. É o que faremos agora, com os pensadores clássicos que aqui tratamos, e também a seguir, com os autores contemporâneos, que vamos logo expor.

Conceitos e Contribuições da Escola Clássica.

Da escola clássica nos servimos dos seguintes autores: Saint-Simon, Auguste Comte, Durkheim, Weber e Troeltsch.

Estudar a sociologia das origens e suas pesquisas sobre a religião não nos serviu apenas como forma de buscarmos métodos e visões que nos aclarassem como nos aproximar do nosso objeto. Foi uma maneira de também buscar um auxílio para entendermos melhor a própria formação do espiritismo, sua história e as bases de onde ele estava a surgir. Uma pergunta que nos fazemos e que acreditamos relacionar o surgimento do espiritismo com o das ciências sociais seria: haveria uma sociologia dentro do espiritismo, ou uma proposta sociológica, e qual seria essa proposta?

Kardec repetiu mais de uma vez em seus livros que todo o conteúdo daquilo que o espiritismo trazia em seu corpo doutrinário servia a um propósito: ajudar na reforma moral da humanidade, reforma essa que seria a grande responsável para o surgimento de uma sociedade realmente mais justa e feliz. Podemos chamar isso de proposta sociológica? Kardec faz constantemente em seus livros análises sobre as condições da sociedade do seu tempo, seus problemas, e colocava o espiritismo – vivenciado internamente e externamente como ferramenta para a melhora moral do indivíduo – como um dos instrumentos para a resolução desses problemas. Com isso ele compartilhava a mesma orientação de alguns

autores que são essenciais para o entendimento do surgimento e estabelecimento de nossa ciência: os “utópicos” das origens. Kardec, assim como esses autores, colocou sua proposta juntamente a um plano de “dever-ser” social: o espiritismo, seu estudo e sua proposta forneciam elementos para se pensar uma sociedade melhor.

Se aceitarmos Saint-Simon, Comte, Fourier e tantos outros como “sociólogos” e em certo plano concordarmos que parte dos seus estudos foi a busca por estabelecer uma “sociologia”, então Alan Kardec também foi sociólogo, e de certa maneira, também fez sociologia? Seria ele um utópico? Essa é outra discussão, já que não há acordo com esse termo, que é de utilização marxiana e marxista. O que podemos dizer é que Kardec partilhou de uma perspectiva sociológica que era comum ao seu tempo e a inseriu na elaboração da proposta espírita. Assim como Comte colocava o Positivismo, Kardec colocou o Espiritismo: como etapa privilegiada do momento humano, e que nos serviria como ferramenta para conseguirmos dar o “salto de qualidade” hegeliano rumo a formas de pensar mais de acordo com a modernidade.

Kardec também partilhava da orientação sociológica de Saint-Simon, ao trabalhar o espiritismo dentro de uma proposta de dever-ser da sociedade. Além disso, ele também pregava que esse dever-ser só era possível com um resgate do “cristianismo original”, ou seja, daquilo que Jesus havia deixado de mensagem para a humanidade. As igrejas haviam distorcido e contaminado o pensamento evangélico das origens, deturpado sua mensagem e assim prejudicando a sua apreensão. Era necessário recuperar essa mensagem em sua máxima pureza, e colocá-la em prática. Saint-Simon fala da “filantropia”, como instrumento dessa nova *práxis* social. A divisa maior do espiritismo é *fora da caridade não há salvação*: “Porquanto uma virtude não basta: é necessário uma virtude *ativa*”³⁴. Caridade é o Evangelho posto em prática. Apesar de Saint-Simon não ir tão fundo em suas defesas, Kardec, assim como ele, só enxergava um caminho: recuperar o cristianismo de suas “distorções históricas” e colocá-lo em ação, para que assim a humanidade pudesse superar a “crise”, superação essa que nos permitiria uma existência mais digna.

³⁴ KARDEC, Alan – *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

Já com Comte podemos notar não só preocupações e propostas parecidas, como também o positivismo fornece chaves de leitura muito importantes de toda a luta da religiosidade e, de certa maneira, da religião, para sobreviver às mudanças do século XIX. Sabe-se que ela foi o alvo de críticas duras, por representar a tradição e uma forma de pensar a sociedade e o mundo que não condiziam mais com as idéias dos novos tempos. Tendo em vista isso, tanto o Espiritismo como o Positivismo procuraram estabelecer um plano de conciliação: religião e ciência podiam habitar o mesmo plano. Talvez possamos discordar disso, quando abordamos o positivismo, visto que Comte dizia que a religião era uma etapa “superada” do pensamento humano. Mas foi isso que efetivamente veio a ser posto em prática? Sabemos que não. O positivismo acabou se mostrando, como na ironia frankfurtiana ³⁵, uma “nova religião” que tentava se colocar no lugar da “velha”. Ao atacar a religião, o positivismo nada mais fazia do que tentar tomar o lugar dela, inclusive estabelecendo regras de culto e até mesmo uma “catequese”. De qualquer maneira, apesar das contradições da proposta positivista, fica manifesto o interesse da tentativa de “conciliação” entre a religiosidade e o pensamento científico. E esse é o maior foco de resistência que o espiritismo também encontrou e encontra até hoje, devido às orientações hegemônicas e os paradigmas ainda em voga na ciência e na filosofia. Todavia, o positivismo foi essencial na constituição do espiritismo, tanto pelo método quanto pela sua história. Kardec não deixa manifesto suas leituras de Comte, mas todo o plano de tentativa científica do espiritismo está amplamente respaldado e apoiado no positivismo. A crença na ciência, dentro do espiritismo, é tão grande quanto a crença nos espíritos e na reencarnação. Só por meio dela, defende o espiritismo, que a religiosidade pode entrar em acordo com os novos tempos, pois sem a aliança entre a fé a razão, ambos os lados (religião e ciência) saem prejudicados porque cada uma atinge apenas parte da verdade. ³⁶

Em suma, estudamos os autores utópicos porque acreditamos que eles nos fornecem elementos mais do que importantes para desvendar a formação e a proposta “sociológica” que há dentro do espiritismo: Kardec era francês assim como Saint-Simon e Comte, e estava imerso numa sociedade pós-revolução que ainda vivia imersa nos abalos causados pelas revoluções burguesas. Ao elaborar o espiritismo Kardec partilhava de uma

³⁵ HORKHEIMER, M & ADORNO, TW - *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro. Zahar, 1985.

³⁶ “Fé inabalável é a fé que pode encarar a razão, frente a frente, em todos os momentos da humanidade”. KARDEC, Alan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit.

maneira de fazer sociologia que foi comum à sua época, que era pensar e propor soluções para essa crise. Entendendo os utópicos entendemos mais o espiritismo. E acreditamos também que entendendo mais sobre o espiritismo descobrimos algo mais sobre o surgimento da sociologia, os desafios do seu tempo, os caminhos escolhidos por alguns atores que se envolveram com ela, etc., contribuindo assim um pouco mais para a nossa maneira de também fazer sociologia.

Agora voltando mais diretamente aos motivos deste tópico, podemos dizer que as influências de autores como Durkheim, Weber, Troeltsch, etc, são menos problemáticas e carecem menos de explicações mais demoradas. Suas contribuições seriam de ordem mais pragmática: seus conceitos nos ajudaram a delinear o método de abordagem do fenômeno religioso em questão. Com Durkheim aprendemos que a objetividade e exterioridade da religião enquanto fato social dotam-na de historicidade, o que nos permite a aproximação e investigação sociológica. Enxergar o sagrado *da* sociedade, ou seja, sua relação com as instituições humanas, é uma maneira de entender parte desse diálogo religião-sociedade. E o estudo desse diálogo ficaria mais evidente em Weber e Troeltsch, que demonstraram não só a religião na história, como também a religião *sobre* a história, ou seja, a capacidade que ela também teria de “pressionar” a conduta humana. É com Weber e a escola alemã que estamos aprendendo a dissecar o fenômeno espírita, buscar suas componentes e seus pontos de contato com a sociedade brasileira, sua força e sua pressão sobre a nossa história. Além disso, a noção de carisma é um dos alicerces principais da nossa tese sobre o espiritismo brasileiro, pois o utilizaremos em nossa defesa de que o espiritismo muito deve à postura e a ação de um espírita brasileiro ao tempo de sua chegada no Brasil: o médico cearense Bezerra de Menezes. Devemos a Weber uma melhor compreensão do valor do indivíduo na história e sua capacidade de ação.

Com isso finalizamos os autores clássicos. Em suma, deles retiramos uma noção melhor da constituição de uma sociologia em tempos de crise e sua abordagem do fenômeno religioso (Saint-Simon, Comte, e um pouco Durkheim), o que nos permitiu entender a própria constituição do espiritismo, como também conceitos importantes para os nossos estudos e teses (Durkheim, Weber, Troeltsch). Podemos agora tratar da sociologia contemporânea, suas investigações e contribuições para o nosso trabalho.

Conceitos e Contribuições da Escola Contemporânea.

O grande tema da sociologia contemporânea da religião, se assim podemos dizer, o tema que uniu as diversas escolas que aqui tratamos, foi o “desencantamento” weberiano e a suposta “morte das religiões” que a modernidade parecia trazer como parte de seu desenvolvimento.

Esse tema é de vital importância para nossa pesquisa, porque o espiritismo é uma doutrina que justamente surge no momento em que o “desencantamento do mundo”, tal qual definiu Weber³⁷, ganhava força e se mostrava como novo eixo orientador do pensamento humano. A sentença positivista que dizia que “o tempo das religiões havia passado” tinha quase o peso de uma lei. Então, como o espiritismo conseguiu espaço a ponto de crescer rapidamente em poucos anos, no meio justamente da sociedade européia desencantada?

A escola francesa, com Gabriel Le Bras e Jean Séguéy, e depois nossas leituras de Thomas Luckmann e Brian Wilson (esse já tratando mais a realidade do “terceiro mundo”) nos forneceram o material necessário para entender e diferenciar o que acreditamos serem dois pólos diferentes da realidade religiosa: teologia e religiosidade. Ou seja, a parte “visível” (objetiva) da parte “invisível” (subjéctiva) da religião.

Logicamente, novas estratégias surgiram para se lidar com as mudanças que a modernidade trazia consigo. E o espiritismo se apresenta como uma dessas alternativas. Ele se insere no momento em que o calor dessa briga entre tradição e modernização estava mais aceso. E é interessante notar como ele antecipou o que esses autores contemporâneos enxergaram como a presença de uma dualidade no seio do pensamento religioso: a esfera do objetivo, do culto, do ritual, da teologia, e a esfera do subjéctivo, da leitura pessoal da religião, seus atributos psicológicos, o seu drama interno. O espiritismo sempre se colocou

³⁷ “O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo ‘desencantamento do mundo’ levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes”. WEBER, Max – *Op. Cit.*

“acima” das religiões: ele não queria aparecer como mais um culto. Kardec defende que o espiritismo podia ser vivenciado com qualquer outra religião, que você pode ser espírita e católico, espírita e taoísta, porque os espíritos *existiam*, ou seja, faziam parte da “natureza”, e com isso estavam em um reino neutro, não pertencendo a nenhuma visão de mundo mas sim à própria realidade em si.³⁸

Mas como isso era possível? Seria o espiritismo uma religião de caráter integrador ou na verdade continha em si um totalitarismo abrangente disfarçado de tolerância? Ao que nos parece, na verdade, o que Kardec fez foi procurar separar o espiritismo dos espíritos: o espiritismo era a doutrina que falava dessa dimensão espiritual que então começava a aparecer com mais força na história humana. Como doutrina, era parcial, incompleta, ainda longe de dar a palavra final sobre o assunto. Desde o começo, o pedagogo lionês procurou dar essa aparência “razoável” sobre os conhecimentos que sistematizava. Mas ao mesmo tempo, ele deixava claro e manifesto que os espíritos existiam. Não pertenciam a nenhum reino religioso, mas sim faziam parte das leis da natureza, habitavam a mesma realidade que nós, dentro de nós inclusive, mas em dimensão e composição diferentes. Ao espiritismo coube fazer as primeiras aproximações sobre o assunto. De resto ele contaria com outros investigadores, com outras ciências, filosofias e mesmo religiões para colaborarem nesse processo da final revelação da realidade espiritual ao humano, derrubando assim velhos misticismos e velhas teologias obscurantistas.

Em suma, o espiritismo colocava uma dimensão inerente à condição humana, algo imortal, divino, mas que ao mesmo tempo estava acima de qualquer religião. O “espírito” - tal qual foi trabalhado por Kardec e é trabalhado por tantos autores espíritas - seria a dimensão da religiosidade humana, que comprovava sua filiação e participação em um universo regido por um ser supremo. Todavia, essa nova ontologia estava ainda longe de ser esgotada pelas religiões e demais formas de conhecimento que se debruçavam sobre ela. O espírito, o imortal em nós, fonte do sagrado em nós, extravasa o que se tenha dito sobre ele. Foi talvez essa separação de “reinos” que tenha permitido ao espiritismo

³⁸ KARDEC, Alan – *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1998. ; *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1997. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit.

sobreviver, e mesmo crescer, em um tempo que aparentava ser antagônico ou mesmo hostil a qualquer coisa que parecesse religiosa.

Todas as demais escolas, como a dos Estados Unidos e a italiana, trazem contribuições no mesmo sentido: de uma melhor definição e exploração daquilo que seja religião e daquilo que seja religiosidade. Foram esses autores que tornaram e continuam a tornar possível para nós o avanço de nossos estudos sobre o espiritismo e sobre a religião em si. Suas pesquisas nos serviram para reafirmar essa diferenciação que vem crescendo com o avanço das novas ideologias que se consolidaram com a modernidade. Cada vez mais, nos mais diferentes lugares, os seres humanos estabelecem estratégias que, se não delimitam, localizam melhor o avanço da secularização sobre a esfera religiosa. E se lemos corretamente esses autores, acreditamos que essa diferenciação será cada vez maior, a ponto da “religião de Igreja” ou desaparecer ou se tornar apenas um ponto de suporte doutrinário para aqueles que ainda sentiriam dificuldades em viver a religião subjetivamente. Essa hipótese seria a grande contribuição que esses autores trouxeram para nossas pesquisas e para a maneira como interpretamos e estudamos o espiritismo em seu movimento histórico pelas nossas terras. Seus estudos nos possibilitaram entender e delinear um pouco melhor o “campo dos possíveis” que permitiram a essa doutrina um florescimento e mesmo um crescimento em suas relações com os meios sociais que a receberam.

FORMAS DE OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA.

Nossa pesquisa é uma pesquisa essencialmente bibliográfica e documental. Mergulhar no passado significa mergulhar nos livros e buscar neles chaves que nos permitam acessar uma época, com seus costumes, escolhas e propostas. Foi o que fizemos. Lemos e pesquisamos na tentativa de retirar dos textos todos os elementos que nos esclarecessem sobre o espiritismo, sua relação com o nosso país, e as transformações que advieram desse contato. Entretanto, dentro do material disponível fizemos algumas

escolhas, escolhas essas que estarão mais bem definidas em nossas exposições ao longo de nosso trabalho.

Concluimos agora com somente mais alguns detalhes técnicos sobre a composição da dissertação em si.

A dissertação está repartida em três capítulos, além da introdução e conclusão. Na introdução, como vimos, fizemos uma aproximação do problema de pesquisa e considerações iniciais pertinentes. No primeiro capítulo trataremos sobre as “As Fontes Históricas do Espiritismo”. Ciências, religiões e filosofias que, acreditamos, influenciaram o espiritismo na construção de sua visão de mundo, e por isso fazemos um breve balanço de algumas delas. No segundo capítulo trataremos do “Espiritismo” em si, contando sua história e suas principais idéias. Todavia faremos isso relacionando este capítulo com o capítulo anterior, extraindo das “fontes” os principais elementos que sugerimos possuir um poder de explicação sobre a constituição da doutrina espírita. O terceiro capítulo virá com um “Panorama Social Brasileiro”, informando o leitor sobre a construção do século XIX no país, extraindo assim elementos críticos para a montagem do quadro social responsável por receber o espiritismo. Além disso, é nesse capítulo que tratamos do “Espiritismo no Brasil”, onde tentamos sintetizar e historiar os elementos delineadores da especificidade do Espiritismo brasileiro, suas características, seus fundamentos, etc. Fecharemos com nossas conclusões sobre o tema, num esforço de contribuir para a compreensão da história social do Espiritismo no Brasil, na esperança que os interessados no tema possam colher elementos que o ajudem na percepção dessa doutrina em nossas terras.

Esse seria então o plano de obra da nossa dissertação. Esperamos ser felizes em nosso intento de apresentar esse lado pouco conhecido da formação do espiritismo em nosso país, contribuindo assim para a composição de um quadro mais completo sobre a nossa própria formação social.

CAPÍTULO I

As Fontes Históricas do Espiritismo.

O século XIX foi constituído por avanços decisivos e irreversíveis. O conceito de “modernidade” ou de “sociedade moderna” toma corpo e vigor apoiado no trabalho inovador de pensadores (principalmente filósofos) dos séculos imediatos a ele, primordialmente do século XVIII, que teve no Iluminismo o momento emblemático de toda essa busca por uma nova síntese criativa sobre a realidade humana.

O Espiritismo, inicialmente, nada mais seria do que mais um eco desse tempo de significativas mudanças. Veio tratar de uma dimensão, a religiosa, que estava sofrendo com os ataques dos novos postulados da ideologia do momento: a racionalização do saber humano, a necessidade da previsão e do cálculo, o domínio técnico sobre a realidade, e principalmente, a crescente secularização. Nas mãos de uma tradição envelhecida e baseada sobre outras formas de ver o mundo e os viventes, a religião parecia recuar, fazendo como que muitos pensadores, tanto do século XVIII como do XIX, imaginassem estar assistindo ao “fim das teologias” e o surgimento de uma nova era, a era do monopólio do saber científico.

Atuais pesquisadores do fenômeno religioso, já armados de um instrumental de análise mais preciso fornecido pelo avançar do tempo e do contato com a experiência da modernidade, nos alertam que a imaginada “morte das religiões” não ocorreu³⁹, o que se percebe claramente hoje em dia, e que elas continuam a possuir lugar privilegiado e um poder de fala extremamente decisivo sobre o real.

³⁹ Tratamos desses autores na introdução da nossa dissertação.

Intentamos neste capítulo fazer uma análise do fenômeno espírita, traçando as suas origens e relacionando-o com o seu tempo. Para isso, iremos fazer inicialmente um breve balanço das possíveis fontes históricas do espiritismo, do ponto de vista da filosofia, da ciência e da religião. Idealismo, positivismo, espiritualismo, mesmerismo⁴⁰, magnetismo, naturalismo, entre outras, são as palavras-chave que irão ter uma relação marcante na formação da doutrina espírita. Já no próximo capítulo, entraremos na constituição do Espiritismo, trazendo à tona a figura de *Hippolyte-León Denizard Rivail*, mais conhecido pelo seu pseudônimo – *Allan Kardec* –, que foi o responsável por “codificar” o espiritismo, delineando a sua proposta⁴¹. Entretanto, essa exposição do espiritismo será feita por meio de uma correspondência com os temas tratados neste capítulo, sondando a relação da França do Séc. XIX, com suas efervescências políticas, suas filosofias, ciências e religiões, com a doutrina espírita, marcando assim as suas origens. Com este esforço, esperamos trazer à tona elementos que demonstrem o espiritismo não como um corpo de doutrina esotérico e fantástico, mas como um discurso religioso com raízes sócio-históricas nítidas e bem percebidas.

1. AS PROVÁVEIS FONTES HISTÓRICAS DO ESPIRITISMO.

Para uma melhor compreensão do assunto, separamos essas fontes nas três correntes principais do conhecimento: filosofia, ciência e religião. Esperamos com isso demonstrar, já no próximo capítulo, como o espiritismo se serviu de cada uma delas, formando assim uma ligação entre a sua proposta doutrinária e as questões/conhecimentos do seu tempo.

⁴⁰ Doutrina atribuída a *Franz Anton Mesmer* (1734-1815) “médico” que iniciou a teorização do “magnetismo animal”. Veremos seguidamente, a importância do mesmerismo e sua relação com o Espiritismo.

⁴¹ WANTUIL, Zeus & THIESEN, Francisco – *Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 1973.

1.1. Filosofia.

Desde o século XVI, a filosofia moderna paulatinamente requisita para si autonomia em relação à teologia. O humanismo dá passos mais seguros e coloca o homem como o verdadeiro objeto da filosofia. A epistemologia e a metodologia entrariam em cena, reafirmando aquilo que se configurou como uma reação do saber contra a tradição medieval.

Algumas escolas filosóficas seriam emblemáticas quando falamos da construção do pensamento moderno: imanentismo, humanismo, naturalismo, racionalismo, empirismo, iluminismo. Todos esses elementos-base da modernidade filosófica têm o seu reflexo na proposta espírita. E para compreendermos melhor a formação desses valores em sua relação com o nosso objeto de pesquisa, façamos breve sinopse dos principais, idéias, pensadores e escolas que mais tiveram relevância para a formação do espiritismo.

Na base de toda a filosofia francesa, um autor até hoje ocupa um lugar privilegiado pelo seu pioneirismo e pela sua contribuição. Ainda no século XVII, *René Descartes* (1596-1649) cooperou para a consolidação do racionalismo, deixando o caminho aberto para a filosofia na sua busca pela autonomia e para a consolidação da ciência. Uma das grandes contribuições de Descartes foi a idéia do *inatismo*, onde o ser já possuía em si certas idéias inatas - nascidas consigo devido ao fato de ser ele um ser racional, possuidor da razão - que o ajudariam na compreensão da realidade, como a idéia de infinito, eterno, perfeito, etc. Desse modo, o filósofo francês acabou por estabelecer uma “supervalorização da razão” em detrimento do conhecimento sensível, o que contribuiu diretamente para o surgimento do Idealismo, onde a razão ocuparia um lugar privilegiado - e em muitos momentos, determinante - na apreensão do real.

Outra grande contribuição de Descartes, contribuição que percebemos atingir muito a concepção filosófica do espiritismo é o *dualismo*. De acordo com o dualismo, a mente é uma substância distinta do corpo. O conceito de mente pode ser aproximado ao conceito de intelecto, de pensamento, de entendimento, de espírito e de alma do ser

humano. René Descartes propôs o dualismo das substâncias (que seriam uma entre duas coisas: *res cogitans* ou *res extensa*). Para ele o espírito e o corpo seriam nitidamente distintos. Espírito e matéria constituiriam duas realidades irreduzíveis, e assim não seriam nunca uma substância só, mas sempre duas substâncias distintas. Espírito seria do mundo do pensamento, da liberdade e da atividade; e matéria seria do mundo da extensão, do determinismo e da passividade. O espírito (com seu pensamento e o intelecto) estaria para o corpo assim como a mente estaria para a alma. Dessa forma, a mente seria aquilo que do espírito parece distinto mas realmente não é distinto, continua sendo *res cogitans*. A dualidade espírito-mente acabaria por se mostrar uma falsa dualidade, seguindo o pensamento de Descartes. Somente a mente pareceria distinta porque apresenta-se quase estática, já que é reflexiva, por sinal, quase palpável; enquanto o espírito aparece aos sentidos como ativo, criativo, mutável etc. Enquanto o espírito seria o ativo da substância *res cogitans*, a mente seria seu ângulo potencial, aquilo que o pensamento tem de ponderável, como um pensamento que se adensa ou se aprofunda em um assunto, talvez o subjetivo do pensamento. A mente seria ao sentido como um imponderável que seria mensurável.⁴²

Já o Imanentismo vem por meio da figura de Bernadino Telésio (1509-1588), seu principal expoente. *De rerum natura iuxta propria principia* foi sua obra fundamental. Sua preocupação principal seria explicar a natureza pela natureza, todavia, levando em conta determinadas implicações metafísicas:

*“Haveria no homem também uma alma que transcende a natureza e o mundo material, criada e infundida por Deus. Por conseguinte, o homem pode pensar e querer o supra-sensível, o eterno, e dominar com a vontade livre as tendências naturais. Desse modo, acima da ciência é posta e justificada a fé e a revelação”.*⁴³

Seguindo o costume de vários pensadores do seu tempo, Bernadino tenta aproximar a religião da filosofia, na busca por uma síntese que informasse a respeito de

⁴² LALANDE, André – *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁴³ Id. Ib.

um “real”, mas um real divinizado, que levasse em conta o “eterno no transitório”. Começa tratando de aspectos materiais do seu método filosófico e termina sentenciando que no homem existe algo que vem de Deus, a alma, relacionando ambos como presentes numa só e mesma natureza. Todavia, essa relação não é totalmente harmoniosa. A alma, princípio de Deus no humano, estimularia o ser a olhar a religião não só como forma de se encontrar, de buscar uma explicação para si dentro de si mesmo, mas também como combustível para lutar com o aspecto “ruim” da natureza em si, ou seja, o “arrastamento da carne” para então poder “dominar com a vontade livre as *tendências naturais*”. A alma fazia parte da natureza, mas de uma natureza “melhor” (“acima da ciência”) que permitia a ele lutar e vencer as “tendências naturais” que prejudicariam a sua “vontade livre”, ou sua “razão”, se assim podemos inferir.

Ainda para Lalande⁴⁴, os princípios fundamentais do imanentismo seriam:

“1º A opinião segundo a qual o sentimento religioso brota ‘por imanência vital’ das profundezas da subconsciência; que é o germe de toda religião e esta, por conseqüência, é apenas ‘um fruto próprio e espontâneo da natureza’. 2º A opinião segundo a qual ‘Deus é imanente ao homem, o que implicaria logicamente que a ação de Deus se confunda com a da natureza e ‘que não haja nenhuma ordem sobrenatural’”. [grifos nossos]

Apesar de todo o debate instalado pelos modernistas e seus críticos, sobre a sua interpretação do conceito de imanentismo⁴⁵, em suas bases originais o imanentismo é a doutrina da imanência, do “religioso em nós”, o que implicaria em trazer para o reino do natural o que era visto como sobrenatural. Mas apesar de naturalizar a alma, ela não perde o seu status superior: continua como sede maior da “razão”, ou do “melhor em nós”, num trabalho de “divinizar” a parcela da natureza que ainda não está em seu nível. Como

⁴⁴ LALANDE, André – *Op. Cit.*

⁴⁵ “Rejeitar como convencional a representação abstrata e parcializada do real”. Esse seria o “nosso imanentismo” segundo os modernistas. Ainda com Lalande, e também com Fouillée, Mentré e Boisse, tal idéia do imanentismo não informa nada, por não constituir “a definição específica e distinta de um método. Todo filósofo pretende não se contentar com uma representação desta espécie.” O imanentismo modernista, seria segundo Mentré, mais “uma moda poética”, uma filha do desejo irrefletido de contestar por contestar. “O termo imanentismo é vago, é porque a doutrina [tal qual com os modernos] também o é”, setenciaria Fouillée.

veremos no próximo capítulo, esses são conceitos muito importantes na defesa que Kardec irá apresentar a respeito da legitimidade e missão da doutrina espírita.

Da metade para o final do século XVIII, um movimento filosófico, e posteriormente mais artístico, começa a se formar na Europa, tendo na Alemanha o seu grande berço: o Romantismo. Configurando-se como uma reação às prioridades do Iluminismo, o romantismo procura deslocar a reflexão filosófica de uma crítica da metafísica, para o plano da estética, história e lingüística. A arte começa a exigir seu espaço, e para isso, vem apoiada em um corpo de filosofia. Schiller, Herder, von Humboldt, são os grandes nomes que, desenvolvendo as teorias de Kant, Leibniz e Vico, permeiam o romantismo de uma base filosófica.

No começo do século XIX um filho dileto do romantismo começa a ganhar a arena filosófica por desenvolver a proposta romântica ao mesmo tempo em que procura resgatar certos “valores perdidos” pela reação Iluminista. O Idealismo seria uma resposta às origens do racionalismo cartesiano. Novamente teve berço na Alemanha, sendo um dos desenvolvimentos do romantismo. O idealismo se contrapõe ao *data* baconiano, reduzindo tudo a uma imanência absoluta: o ser, possuidor da razão, era completo, distinto. Fichte, Schelling, e mais notadamente Hegel, são os responsáveis pelo desenvolvimento dessa tradição que varreu a Europa. *Der Geist* era o princípio inteligente da natureza, dotado de um ditatorial poder explicativo do real.

A expressão literária do Romantismo na França merece um parêntese nosso, pois apesar de não estar contida na filosofia em si, tem conseqüências filosóficas e importantes, não só para o espiritismo, mas para todo o pensamento francês. O romantismo começa a ganhar força na França durante o período de “paz” proporcionado pelo 1º império de Napoleão Bonaparte, e posteriormente, pela “Monarquia de Julho” de Luís Felipe. Essa paz se interrompe com a Revolução de 1848, e depois é restabelecida com o 2º Império de Napoleão III. Esses períodos de aparente calma, ou melhor, da não presença de um conflito aberto - já que o conflito existia de forma latente - foi importantíssimo para que a França experimentasse outras filosofias que não fossem a do

imediatismo político, da insurreição. Com o romantismo, o espiritualismo⁴⁶ ganha espaço, e as doutrinas do visionário sueco Emmanuel Swedenborg⁴⁷, da teurgia de Martines de Pasqually e a mística de Claude Saint-Martin são retrabalhadas pela *intelligentsia* francesa. Juntamente com a influência do mesmerismo – que sondaremos adiante – e do avanço dos estudos da psique humana, cria-se um ambiente favorável na França para outras buscas, para uma sondagem artística de *l'au-de-là*. Todos os artistas do romantismo, do simbolismo, e do próprio teatro realista, que surgia como uma reação a essas tendências, se viram inseridos nessa grande polêmica, dessa busca por uma ampliação da percepção do mundo sensível. A busca utópica do romantismo, seja ele espiritual ou social, inaugurou toda uma nova filosofia, aproximando o espiritual, o mundo das essências, da estética. Em suma, apesar dos problemas políticos da França, o romantismo conseguiu deixar marcas profundas na mentalidade dessa nação, marcas essas que serão sentidas durante todo o século XIX, inclusive no espiritismo.

Certo que esse ambiente de incertezas foi propício para o surgimento das reações do Idealismo, que falava de uma realidade e conceitos para lá da história e do tempo. Entretanto, eram expressões filosófico-artísticas da tentativa de fuga de uma realidade. Apesar dos momentos de paz aparente (que contribuíram para o romantismo e o idealismo), a filosofia francesa do século XIX se via imersa na crise permanente que foi inaugurada com a revolução de 1789. Pensar era pensar primordialmente o social, era tentar enxergar uma solução, uma ordem para o caos que vivia a sociedade francesa. Filosofias, ciências, artes e religião, todas ao seu modo tentavam, às vezes juntas, às vezes em antagonismo, resolver essa situação.

⁴⁶ A seguir faremos uma diferenciação entre o “Espiritualismo”, que Kardec define como uma das bases do espiritismo, do espiritismo em si.

⁴⁷ Místico sueco do século XVIII. Swedenborg é considerado um dos precursores do espiritismo e do neo-espiritualismo por ter sido aparentemente dotado de muitos dos ditos dons mediúnicos catalogados mais tarde por Kardec e outros pesquisadores do espiritualismo. Teria assombrado muito o seu tempo, supostamente prevendo acontecimentos e catástrofes, além de ter elaborado uma teologia que foi seguida por um corpo de discípulos. O *swendeborgismo* (ou a “Igreja de Swedenborg”) era muito famoso à época, e o seu patrono atraiu as atenções de muitos intelectuais, entre eles, Kant. Os outros dois místicos, Pasqually e Saint-Martin, eram famosos, mas sem uma produção tão significativa, sendo mais conhecidos somente em algumas partes da Europa, como a França.

É como uma dessas tentativas é que surge uma das grandes expressões filosóficas da França: o socialismo. Segundo SIMÕES & FEITAL (2004) “A palavra socialismo surge pela primeira vez na França, em artigo de novembro de 1831 no jornal *Le Semeur* e depois em fevereiro de 1832, em *Le Globe*, em ambos os casos, opondo-se à idéia do individualismo”. Surge na França como reação às ideologias que se instalaram após a revolução de 89, do individualismo, do *laissez-faire*. O socialismo buscava ser a doutrina da justiça social, uma filosofia que pregava que todos mereciam ter as mesmas condições para sobreviver.

É nesse ambiente de pobreza e incertezas que o socialismo se desenvolve. O socialismo francês foi representado principalmente pela escola “utópica” de Claude Henry de Saint-Simon, de quem falamos anteriormente, e Charles Fourier. No caso do primeiro, o socialismo seria a expressão de um governo justo, que contemplasse todos os setores da sociedade, liderado pelos “notáveis”: sábios e industriais. Esses sábios se encarregariam também de – por meio da “ciência das sociedades” (Sociologia) – estudar as necessidades da população para, juntamente aos industriais, suprir as suas carências. Saint-Simon acreditava que a ciência iria tomar o lugar da religião, e que levaria os homens ao “novo cristianismo” liberto dos dogmas das teologias medievais. A ciência positiva vinha respondendo a um progresso necessário e ininterrupto, e iria consolidar as bases da nova sociedade. Já Fourier é um tanto singular em seu projeto. Tendo vivido em Lyon, centro do operariado francês, esse autor teve um contato mais direto com a realidade trabalhista, diferentemente de Saint-Simon. Fourier foi o responsável pela elaboração da idéia dos “Falanstérios”, espécie de comunidades de trabalho/moradia, onde se tentava integrar o trabalho à vida do trabalhador de maneira mais sadia, sem as distorções que ele enxergava na comunidade capitalista. Entretanto, Fourier era contrário à Revolução (esteve preso na época do diretório) e era em certa medida antidemocrático, por ser contrário aos ideais de 89. Também como Saint-Simon, Fourier tinha uma concepção evolucionista, enxergando a história por meio de fases que terminariam no período de harmonia. No momento em que estava, a humanidade vivia no período de civilização, devido aos avanços da indústria,

mas para alcançar a harmonia faltava estender os benefícios da sociedade industrial à toda população.⁴⁸

Por fim temos Auguste Comte (1798-1857), que foi discípulo de Saint-Simon. Comte se apropria de muitas idéias do mestre, como a evolução⁴⁹ da humanidade por fases (teológica, filosófica e positiva) e o culto da ciência. O positivismo, a sua grande teoria, assim como o empirismo, estabelecia o plano fenomenológico como o critério da verdade, buscando nos fatos e na experiência imediata e pura, leis mecânicas de associação e evolução. Porém, apesar de pregar o fim do período da religião, o Positivismo, de maneira contraditória, acabou se estabelecendo como um culto moderno, possuindo inclusive um “Catecismo Positivista” com direito a um “clero” próprio. Em suma, enquanto ciência postulava o repúdio à metafísica e às essências, reduzindo a filosofia à metodologia e a sistematização das ciências. Como culto, colocava a ciência no lugar da religião, e a ela prestava reverência, sacralizando-a como a nova tábua de salvação da humanidade. Todavia, apesar desses problemas, o positivismo ganharia a França e o mundo, sendo que seus reflexos são sentidos até hoje nas inúmeras polêmicas epistemológicas do meio acadêmico.

⁴⁸ O socialismo só irá ser visualizado como ciência por meio da contribuição de Karl Marx e Friederich Engels. Com eles, o socialismo ganha um plano teórico-científico e um projeto prático-revolucionário, aliando a ciência e a filosofia com a política. Marx, juntamente com Engels, procurou reagir ao idealismo e ao materialismo vulgar da tradição da esquerda hegeliana, postulando o seu materialismo-dialético. As teorias de Marx são mais do que importantes para o seu mundo e para o nosso mundo. Com ele, a natureza ganhou, antecipando-se um pouco a Darwin, um caráter evolutivo e dinâmico devido à ação do homem na busca pelo suprimento de suas necessidades. As leis de evolução da humanidade ficam explícitas na história, que assim como em Vico, é vista como uma ciência, ou melhor, a ciência por excelência. No plano econômico, político e social, todo o movimento trabalhista e as relações de trabalho capitalista se viram afetadas pela contribuição combativa a esse sistema que Marx e Engels enxergavam como injusto e alienante. O mundo francês não foi indiferente a Marx, como bem sabemos, tendo suas teorias contribuído para o clima de busca por mudanças que atravessou esse país durante todo o século XIX.

⁴⁹ Falamos da idéia da “evolução”, porém, devemos lembrar que essa idéia só foi realmente colocada de maneira clara para o mundo, por meio da obra de Charles Darwin (1809-1882). A *Origem das Espécies* de Darwin foi um marco no pensamento mundial, mudando toda uma mentalidade construída na história, que dava um caráter estático-perfeito à natureza, obra de Deus. Evolução, antes de Darwin, era visto no sentido de progresso, um caminho a ser seguido e que sempre aparecia como melhor quando comparado com o momento anterior. Contudo, apesar do caráter inovador de Darwin, ele não foi único a conceber a teoria da seleção natural e da preservação do ser mais adaptado ao meio (o cerne da teoria evolucionista). Alfred Russel Wallace também teve essa intuição ao longo de seus estudos de história natural. Darwin e Wallace tiveram suas obras apresentadas para o mundo acadêmico no mesmo dia perante a *Sociedade Lieneense de Londres*. Apesar de terem chegado às mesmas conclusões, elas foram obtidas de maneira totalmente independente. Wallace, inclusive, foi um defensor do novo-espiritualismo do século XIX, tendo escrito obras a respeito.

Com o positivismo, chegamos ao período de consolidação da hegemonia do saber científico. A filosofia tinha aberto o caminho para a ciência, que a partir de então será a grande força explicativa do real, propondo também novos caminhos na sua busca por autonomia.

1. 2. A Ciência.

Até mais do que a filosofia, a ciência foi a grande *vedette* do avanço do saber humano, desde meados do século XVI. Até metade do século XVIII, a física, a química e a astronomia ocupavam um lugar de destaque em relação às outras ciências, que ou não estavam desenvolvidas, ou davam apenas os seus primeiros passos. Porém, no século XIX, há a eclosão de especializações das ciências, em mais uma busca por ampliar os horizontes do conhecimento. Todas elas têm sua importância para o Espiritismo, visto que ele procurou se relacionar com todas elas. Além disso, Kardec, como veremos adiante, tinha passagem como pesquisador em vários ramos científicos, desde a pedagogia da gramática francesa, até a matemática, química, física e anatomia. Entretanto, como não podemos nos centrar no desenvolvimento de toda a ciência no século XIX, buscaremos falar da que mais teve repercussão para o Espiritismo: a físico-química do magnetismo. Nas suas derivações, ela irá formar o mesmerismo e/ou magnetismo animal, de suma importância para a parte prática da doutrina espírita, ou a teoria das manifestações físicas, de Kardec⁵⁰.

Na física, desde o final do século XVIII, avanços consideráveis vinham sendo feitos. Os estudos sobre o calor tiveram importância fundamental na revolução industrial, devido às máquinas térmicas. Todavia, são nos estudos de eletricidade que residem o elo que irá aproximar a física das outras ciências, especialmente da química e da biologia. Sem desmerecer os trabalhos de Benjamin Franklin e Charles-Augustin de Coulomb, sobre a estática, é Luigi Galvani (1737-1798) o grande nome do final do século XVIII, por ter lançado as bases do magnetismo (animal), em 1780. Estando um dia em sua casa, sua empregada o serviu um prato de rãs, e curiosamente, apesar de mortas, Galvani notara que

⁵⁰ Essa teoria permeia toda obra de Kardec. Porém, para uma referência mais precisa: KARDEC, Allan – “Teoria das Manifestações Físicas” EM: *Revista Espírita*. Maio e Junho de 1858. Brasília: EDICEL, (s.d.).

seus membros continuavam a se mexer. Levando para a Universidade de Padova esse fato, Galvani começa seus estudos daquilo que ele chamou de “eletricidade animal” um “fluído”, que segundo já se imaginava na época, devia permear todos os músculos de todos os animais. Com seus estudos, Galvani lança em bases mais sólidas o que até então era tratado como quimeras de alquimistas medievais.

Porém, apesar de alguns avanços consideráveis, as descobertas científicas do século XVIII eram esparsas, ou quando muito, voltadas exclusivamente para fins utilitaristas, como desenvolvimento de novas máquinas para a revolução industrial. Porém, foi justamente esse clima de certo “relaxamento metodológico” que permitiu que os cientistas ousassem com maior liberdade. Apesar de Galvani ter sido inicialmente ridicularizado pelas academias de Paris e da Europa, sendo cognominado de “o homem das rãs dançarinas”, teve coragem de continuar suas pesquisas, lançando as bases para futuros pesquisadores. Um dos mais importantes continuadores do trabalho do cientista italiano foi Michael Faraday (1791-1867), que levando em conta as teorias de Galvani, desenvolverá a teoria do campo magnético, que foi talvez, um dos maiores avanços da físico-química de todos os tempos.

É no final do século XVIII que surge o mesmerismo. Como falamos anteriormente, Franz Anton Mesmer (1734-1815) é o seu criador. Levando em conta as teorias da época (já influenciadas pelos trabalhos de autores como Galvani) que acreditavam que os seres possuíam um fluxo elétrico dentro dos corpos, postula que o desequilíbrio no “magnetismo animal” seria a fonte de inúmeros problemas dos seres humanos. Mesmer desenvolve então uma terapêutica para esses problemas, que se utilizava desde as famosas “cubas de mesmer” (grandes tinas de água com imãs dentro) até os “passes magnéticos” a transfusão de eletricidade animal de um ser para outro. Esse tratamento consistia na imposição de mãos sobre o paciente, aliado à vontade do magnetizador de transmitir sua energia para o paciente, ajudando assim a restabelecer o fluxo e a harmonia do magnetismo animal do doente. Apoiado nas teorias de Alexandre Volta, o inventor da pilha magnética, Mesmer acreditava que nós seríamos também como pilhas, só que com o nosso magnetismo específico, o magnetismo animal.

Mesmer acreditava também que esse nosso fluído estava presente em todo o universo, pois, apoiado nas leis de atração e reação da estática de Coulomb e Franklin, via no avanço e recuo das marés, na órbita dos planetas, etc., nada mais que esse “grande princípio magnético” agindo. A essa sua crença se deve a utilização de imãs e de outros elementos que ele acreditava ajudar na canalização e no restabelecimento do nosso magnetismo, que apesar de ser específico, possuía uma correlação “fluídica” com todos os outros que permeavam o universo⁵¹. Entretanto, mais tarde Mesmer irá descartar o uso desses instrumentos, e se baseará apenas no passe magnético, na transfusão de um corpo para outro por meio da imposição das mãos.

Mesmer foi perseguido em seu tempo, devido à crença que sua técnica era um charlatanismo disfarçado de terapia revolucionária. Apesar de conseguir expressivos resultados, Mesmer revestia o seu conhecimento de esoterismo, e se recusava a dizer a “fórmula do sucesso”. Ele era copiado, mas seu método ele não revelava. Enfrentando inúmeras perseguições, Mesmer teve inclusive que fugir da França, onde começou a dar suas consultas. Apesar de ser de origem não francesa, provavelmente alemã, Mesmer se radicou nesse país, onde realizava suas pesquisas. Fez algumas conferências pela Europa, mas engana-se quem via na sua ação uma espécie de messianismo científico, ou algo parecido. Mesmer deixava claro que queria fazer dinheiro com seu método, revolucionar a ciência para ficar rico, e por isso, revestia de misticismo as suas práticas na tentativa de manter o seu segredo. Mesmer irá morrer em 1815, praticamente no ostracismo, em Paris. Porém, suas teorias seriam aproveitadas por inúmeros segmentos espiritualistas. O sonambulismo e o hipnotismo teriam no mesmerismo as suas bases, pois muitos pacientes de Mesmer, quando eram magnetizados, caíam em torpor extático⁵², ou apresentariam convulsões histéricas, o que acabou despertando o interesse de outros estudiosos da área. Entretanto, Mesmer não conseguiu desenvolver uma teoria para o assunto, deixando, todavia, as bases para que outros pesquisadores, entre eles Allan Kardec, pudessem trabalhar.

⁵¹ No Espiritismo tem-se um nome para esse fluído: chama-se “fluído cósmico-universal”. Segundo a teoria espírita, o universo todo é permeado por esse fluído, que serve como um grande cordão umbilical que liga todos os seres e os seres ao Criador (Deus). Os outros fluídos seriam derivações desse fluído universal, que serviria como uma mônada de Leibniz, ou seja, um fluído-base para suas inúmeras variações.

⁵². Falaremos mais sobre o sonambulismo e do hipnotismo no próximo capítulo, porém, para mais detalhes: KARDEC, Allan – *O livro dos médiuns*. (65ª Ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1999.

O mesmerismo acabou também por contribuir para o magnetismo, pois alguns teóricos que serviriam de base para as premissas de Faraday entre outros, tiveram algum contato com os postulados dessa protociência esotérica. É o exemplo de Joseph Philippe François Deleuze (1753-1835), que em 1813 publicou o livro *História Crítica do Magnetismo*. Nessa obra, além de analisar os efeitos do magnetismo, Deleuze deixa algumas propostas no sentido de se avaliar melhor o que se chamava de magnetismo animal. Para ele, tocar os doentes, com o “desejo de fazer o bem” era uma forma de tratá-los, uma forma eficaz, desde que o desejo do magnetizador fosse firme e não se deixasse desviar. Em Deleuze notamos uma correlação entre espiritualismo e magnetismo, o que foi bem comum durante todo o século XIX. Vale dizer que Deleuze, sem o querer, foi um sistematizador do “passe magnético”, tão comum nos centros espíritas e espiritualistas que fazem uso dessa prática. O atual procedimento dessa terapêutica é praticamente o mesmo que Deleuze propunha, no início do século XIX.

Tratemos agora do magnetismo propriamente dito. Ao final da década de 1840, Faraday desenvolve a teoria segundo

*“tanto a eletricidade que atravessava o condutor como a força magnética que provinha do imã se propagavam pelo espaço em ‘linhas de força’ não visíveis cuja concentração diminuía à medida que se afastava do condutor ou do imã, mas que eram capazes de atuar à distância, mesmo sem contato direto entre os objetos materiais”.*⁵³

Com isso, estavam lançadas as bases da teoria do campo magnético. Em 1861, James Clerk Maxwell (1831-1879) propõe uma formulação matemática para o campo magnético de Faraday, terminando de estabelecê-lo como fato científico. A partir desse momento o magnetismo começará a desfrutar de uma maior divulgação e aceitação.

⁵³ JESUS, Edgar Francisco de – “Ciência em Evolução”. EM: VV. AA. – *Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec*. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2004;

Em suma, para o espiritismo, o magnetismo forneceria a base teórico-científica da mecânica de grande parte dos fenômenos espíritas. A idéia de Faraday das “linhas de força não visíveis”, além como outros princípios dessa ciência, serão utilizados largamente por Kardec na constituição da doutrina espírita.

1.3. A Religião.

Onze de dezembro de 1847. Uma família de fazendeiros, os Fox, acabara de se mudar para sua nova casa, no vilarejo de *Hydesville*, estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Mudavam-se para uma casa que gozava de má reputação na vila, pois seus antigos donos diziam ser ela “mal assombrada”. Porém, e justamente por isso, tinha ela um valor mais acessível, e a família, enxergando uma boa oportunidade, resolve habitá-la.⁵⁴

Já por meados do começo do ano seguinte, estranhos eventos seriam notados no interior da sua nova residência. Durante a noite, barulhos como de “arranhaduras” seriam ouvidos pelas paredes da casa. Atribuindo o fenômeno a uma causa qualquer, os Fox pareciam não se incomodar. Entretanto, em 31 de março, os barulhos se repetiriam como nunca antes. Ruídos como pancadas seriam ouvidos, como se alguém estivesse “dentro” das paredes, esmurrando-as, fazendo-as estalar por dentro. A família Fox, que teria tomado precauções anteriores e teria de todas as maneiras tentado sanar o problema, ver-se-ia novamente sem saber o que fazer. Foi então que a filha mais jovem da família, Kate, de apenas 11 anos, teria dado um salto da cama e, batendo palmas, grita: “Sr. Pé-Rachado, faça o que eu faço”. Imediatamente, os sons desordenados parariam e repetiriam o número de palmas dadas pela jovem Kate. Outras “experiências” parecidas começariam a ser repetidas pela família na mesma noite, e todas teriam respostas análogas. Trinta e um de março de 1848, nascia no aposento de dormir do Sr. e Sra. Fox o *new spiritualism*, a grande influência religioso-investigativa do espiritismo.

⁵⁴ DOYLE, Arthur Conan – *A história do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1994. As narrativas que seguem e que são relatados nesta parte do trabalho são retirados desse livro, assim como as inferências das causas de tais fenômenos.

Contudo, voltemos os eventos de 31 de março. Com a participação dos vizinhos, que seriam chamados a ajudar, estabelecer-se-ia um jogo de perguntas e respostas, onde o emissor dos sons responderia por um número de pancadas delimitadas como “sim” ou “não”, e assim conseguir-se-iam algumas informações: o comunicante seria um “Espírito”, que teria sido morto na casa e enterrado na adega, dando inclusive o nome do antigo inquilino que o haveria matado há cinco anos, por causa de dinheiro, e também sua idade na ocasião da morte: trinta e um anos. Logo em seguida, um dos vizinhos dos Fox, chamado Duesler, proporia um sistema de “batidas/alfabeto” que consistia em que quando alguém passasse o dedo em uma letra de uma palavra que o “morto” quisesse comunicar, ouvir-se-ia um arranhão na parede. Assim, obter-se-ia o nome do defunto: Charles B. Rosma⁵⁵. Isso tudo ocorreria só na noite do dia 31, já no dia seguinte, 1º de abril, mais de duzentas pessoas teriam ido até a casa dos Fox para assistir a continuação das pesquisas, pois desde o dia 31 havia sido montada uma comissão para se investigar o que estava de fato acontecendo.

Esses eventos foram apenas o começo de uma “febre” que varreu todo os Estados Unidos, espalhando-se pela Europa, Ásia, Américas.⁵⁶ A família não saberia explicar o que estava se passando. Explicações começaram a surgir. Primeiramente o “demônio” foi chamado como possível causa. Outros, mais céticos, achariam que seria algum tipo de fraude. Enfim, de fato poder-se-ia constatar apenas uma coisa: a presença das “irmãs Fox”, como ficaram conhecidas Kate e Margareth, seria essencial para que os fenômenos ocorressem. Quando elas eram retiradas da casa, os fenômenos cessariam. Já na sua presença, mesmo em outros lugares, eles voltariam a se repetir.

⁵⁵ Essa última parte do nome estava errada, como foi descoberto posteriormente. Foi registrado de maneira equivocada pelos assistentes da sessão e acabou causando problemas, que só foram solucionados mais tarde, com uma investigação mais minuciosa do fato, que acabou revelando o verdadeiro nome do mascote morto na casa dos Fox. Para mais detalhes: DOYLE, Arthur Conan – *Op. Cit.*

⁵⁶ Vários autores do meio espiritualista/espírita defendem que os eventos em casa dos Fox não devem ser tomados como o começo de tudo, apresentando em sua defesa dados na tentativa de demonstrar que esses fenômenos já aconteciam em vários lugares do mundo, uns independentes dos outros. Arthur Conan Doyle, inclusive, diz que os fenômenos do novo espiritualismo aparentavam ser como uma “invasão organizada” do plano espiritual no plano carnal, uma espécie de “revelação”. Entretanto, os acontecimentos de Hydesville são emblemáticos, e o desenvolvimento deles no solo dos EUA pode ser tido como resumo mais aparente do que se dizia acontecer em outros lugares do mundo.

Com essas supostas constatações, os eventos saem de Hydesville, e as irmãs Fox são convidadas a se apresentarem em outras partes dos EUA, e posteriormente, do mundo. Na sua presença, produzir-se-iam os mais variados ruídos, alegadamente ordenados de maneira inteligente e que responderiam às solicitações dos presentes: “dê tantas batidas; diga qual o número de moedas que tenho no bolso”, etc. Na esteira das Fox surgem vários indivíduos que se dizem capazes de estabelecer conversações com os Espíritos. Muitos à caça por dinheiro, pois mesmo as irmãs Fox ganhavam um ordenado pelos seus serviços, como será costume de praticamente quase todos os médiuns estadunidenses, à exclusão dos irmãos Davenport, que possuíam um sentimento de gravidade religiosa no que estavam fazendo.⁵⁷

Com o surgimento de outros médiuns, os fenômenos, que eram tratados com desdém ou ceticismo, começaram a incomodar ou despertar o interesse de vários segmentos de pesquisadores. Homens “notáveis” eram chamados a desvendar os acontecimentos, e a conversão de muitos desses pesquisadores ao neo-espiritualismo⁵⁸ fez com que a atenção da mídia estadunidense se voltasse para os fenômenos. Logo depois, as irmãs Fox e um sem número de médiuns foram perseguidos e acusados, ou de confabular com o demônio, ou de serem grandes charlatães. Apesar de toda perseguição e incredulidade, os fenômenos prosseguiram e evoluíram para proposições muito mais graves, o que terminaria por despertar os que os que vivenciavam e estudavam para a presença de certa componente religiosa, que merecia ser tratada com atenção⁵⁹.

⁵⁷ O desinteresse material, ou a não-remuneração pelo trabalho mediúnico, é visto por Kardec como *conditio sine qua non* para o mediunismo nos moldes espíritas. Para isso, o codificador do espiritismo se baseava na máxima cristã “Daí gratuitamente o que gratuitamente recebeste”. Qualquer busca por utilizar a mediunidade para obter vantagens materiais seria vista como desvio de suas verdadeiras funções que, além de demonstrar a realidade do plano espiritual, serviria também para contribuir para a solidificação dos princípios cristãos. Os “espíritos” estariam aqui para ajudar na reforma moral da humanidade, que por meio de suas comunicações, defenderiam uma reaproximação com a doutrina crística. Seria contraditório eles fazerem isso se utilizando de “ferramentas” que estariam agindo em contrário a essa moral, no caso, os médiuns que buscavam enriquecer com seus dons. Detalhes: KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit. (Em especial o capítulo XXVI: “Daí Gratuitamente o que Gratuitamente Recebeste”).

⁵⁸ É o caso do então muito conhecido Juiz Edmonds, respeitado magistrado da época, que depois de ser chamado para verificar os fatos, começou a aceitar a realidade dos fenômenos, passando a defendê-los. Depois dessa sua conversão, o prestígio de que o magistrado gozava foi seriamente abalado e ele também enfrentaria perseguição.

⁵⁹ Seria enfadonho colocarmos aqui o nome de cada médium e o papel que exerceu, pois foram centenas, só nos EUA, e milhares no mundo todo. Por isso, a partir de agora, trataremos mais dos eventos, sem nos preocupar com os médiuns em si. Entretanto, anotamos que, para a época, abrangendo inclusive o período de Kardec e o Espiritismo, podemos dizer que dois grupos de médiuns exerceram grande fascínio e provocaram

Enquanto se afirmava ouvir estalos e ruídos pelas casas, as pessoas não pareciam estar muito inclinadas a enxergar nos fenômenos as suas conseqüências religiosas. Porém, conta-se, houve médiuns que, em sua presença, permitiriam a materialização desses mesmos espíritos, que anteriormente comunicar-se-iam por estalos e ruídos, ou mesmo o levante de objetos. Com a “materialização dos espíritos” erguer-se-ia a ponte que permitiria ligar os fenômenos com o surgimento de uma nova religião. Apareceria o *new spiritualism*, novo, porque adicionava ao espiritualismo anterior uma componente que não era, até então, tão levada em consideração: a possibilidade – digamos - “positiva” de comunicação das almas dos chamados mortos com os chamados vivos. Com a suposta materialização dos espíritos, essas almas apareciam para o mundo e dariam o seu recado: falariam de uma realidade espiritual, da continuação da vida, demonstrada essa por meio das materializações.

Todavia, a crença na manifestação material dos espíritos não parecia resolver a situação. Segundo os relatos das comunicações, notar-se-ia que esses ditos espíritos não caberiam nas categorias teológicas de “anjos” ou mesmo “demônios”. Para essas novas correntes do espiritualismo, os espíritos se apresentariam como seres humanos “apenas mortos”: teriam seus defeitos, conhecimentos limitados, vícios de linguagem, costumes, marcas de personalidade, etc. Seriam, em suma, seres humanos, gente como toda gente. E quando chamados a opinar, apresentar-se-ia, em muitos momentos, a falta de consenso: um que teria sido católico, falava do céu, do inferno, do purgatório; outro, que teria sido protestante, dava o seu endereço, pois continuava na terra a trabalhar pela glória do Senhor; já o que tinha sido materialista convicto, continuava, “no lado de lá”, a não acreditar em Deus e na criação divina.

O que disso se infere é que a alegada manifestação dos espíritos não trazia uma “palavra final”, algo certo e concludente sobre a questão que eles mesmos eram

muita celeuma no meio acadêmico e popular, com suas manifestações: as irmãs Fox, os irmãos Davenport, Henry Slade e D. D. Home, este, além de “médium de efeitos físicos”, como Kardec nos coloca, era vidente (veria os espíritos) e possuiria quase todos os tipos de mediunidade catalogados na época. Esteve inclusive trabalhando com Kardec, e ajudou na consolidação do espiritismo. No período imediato a Kardec, Eusápia Paladino, Mme. d'Esperance, Eglinton, Staiton Moses, H. Foster e Miss Florence Cook, podem ser tidos como os grandes nomes que propiciariam o avanço do novo espiritualismo e do espiritismo.

inseridos. E justamente por isso houve segmentos dentro do novo-espiritualismo que negariam essa componente religiosa, como é o caso das famosas “Sociedades de Estudos Psíquicos”, que acreditavam estar apenas se defrontando com uma nova faceta do ser humano, um recurso da mente, que conseguia se manifestar materialmente, como um “Eu” desdobrado e material. Portanto, verdade é que o novo-espiritualismo jogava novas luzes na questão religiosa, mas ainda deixava alguns “nós frouxos”.

A postura dos médiuns contribuiria também para esse ambiente nebuloso. Centrando-se apenas nos fenômenos materiais, que seriam os responsáveis por causar “espanto” (fonte do sustento de muitos deles) nas platéias que os assistiam, eles mesmos não saberiam o que estaria a acontecer. As próprias irmãs Fox se viram metidas em inúmeros problemas, e hora diziam uma coisa, hora diziam outra, aumentando a confusão daqueles que esperavam que os médiuns possuíssem algum “saber transcendental” que pudessem passar aos réles mortais. Não só não aparentavam ter nenhum conhecimento a mais, como algumas das posturas desses médiuns - que contradiziam certa “expectativa de santidade”, que podemos dizer, era como é comum a todos aqueles que pesquisam e se envolvem com tais fenômenos, por mais laicos que sejam – acabavam por lançar mais dúvidas do que esclarecimentos.

Como vemos, o novo-espiritualismo deixaria a idéia central que dentro do ser humano haveria alguma coisa que poderia se exteriorizar, se “materializar”, formando como uma espécie de “duplo” em relação a nós mesmos. E que esse duplo, que chamaríamos “alma” ou “espírito”, parecia sobreviver após a morte, sendo independente do corpo, e que poderia se comunicar com os vivos, das mais variadas maneiras. Esse era o ponto comum entre quase todos os médiuns e adeptos. O resto, como o caso da própria doutrina da reencarnação, que para muitos parece uma consequência óbvia dessas idéias, não era ponto pacífico, como não o é até hoje, pois como veremos adiante, coube ao espiritismo, o sistema espiritualista codificado por Allan Kardec, tratar desses temas. Era comum, no novo espiritualismo anglo-americano, não se aceitar a idéia da reencarnação, que entrava em choque com a orientação religiosa protestante desses povos. Então, a maneira de estabelecer um sincretismo entre o novo espiritualismo e a “religião dos nossos pais” desses países foi aceitar as realidades “materiais” dos fenômenos,

deixando de lado pontos mais nevrálgicos que tocassem em aspectos delicados de suas crenças. A reencarnação era um desses pontos, então, não foi levada muito adiante.⁶⁰

Essa seria, sucintamente, a história do surgimento do novo-espiritualismo. Por volta de 1853 ele chegará à França, por meio de médiuns estadunidenses ou de outras nacionalidades, principalmente ingleses, ou mesmo médiuns locais, que levariam para os salões parisienses as chamadas “sessões de mesas volantes, girantes ou dançantes”. Gozando de um período de calma entre a revolução de 1848 e a Comuna, Paris e outros centros importantes entretiam-se com essa nova forma de divertimento, que consistia na reunião de certo número de pessoas em torno de uma mesa, que então, depois de um tempo, parecia que ganhava vida, e “dançava” no ar, sem suporte aparente. Posteriormente, essas mesas começariam a ser interrogadas e a resposta seria a mesma dada para a família Fox: espíritos de mortos as movimentariam, querendo se comunicar. Foi respondendo a um convite de um grande amigo seu que Kardec – então Rivail – teria ido a uma dessas sessões que acreditava, diria ele⁶¹, ser mais uma moda de Paris, coisa a não se dar importância. Porém, como veremos adiante, Kardec ver-se-ia na eminência de mudar os seus conceitos, retirando do *ballet* improvisado de uma mesa, todo um corpo doutrinário que, até hoje, vem causando inúmeras polêmicas.⁶²

⁶⁰ O autor que nos guiou nessa exposição, como dissemos anteriormente, foi o famoso criador do detetive Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle, que, como poucos sabem, foi adepto do *new-spiritualism*, indo inclusive mais além, defendendo as idéias espíritas de Allan Kardec, sobre a questão da reencarnação. Entretanto, achamos prudente não classificá-lo como “espírita” como o fez o tradutor do seu livro *History of Spiritualism*, que traduziu o livro como “História do Espiritismo”. Veremos mais adiante, que o novo-espiritualismo e o espiritismo diferem em muitos pontos, e suas histórias, apesar de se tocarem, são permeadas de eventos e posturas que aguçam essa diferenciação. Detalhes: DOYLE, Arthur Conan – *Op. Cit.*

⁶¹ KARDEC, Allan – *Obras Póstumas*. *Op. Cit.*

⁶² Não descrevemos mais a fundo a explicação espírita da mecânica dos fenômenos ditos mediúnicos, das aparições de espíritos, mesas que dançam, etc., que permeariam também o novo-espiritualismo, por ser nosso propósito apenas situar no tempo e espaço esses supostos acontecimentos para mostrar, em seguida, sua ligação com o espiritismo. Contudo, para quem deseje saber mais a respeito da explicação espírita desses fenômenos, recomendamos as leituras de duas obras de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, ambos editados pela editora da Federação Espírita Brasileira (FEB).

CAPÍTULO II

A Constituição do Espiritismo ou a Naturalização do Sobrenatural.

Vamos tratar, em dois momentos, da exposição do surgimento da doutrina espírita: primeiramente, vamos expor uma breve biografia de Allan Kardec, demonstrando os principais traços da sua personalidade e da sua formação, denotando a importância desses para o seu plano de codificação e síntese do espiritismo. Em seguida, falaremos mais especificamente da história do Espiritismo em si, seus primeiros desafios, idéias, etc., desvendando um pouco mais essa que pode ser vista como uma tentativa de “domar” o sobrenatural, na busca por atribuí-lo a uma seqüência lógica e racional, bem ao gosto das mudanças que o século XIX trazia em seu bojo.

1. HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL: UMA PEDAGOGIA DA REVELAÇÃO.

H. L. D. Rivail seria o verdadeiro nome do codificador do Espiritismo, Allan Kardec. Nasceu às 19 horas do dia 3 de outubro de 1804, na cidade de Lyon, França, ou melhor, no dia 11 de Vendemário do ano XII do calendário republicano, segundo consta em seu registro civil⁶³.

Descendia de tradicional família lionesa, cujos membros e antepassados vinham a se destacar na área da magistratura. Seu pai havia sido juiz e muitos dos seus

⁶³ WANTUIL & THIESEN (1973).

parentes teriam trabalhado com a advocacia, e alguns mesmo com a pedagogia, que seria futuramente a sua principal área de formação intelectual. O seu nome, H. L. D. Rivail, remontaria a um desses antepassados, no caso, um parente do distante século XV.

Já no ano de 1814, com então dez anos de idade, os pais o mandam para receber sua instrução no então famoso “Instituto de Yverdon”, que ficava na cidade suíça do cantão de Vaud, às margens do lago Neuchâtel. Esse instituto era, na época, dirigido pelo grande mestre da pedagogia, Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). O Instituto de Yverdon era célebre em toda a Europa do tempo de Rivail, por ser visto como um dos poucos centros de boa educação. Na França, as sucessivas crises revolucionárias deixaram o sistema educacional do país em frangalhos. Apesar das tentativas de Napoleão I, a educação passava por sérios problemas. Devido a isso, muitas famílias francesas procuravam levar os filhos para estudar em lugares fora da França. A fama de Pestalozzi à época também era muito grande, o que contribuía para que Yverdon aparecesse como excelente chance de uma boa formação.⁶⁴

Yverdon seria um dos grandes marcos da vida de Rivail, sendo sua passagem pelo Instituto de suma importância para a compreensão de sua personalidade e da sua postura frente ao estudo dos fenômenos que futuramente catalogou como “espíritos”. Pestalozzi acreditava que o postulado maior da educação devia ser o amor, um amor que ele classificava como “um amor da mãe pelos filhos”, e, comenta-se⁶⁵, procurava tratar os seus alunos e discípulos como sua prole. Além disso, Pestalozzi colocaria que os alunos deveriam ser livres para buscar, com seus próprios recursos e técnicas, o conhecimento e incentivaria que eles desenvolvessem e se aproximassem daquelas ciências que mais os agradassem. As portas do Instituto viviam abertas, pois Pestalozzi acreditaria que nenhum dos seus alunos tinha motivos para fugir, defendendo que eles eram livres para serem eles mesmos. Manifestaria ser averso às técnicas “pedagógicas” da época, de punição, castigos, etc., substituindo-as por conversas e diálogos com os alunos. Seria visto como um pai, e era assim que os alunos o chamariam. Defenderia também que a educação devia formar,

⁶⁴ HILLENHEIM, Maria Elisa – “O universo educacional e a proposta de Pestalozzi”. EM: VV. AA – *Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec*. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2004.

⁶⁵ Id. Ib.

em primeiro lugar, a moral dos alunos, servindo para reformar e consolidar uma personalidade melhor.

Seria essa a proposta educacional que permearia a primeira formação de Rivail. Conta-se⁶⁶ que desde cedo mostraria ele grande apreço pelas ciências naturais. Seus biógrafos mais conhecidos contam um episódio em que ele teria passado três dias nas montanhas perto do Instituto catalogando plantas que encontrava⁶⁷. A alegada liberdade do método pestalozziano, que incentivaria as vocações de cada aluno, pareceria funcionar, pois vale dizer que, além do futuro Kardec, muitos dos alunos de Yverdon tornaram-se nomes conhecidos do século XIX, nas mais variadas áreas do conhecimento.⁶⁸

Em 1824, com 19 ou 20 anos, Rivail já estaria de retorno à França, e nesse período publica seu primeiro livro: *Cours Pratique et Théorique D'Arithmétique d'Après la Methode de Pestalozzi, Avec des Modification – par H. L. D. Rivail, disciple de*

⁶⁶ WANTUIL & THIESEN (Id. Ib).

⁶⁷ WANTUIL & THIESEN (Id. Ib).

⁶⁸ Citemos alguns nomes famosos que foram educados em Yverdon: Humboldt, Maine de Biran, Robert Owen, Mme. de Staël, Hermann, Hoffmann, o pedagogo Fröebel, Carl Ritter, entre tantos outros. Yverdon contou com o apoio e a visita de inúmeros outros ilustres, que defendiam a metodologia da instituição: Goethe, Fichte, Kant (não visitou, mas conheceu o método e defendia-o). Alguns reis e príncipes também receberam educação e foram visitantes do instituto: Guilherme III, da Prússia; Napoleão I; a futura imperatriz do Brasil, D. Leopoldina da Áustria; etc. Em suma, o Instituto atraía as atenções da Europa, era respeitado e ajudaria a formar toda uma geração de pensadores que colaboraram na consolidação da revolução científica do século XIX. Para mais detalhes, WANTUIL & THIESEN (Id. Ib).

Pestalozzi.⁶⁹ Já muito cedo, Rivail começa a se dedicar à pedagogia, e é o primeiro a introduzir na França o método pestalozziano⁷⁰.

Mais tarde, Rivail irá fundar o “Instituto Rivail”, que visava, utilizando-se do método aprendido em Yverdon, ajudar na educação de jovens e crianças. Porém, reviravoltas financeiras obrigam-no a fechar esse instituto em 1835. De 1835 a 1840, Rivail ministrou cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia, Fisiologia e Anatomia. Logo após, como *chef d’institution* da Academia de Paris, fundava e dirigia o “Liceu Polimático”, até 1850. De acordo com sua biografia⁷¹, Rivail demonstraria possuir multifária desenvoltura no trato com as ciências⁷². Passaria a vida lecionando, e também, vertendo obras do Francês para outras línguas e vice-versa⁷³. Sua preferência eram as obras de alguns moralistas, como é o caso de Fénelon, autor de “Máxima dos Santos”, livro que era bem apreciado à época.

⁶⁹ Coloquemos a lista completa das obras pedagógicas de Rivail: 1) o já citado “Curso prático e teórico de aritmética” (1824); 2) “Escola de Primeiro Grau” (1825); 3) “Plano proposto para a melhoria da Educação Pública” (1828); 4) “Gramática Francesa Literária” (1831); 5) “Qual o Sistema de Estudos Mais em Harmonia com as Necessidades da Época?” (1831); 6) “Memória sobre a Instrução Pública” (1831); 7) “Discurso Pronunciado por Ocasão da Distribuição dos Prêmios de 14 de Agosto de 1834” [Seu plano geral de educação] (1834); 8) “Programa dos Estudos segundo o Plano de Instrução de H.-L.-D. Rivail” (1838); 9) “Curso Completo Teórico e Prático de Aritmética” (1845); 10) “Manual dos Exames para os Títulos de Capacidade” (1846); 11) “Soluções dos Exercícios e Problemas do ‘Tratado Completo de Aritmética’” (1847); 12) “Projeto de Reforma no tocante aos Exames e aos Educandários para Meninas” (1847); 13) “Catecismo Gramatical da Língua Francesa” (1848); 14) Com Lévi-Alvarés: “Ditados Normais dos Exames” (1849); 15) Com Lévi-Alvarés: “Gramática Normal dos Exames”; 16) “Ditados da Primeira e da Segunda Idade” (1850); 17) “Curso de Cálculo Mental” (s.d.); e 18) “Programa dos Cursos Usuais de Física, Química, Astronomia e Fisiologia” [aulas de Rivail no Liceu Polimático]. A essas obras se adicionam suas traduções, que não as temos todas, só a de Fénelon “Três Primeiros Livros de Telêmaco” [vertido para o alemão] (1830). Vale dizer que esse é um “resumo” das suas principais obras, (pedagógicas) sendo que sua produção foi ainda maior. Para mais detalhes, WANTUIL (1990) e THIESEN & WANTUIL (1979).

⁷⁰ Uma das pessoas que ajudou Rivail na edição desse livro foi ninguém menos que André-Marie Ampère, que era inspetor-geral da Universidade de Paris, onde Rivail executava sua formação acadêmica. No prefácio dessa sua obra, Rivail agradece à colaboração de Ampère e o seu apoio.

⁷¹ WANTUIL & THIESEN (Id. Ib).

⁷² Segundo WANTUIL (1990) “Entre outras matérias, lecionou, como pedagogo de incontestável autoridade: Química, Matemática, Astronomia, Física, Fisiologia, Retórica, Anatomia Comparada e Francês. Era dado a estudos filológicos e de gramática da língua francesa”. Completando sua formação, há a polêmica não resolvida, de que Rivail teria se formado médico. Para mais detalhes: “Rivail Médico?” EM: WANTUIL & THIESEN (1979).

⁷³ Segundo WANTUIL (1990), Rivail “Conhecia profundamente o alemão, o inglês, o holandês, assim como eram sólidos seus conhecimentos do latim, do grego, do gaulês e de algumas línguas novilatinas”. Já como Allan Kardec, Rivail dará mostras desse seu conhecimento lingüístico, ao traduzir obras de outros autores espiritualistas ao redor do mundo, colocando-os em forma de artigos na *Revue Spirite*. Os nossos estudos apontam que Rivail parecia dominar também o idioma espanhol, e conhecia, aparentemente bem, o nosso português.

Logo após, em 1854 aproximadamente, Rivail irá tomar contato com as “mesas girantes” e uma segunda fase de sua existência irá se iniciar. Podemos, todavia, resumir sua vida “enquanto Rivail” como a busca pela aplicação dos princípios metodológicos de Pestalozzi e de seu plano de ensino próprio, que defendia o aprendizado pleno do estudante, com o menor dispêndio intelectual possível. Nos métodos e planos educacionais de Rivail, o aluno apareceria em primeira perspectiva. Juntamente a isso, os princípios pestalozzianos da educação como instrumento para a “reforma moral” da personalidade eram seguidos por ele. Dirá Rivail, já como Kardec, na sua última obra:

*“A questão social não tem, pois, seu ponto de partida na forma desta ou daquela instituição; ela se baseia inteiramente no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que está o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano”.*⁷⁴

Esse melhoramento, dirá Rivail - e também Kardec -, é fruto da educação voltada para esse propósito.

Devido aos seus estudos, Rivail parecia gozar de grande prestígio no meio intelectual francês, pela sua produção, e também, pelos traços distintivos de sua personalidade. O seu caráter humanista, o seu método e sua ênfase no progresso moral por meio da educação acabariam por fazer o seu nome, proporcionando-lhe títulos e premiações⁷⁵.

⁷⁴ KARDEC, Allan – *Obras póstumas*. (28ª ed.) Rio de Janeiro: FEB, 1998.

⁷⁵ Rivail era membro de mais de uma dezena de Sociedades e Institutos culturais da França. Abaixo, vai a lista de diplomas que ele obteve enquanto era professor e diretor de colégio: 1) Diploma da Sociedade Real de Emulação, de Agricultura, Ciências, Letras e Artes do Departamento de Ain (1828); 2) Diploma de fundador da Sociedade de Previdência dos Diretores de Instituições e Pensões de Paris. (1829); 3) Diploma da Sociedade Gramatical (1829) 4) Diploma da Academia Real de Arras (1831); 5) Diploma da Sociedade de Ciências Naturais de França (1835); 6) Diploma da Sociedade para a Instrução Elementar (1847); 7) Diploma do Instituto de Línguas (s.d.); 8) Diploma do Instituto Histórico (s.d.); 9) Diploma da Sociedade Francesa de Estatística Universal (s.d.); 10) Diploma da Sociedade Promotora da Indústria Nacional (s.d.); 11) Diploma da Academia da Indústria; e 12) Diploma da Sociedade de Educação Nacional. Além dos diplomas, Rivail recebeu prêmios por participação em concursos de monografias e outras honrarias. Para mais detalhes: SAUSSE, Henri - “Biografia de Allan Kardec” EM: KARDEC, Allan – *Obras Completas*. (2ª ed.). São Paulo: Opus, 1985; WANTUIL (1990) e THIESEN & WANTUIL (1979).

Em linhas gerais, essa seria a primeira etapa da vida de Kardec: Rivail, o educador. Porém, em 1854, sua vida irá mudar radicalmente. A partir de então, sai de cena H. L. D. Rivail para ressurgir Allan Kardec, pesquisador, filósofo e “apóstolo-chefe da terceira revelação”. Em sua proposta, ciência, filosofia e religião deveriam andar juntas, na busca do espiritismo de “naturalizar” o sobrenatural.

2. A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO: MESAS GIRANTES ENTRE IMPÉRIOS E REVOLUÇÕES.

Antes de entrar em quaisquer considerações, vejamos como Allan Kardec descreve seu contato inicial com os fenômenos posteriormente catalogados por ele:

*“Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o Senhor Fortier a quem eu conhecia desde muito e que me disse: Já sabe da **singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo**? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade. – ‘É, com efeito, muito singular, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluído magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam’. Os relatos, que os jornais publicaram, de experiências feitas em Nantes, em Marselha, e em algumas outras cidades, não permitiam dúvidas acerca da realidade do fenômeno”*⁷⁶. [grifos nossos]

Nota-se nesse relato pessoal que, de início, Kardec imaginaria que todo o fenômeno das mesas girantes fosse apenas uma propriedade não descoberta do “fluído magnético”, cuja realidade já tinha sido exposta por Galvani, Faraday e outros. Kardec,

⁷⁶ KARDEC, Allan – “A Minha Primeira Iniciação no Espiritismo”. EM: *Obras Póstumas*. Op. Cit.

segundo como ele mesmo relata em alguns momentos de sua obra⁷⁷, teria tido contato com o magnetismo desde os 18 anos de idade, e lutou - juntamente com os outros adeptos da teoria do campo magnético e do mesmerismo – por mais de 35 anos pela consolidação desse aspecto da ciência físico-química. Talvez motivado por isso que Kardec, ao ouvir falar das mesas, apresenta tal reação, pois juntamente com seu amigo e magnetizador, o Sr. Fortier, demonstra acreditar ser apenas mais uma propriedade do magnetismo a ser catalogada.

Porém, algum tempo depois, Kardec teria nova conversa com esse mesmo amigo, que lhe revelaria novos aspectos das “danças” das mesas até então não observados por ele:

*“Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde. – Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o ver e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.”*⁷⁸

E segue emendando:

“Era lógico este raciocínio: eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas vêem um fato que não compreendem. [...] Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem

⁷⁷ KARDEC, Allan – *Obras póstumas*. Op Cit.

⁷⁸ Id. Ib.

*observara; as experiências, realizadas na presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara pela cabeça”.*⁷⁹

Desses relatos pessoais extraí-se que Kardec aparentava ter dificuldades em aceitar inicialmente o que vinha se comentando dos supostos eventos “sobrenaturais” que estariam a acontecer nos salões da burguesia parisiense. De formação acadêmica, possuidor de títulos e méritos nas mais variadas áreas do conhecimento, parecia-lhe tudo “um conto para fazer-nos dormir em pé”, como ele mesmo arremata. Porém, até então, Kardec “nada vira, nem observara”. O ano seguinte, 1855, irá ser decisivo no tocante à aproximação de Kardec com os fenômenos. Antes de buscar presenciá-los, o futuro codificador espírita mais uma vez ouviu falar deles, mas desta vez de um amigo seu há mais de 25 anos, o Sr. Carlotti. Apesar do tempo de amizade, diz Kardec que Carlotti “era Corso, de temperamento ardoroso enérgico [...] desconfiava da sua exaltação”⁸⁰. Em vez de se sentir mais à vontade com os fenômenos, dada a exposição apaixonada do seu amigo, que lhe falaria sobre as “maravilhas” das mesas, Kardec, apresentando ser coerente com sua formação acadêmica, mostraria estar ainda desconfiado e com dúvidas sobre a veracidade dos fenômenos⁸¹, pois a exaltação geralmente é sinônimo de deslumbramento e falta de senso crítico.

Todavia, em maio do mesmo ano, conta Kardec:

“[...] fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom diverso. O Sr. Pâtier era funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências

⁷⁹ Id. Ib.

⁸⁰ Id. Ib.

⁸¹ Id. Ib.

*que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, [...] aceitei imediatamente. A reunião foi marcada para terça feira, (1) de maio às oito horas da noite. Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. **Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo**".⁸². [grifos nossos]*

Nesses primeiros contatos de Kardec, começaria a tomar corpo determinados elementos e idéias que futuramente vêm a formar a base da doutrina espírita. Outras reuniões se sucederiam, só que desta vez com a família Baudin. As técnicas das comunicações avançariam, e Kardec faz uso de uma “carrapeta”, que consistia em uma cesta com um lápis a atravessando, que supostamente era movimentada pelo espírito, tendo Kardec conseguido, por esse meio, comunicações mais extensas, mais “completas”. O espírito que estaria a se manifestar autodenominava-se “Zéfiro” e dava grandes mostras de simpatia por Kardec. Continuaram-se as investigações, em 1856, Kardec passa a freqüentar as reuniões na casa do senhor Roustan e a Srta. Japhet, sonâmbula⁸³.

Em 18 de abril de 1857, depois de aproximadamente dois anos de pesquisa, coleta e organização, chega às livrarias a primeira obra de Allan Kardec: *O Livro dos*

⁸² KARDEC, Allan – Op. Cit.

⁸³ O sonambulismo é uma técnica mediúnica utilizada até os nossos dias, e que apresenta algumas singularidades que, acreditam os adeptos do espiritismo, facilitam a pesquisa espírita. A (o) médium, depois de magnetizado à moda mesmeriana, caí em sono profundo, o chamado “transe mediúnico”. A partir desse momento, segundo se crê no espiritismo, vários fenômenos poderiam acontecer: o espírito do próprio sonâmbulo pode relatar o que acontece ao redor, passando inclusive mensagens de espíritos que o cercam; pode permitir que outro espírito se comunique, utilizando o seu corpo; e pode começar a doar “ectoplasma” (a matéria prima humana dos fenômenos físicos, espécie de secreção físico-espiritual, que fica entre o corpo de carne e o “períspírito”, o corpo espiritual que serve de ligação entre o espírito e o corpo que ele habita) em maior profusão, que geralmente escorreria de maneira visível da boca, nariz, ouvidos e poros do médium. O ectoplasma teria cor branca, geralmente, e consistência elástica. Para saber mais sobre o sonambulismo espírita: KARDEC, Alan – *O livro dos médiuns*. (65ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1999. Para saber mais sobre ectoplasma e períspírito: ZIMMERMANN, Zalmino – *Períspírito*. Campinas, SP: Centro Espírita Allan Kardec, 2002; e KARDEC, Allan – *O livro dos Espíritos*. (80ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1998.

Espíritos. Consiste tal livro em uma grande compilação de perguntas feitas por Kardec aos espíritos e suas supostas respostas. A primeira edição possuía apenas 501 perguntas, sendo que a partir da segunda edição, o número subiu para o atual: 1019. A obra alcançou grande êxito e rapidamente se esgotou, forçando uma segunda edição. É também no *Livro dos Espíritos* que nasce o pseudônimo *Allan Kardec*. Conta-nos Henry Sausse⁸⁴ que Kardec, ao ver-se na eminência de colocar seu nome no livro, ficou em dúvida se assinava com seu verdadeiro nome, H. P. D. Rivail. Porém, diz-nos esse mesmo autor que, devido à fama que Rivail gozava no meio intelectual, e querendo evitar confusões por causa disso⁸⁵, que provavelmente poderiam trazer problemas para o seu propósito, resolveu adotar o nome de “Allan Kardec”, seguindo uma dita recomendação do seu “Espírito-Guia”, que em comunicação anterior, havia lhe contado que Kardec foi seu nome em uma encarnação passada, quando ele teria sido um druida na Gália.

A obra consiste de três partes: 1) *Doutrina Espírita*; 2) *Leis Morais*; e 3) *Esperanças e Consolações*. Nela está contida toda a base da Doutrina Espírita. Os temas são variados, mas podemos dizer que há a preocupação de vulgarizar um *set* de princípios, entre eles: 1) A sobrevivência da alma e a possibilidade dos que já partiram deste mundo, os mortos, se comunicarem com os que aqui estão; 2) Que a alma é criada “simples e ignorante” e, através de sucessivas (re)encarnações, vai se depurando, crescendo em intelecto e moral, para que um dia alcance o patamar de “espírito puro”, estágio em que o espírito domou seu lado inferior e no qual prevalece um senso do bem, senso esse orientado pela moral cristã.

Inúmeros outros princípios permeiam não só o *Livro dos Espíritos*, mas toda obra espírita kardequiana. Kardec editou algumas outras obras espíritas, mas as mais importantes são as contidas na famosa “Codificação”. Falaremos dessas obras abaixo, obras que junto com o *Livro dos Espíritos*, formam a base teórico-prática do espiritismo, a sua proposta doutrinária.

⁸⁴ SAUSSE, Henry – Op. Cit.

⁸⁵ Principalmente para sua família. Adotando um pseudônimo, Rivail pouparia seus familiares de quaisquer constrangimentos que por ventura surgissem devido ao seu envolvimento com a doutrina que defendia e ajudava na divulgação.

Em *O Livro dos Médiuns*, de 1861, Kardec aborda o “espiritismo prático”, teorizando sobre as manifestações mediúnicas. Sua intenção seria armar todos aqueles que estavam a, ou quisessem lidar com o espiritismo, de um “instrumental mais seguro”, que evitassem problemas, como charlatanismo de médiuns, ou complicações no trato com os espíritos. Conta-nos Kardec que já no começo dos seus trabalhos, em 1855

*“Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal”*⁸⁶.

Essa afirmação viria com um duplo propósito: primeiramente, de tentar desmistificar o “mundo dos espíritos” mostrando-o como um mundo dos homens, só que em condições diferentes. Segundo, de apontar para a falibilidade dos mesmos, e nesse ponto reside a importância do *Livro dos Médiuns*: se os espíritos eram almas de homens, que tinham o conhecimento de acordo com o que tinham estudado e vivido em suas encarnações, então o pesquisador espírita deveria estar armado de certo cuidados em sua investigação que o ajudassem a lidar com esses problemas.

Em 1864, Kardec irá editar a obra que, juntamente com o *Livro dos Espíritos*, é considerada a mais importante da codificação: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Aparecendo primeiramente com o nome de “Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo”, o “ESE”, como é abreviado, contem a síntese da proposta religiosa do Espiritismo, que em linhas gerais seria o resgate do cristianismo em sua pureza original.⁸⁷ Segundo as mensagens dos “espíritos” que ajudaram na composição da obra, o cristianismo, ao longo do tempo, teve sua mensagem esquecida e deturpada pelos jogos de poder humanos.⁸⁸ Além desse resgate da mensagem cristã, o espiritismo chama para si a

⁸⁶ KARDEC, Allan – *Obras póstumas*. Op. Cit.

⁸⁷ KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit.

⁸⁸ Id. Ib.

responsabilidade de “dar continuação às leis do Cristo”, e se colocar como o “Consolador Prometido”⁸⁹, do qual Jesus teria falado no Evangelho de João.⁹⁰ O espiritismo vinha, ao seu tempo, cumprir as promessas de Jesus de “ensinar todas as coisas” e “recordar tudo o que vos tenho dito”. Não teria vindo antes, porque “o mundo não o pode (podia no caso) receber”, porém o século XIX, tempo da ciência e dos avanços nas mais variadas áreas do conhecimento humano, havia deixado o caminho preparado para a chegada dessa nova revelação, a terceira (depois de Moisés e Jesus), que haveria de “restabelecer todas as coisas [...] para que convosco permaneça para sempre”⁹¹.

No ano seguinte, 1865, Kardec lança *O céu e o Inferno: ou a justiça divina segundo o Espiritismo*. Nesse livro Kardec vai tratar dos dogmas católicos de céu, inferno e purgatório, assim como anjos e demônios, segundo a ótica da doutrina espírita, na tentativa de lançar novas luzes sobre esses assuntos. A obra possui duas partes. A primeira, contendo explicações espíritas desses dogmas. Já a segunda é uma série de comunicações, supostas conversas de Kardec com os espíritos dos mais variados níveis, do ignorante ao muito sábio, do perverso ao de bom caráter, etc.⁹² A intenção seria mostrar que céu, inferno e purgatório não existem como concebidos pela teologia até então

⁸⁹ Id. Ib.

⁹⁰ “Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito (Espírito da Verdade), para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece [...] Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”. João Cap. XV, vv. 15 a 17 e 26.

⁹¹ KARDEC, Allan – *Op. Cit.* O ESE é a obra espírita, no Brasil, com mais edições até atualidade. Só a edição da FEB estava, em 1997, na 114ª, seguida do Livro dos Espíritos, que estava, em 1998, na 80ª. O lado religioso da doutrina, como veremos com mais clareza em capítulo posterior, é o que mais chama a atenção do espírita ou simpatizante brasileiro. Na França, segundo nos contou um adepto espírita que é de nacionalidade francesa, o *Livro dos Espíritos* é o livro mais lido, lembrando que o enfoque dessa obra seria mais de caráter explicativo e formativo. Isso demonstra a diferença das leituras culturais do espiritismo que há entre o seu berço de origem e o nosso país.

⁹² Kardec, no *Livro dos Espíritos*, propõe uma “Escala Espírita” para classificar a ordem dos espíritos em relação uns com os outros. Seriam 10 classes de espíritos, do mais “inferior” ao mais “superior”, que nós podemos resumir em três grandes grupos: 1) *Espíritos Imperfeitos*, nos quais predomina mais a ignorância do bem e a prática do mal; 2) *Bons Espíritos*, onde o desejo do bem prevalece, mas eles ainda se vêem às voltas com muitas imperfeições no seu íntimo que procuram extirpar trabalhando a si mesmos e exercendo o bem; e 3) *Espíritos Puros*, os que alcançaram uma compreensão mais ampla da vida e se libertaram de todas as paixões grosseiras. Um exemplo de espírito puro seria Jesus, que é considerado no espiritismo como o “governante espiritual” do planeta. Curiosamente, já que falamos nisso, há sim uma “teoria política” espírita, mas ela se encontra nas obras de Francisco Xavier, que, segundo se acredita no espiritismo, recebeu dos espíritos André Luiz e Emmanuel instruções mediúnicas a esse respeito. No período de Kardec, uma visão da “política” do plano espiritual contava com uma exposição muito limitada. Para mais detalhes, XAVIER-Francisco Cândido & LUIZ, André – *Nosso Lar*. (50ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 2000.

vigente, e que anjos e demônios não passam de espíritos que, com seu trabalho de auto-burilamento, alçaram a condição de espíritos puros (“anjos”) e espíritos que, na sua teimosia no mal ou na sua ignorância, encontram-se ainda muito “presos à matéria” e às sensações que dela provem, em vez de procurarem também conquistar uma melhor condição (“demônios”).⁹³

Finalmente, em 1868 Kardec lança sua última obra completa, *A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, visto que ele irá morrer no ano seguinte, em 1869, de uma parada cardíaca súbita, deixando vários escritos esparsos, que foram reorganizados por seu continuador como presidente da “Sociedade de Parisiense de Estudos Espíritas”, *Pierre-Gaëtan Leymarie*, sob o título *Obras Póstumas*. De qualquer maneira, na *Gênese* Kardec trata melhor sua teoria do “sobrenatural” e dos “milagres”, procurando retirar deles o seu aspecto místico. Apegando-nos um pouco a esse ponto, é importante frisar que Kardec propõe, desde o começo das suas obras, uma ampliação das “Leis da Natureza” até então conhecidas, para que esses fenômenos, tantos os espíritas, como os milagres de Jesus (que são explicados pela teoria espírita), recebessem um novo tratamento, mais racional e adequado com os conhecimentos do século XIX. Kardec também procura ampliar a “Gênese” planetária, e para isso, no capítulo VI dessa obra (“Uranografia geral”) publica a uma dita comunicação mediúnica recebida pelo médium Camille Flammarion, do espírito do insigne astrônomo Galileu Galilei, que versa sobre o tema. Em suma, nesse livro Kardec luta por ampliar os limites científicos, se utilizando dos conhecimentos espíritas, na procura por encadear a ordem do nosso mundo com a ordem dos espíritos, na luta por demonstrar que ambos são uma só e a mesma coisa, estando somente em planos diferentes.

Como dissemos anteriormente, em 1869 Kardec falece, o que abre um grande espaço a ser preenchido no meio espírita mundial. Morreu em seu apartamento, quando arrumava a mudança da sede da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas que, desde 1º de Abril de 1858, era o *locus* específico das pesquisas kardequianas e espíritas, reunindo em seu seio todos aqueles que “desprovidos de preconceitos e armados de espírito de

⁹³ KARDEC, Allan – *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2001. ; *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

investigação”⁹⁴ buscavam ampliar os conhecimentos espíritas. Kardec teve uma parada cardíaca súbita. Gabriel Delanne, colaborador de Kardec e depois importante autor espírita, foi um dos primeiros a chegar ao local após a crise cardíaca, e nos conta que Kardec faleceu imediatamente.⁹⁵ Seu corpo foi enterrado logo depois, e hoje em dia seu túmulo é um dos mais visitados no cemitério de *Père-Lachaise*, em Paris.⁹⁶ A inscrição do seu dólmen resume toda a dedicação da sua vida e os preceitos máximos da doutrina espírita: “*Naître, Mourir, Renaître Encore et Progresser Sans Cesse: Telle Est La Loi*”.

Depois de sua morte, instala-se um grande problema no meio espírita. Kardec era o pilar do espiritismo. Seu falecimento - apesar das precauções que ele mesmo tomou em vida, ao estabelecer certos princípios de organização da doutrina espírita, para que ela não dependesse de uma pessoa só⁹⁷ - foi determinante para os fenômenos que se seguiram. Sua mulher, Amélie Gabrielle Boudet, passou a ser a grande referência do espiritismo, mas a administração da Sociedade passou para as mãos de Pierre-Gaëtan Leymarie, socialista e um dos acompanhantes de Kardec nos estudos de espiritismo desde os primeiros tempos.

Por volta de 1875, Leymarie, juntamente ao médium e fotógrafo Édouard Buguet, se envolveu com a produção e pesquisa daquilo que se convencionou chamar “fotografias espíritas”. Consistia, diz-se⁹⁸, em uma “semi-materialização” de um espírito no momento que era tirada uma fotografia, de maneira que a chapa fotográfica captava a presença do espírito mais o olho humano, geralmente, não. Inúmeras pessoas da alta roda parisiense pagavam por essas fotos, sendo o sustento do médium e fotógrafo. Ainda segundo esse livro⁹⁹, o próprio Kardec “espírito”, apareceu em uma dessas fotos com uma placa, ao lado de sua mulher, que ainda estava viva, na qual exortava os espíritas com

⁹⁴ KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit. ; *Revista Espírita*. (Vários Números) Op. Cit.

⁹⁵ WANTUIL & THIESEN (1979).

⁹⁶ Estivemos visitando esse cemitério, em viagem que fizemos à capital francesa, e pudemos confirmar a fama do Codificador espírita. Logo ao chegar, ao dobrar a esquina para a *Av. des Combattants Etrangers Morts Pour La France, 44 division*, endereço do túmulo de Kardec, encontramos uma quantidade considerável de pessoas, obstruindo a passagem e a visão do dólmen. Ao nos demorar lá, o fluxo de visitantes continuou intenso, e apesar de termos visto muitos brasileiros, não eram esses maioria, como seria de se esperar.

⁹⁷ KARDEC, Allan – “Constituição do Espiritismo” EM: *Obras Póstumas*. Op. Cit.

⁹⁸ LEYMARIE, Marina P-G. – *Processo dos espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1975.

⁹⁹ Id. Ib.

palavras de incentivo. O caso é que, conta-se¹⁰⁰, com o número crescente de pedidos, Buguet via-se fatigado, pois, segundo a doutrina espírita, a doação de “ectoplasma” para essa manifestação de efeito físico causa cansaço no médium, como um exercício físico, havendo um dispêndio de energia e sua necessária reposição¹⁰¹. Comentam então os biógrafos do evento que, não se sabe se por ganância, ou por se ver muito atarefado e cansado, Buguet, que também era fotógrafo profissional e conhecia alguns truques do meio, haveria forjado as fotos espíritas, trabalhando as chapas em laboratório, com a utilização de bonecos e fantoches. Acabou sendo descoberto, o que iniciou todo um processo, que se intitulou *Procés des Spirites*. Buguet teria demonstrado falta de caráter, e acusou injustamente, segundo ainda esses biógrafos¹⁰², Leymarie de ter arquitetado junto com ele as fraudes. Consta também que esse processo foi conduzido com a ajuda da Igreja Católica da França e de membros da Universidade de Paris, interessados em acabar de vez com o espiritismo.¹⁰³ O resultado foi que ambos, Buguet e Leymarie, foram presos depois de algumas sessões polêmicas, onde os fatos, ainda segundo a autora e comentadores, eram adulterados e os promotores do caso juntamente com o juiz demonstravam parcialidade e não julgaram todos os eventos com a devida justeza, como demonstra os documentos e atas das sessões¹⁰⁴. Com esse evento o espiritismo sofreu forte revés na França, demorando para que os fatos fossem colocados no lugar, já que a imprensa contrária à doutrina divulgou-o amplamente. Ainda segundo os biógrafos espíritas do evento, se Leymarie pecou em algo de fato, foi por ter sido ingênuo e ter confiado por demasiado nos “dons” de Buguet. Como esses mesmos autores ressaltam, faltava a ele a mesma preocupação e cuidado que permeava os trabalhos de Kardec, que sempre era criterioso ao extremo, sendo que uma de suas máximas, constantemente repetidas no meio “científico-espírita”, é a famosa “é melhor renegar dez verdades do que aceitar uma só mentira”¹⁰⁵. Segundo consta nessa análise dos eventos, Leymarie foi vítima de um excesso de confiança, e depois, das ciladas armadas nas sessões de julgamento do processo.

¹⁰⁰ Id. Ib.

¹⁰¹ Id. Ib.

¹⁰² LEYMARIE, Mme. P-G. – *Op. Cit.* Hermínio Miranda e Zeus Wantuil, o primeiro como tradutor e o segundo como comentador da obra, dizem que Buguet teve um posicionamento dúbio e não condizente com os fatos, acusando Leymarie de estar junto com ele na farsa, o que de fato não teria acontecido, segundo esses autores.

¹⁰³ Id. Ib.

¹⁰⁴ Id. Ib.

¹⁰⁵ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

Com isso, o espiritismo sofre dura prova em solo francês e começará a transferir sua sede para as terras brasileiras. Entretanto, antes disso, façamos, como prometido, breve balanço da relação dessa doutrina com todas as principais influências que acreditamos que a permeiam, na busca por compreender melhor como ele conseguiu lidar com um tempo avesso às “coisas da religião”.

3. À GUIA DE CONCLUSÃO: O ESPIRITISMO E OS ECOS DO SEU TEMPO.

Da filosofia, podemos dizer que Kardec fez um *pout-pourri* do que anteriormente expomos, na sua tentativa de síntese criativa na elaboração do espiritismo. De *Descartes* desenvolveu o princípio do *inatismo*, que diz que nós teríamos idéias inatas que nos ajudam a lidar com o mundo. No espiritismo essas idéias têm um *locus* específico: o espírito. Com a reencarnação, o espírito adquire inúmeras experiências e conhecimentos que carrega consigo, já que é um ser imortal. Com um novo renascimento, o espírito pode vir a nascer com certos “dons”, que nada mais seriam que a manifestação de suas experiências pregressas. Com isso, a doutrina espírita procura explicar um Mozart que compõe uma ópera aos cinco anos de idade, ou tantos outros gênios que desde a mais tenra idade já manifestavam dons superiores, retirando essas capacidades do “acaso”¹⁰⁶ biológico e dando-lhes uma razão de acordo com os princípios espíritas.

Além do inatismo, Kardec recupera do insigne pensador francês a idéia do *dualismo*, doutrina fundamental para a compreensão dos principais postulados espíritas, todavia, o faz de maneira original. Segundo a doutrina espírita, o ser humano seria composto de uma dimensão principal: o *espírito*. O espírito em si seria uma força, algo

¹⁰⁶ O Espiritismo é contrário à idéia de acaso. Nele, Deus é o princípio organizador de tudo, como em algumas correntes do Idealismo, porém, mais do que Deus, o próprio espírito dita o seu futuro. Suas ações presentes dirão como ele será no futuro. A teoria espírita sobre o *inatismo* e sua polêmica com as teorias que relegam ao acaso certas facetas da realidade é longa para tratarmos aqui. Porém, o acaso era, para Kardec, um princípio de irracionalidade, mero apanágio para aquilo que não se tinha investigado ou não se conhecia, como o é caso dos fenômenos que estudava e que eram vistos como “sobrenaturais”, como o caso das manifestações espíritas.

como uma “energia”, disforme, manifesta em transcendência, sede do ser. O espírito ao iniciar seu processo de aproximação com a realidade adensada, ou “material”, precisaria adquirir elementos dessa realidade para então deixar o status disforme e ganhar em amplitude de manifestação. No caso de estar em uma realidade planetária, ele então adquiriria elementos da realidade densa desse planeta, e começaria a formar o “perispírito”, ou “corpo espiritual”, que seria seu veículo de apresentação manifesta no momento em que ele se coloca, no caso, no planeta. A formação do perispírito é inconsciente para alguns espíritos (ignorantes ainda do processo) e consciente para aqueles que possuíssem já ciência e instrução sobre os processos que o envolvem (conhecimentos esses adquiridos com a experiência e durante a vida espiritual, em escolas e estudos, como aqui fazemos). O perispírito em sua constituição e aparência transmite aos outros espíritos (para aqueles também mais experientes na mecânica do plano espiritual) detalhes sobre a realidade psicológica, “física”, e a condição espiritual do ser em questão. Seria como o “espelho” da realidade do ser enquanto ser, de suas conquistas, traços de caráter, etc: quanto mais puro o espírito, quanto mais evoluído e bom, mais “brilhante” e volátil de torna seu perispírito, que repeleria traços “grosseiros” da estrutura psico-física do planeta ¹⁰⁷, demonstrando assim em sua constituição que o ser que o possui seria alguém de elevada estatura espiritual, alguém de muitas experiências e de um caráter voltado para a prática do bem. Ao contrário disso, quanto mais apagado e grosseiro é o perispírito de um ser, mais ele demonstra ainda apego à realidade material, o que pode ser sinal de alguém ainda com um senso moral pouco trabalhado.¹⁰⁸

Contudo, a evolução do espírito para se dar de maneira mais completa, e até mesmo mais acelerada, deve ser feita através de sucessivas “reencarnações”, onde ele experimentaria a “vivência material” de maneira direta. Ao reencarnar, o espírito receberia

¹⁰⁷ O espiritismo defende que, como existe a atmosfera planetária que nos cerceia e influencia, há também uma “psicosfera” envolvendo o planeta, que é o reflexo do nível espiritual geral de seus habitantes. Essa psicosfera seria constituída das emissões mentais dos seres, pois no espiritismo, o ato de pensar produz a chamada “matéria mental” que, apesar de diferente em sua constituição, é matéria, e essa carregaria em si “vibrações” que seriam a manifestação do “jeito de pensar” dos seres pensantes de um planeta. Todavia, tal psicosfera não seria só um retrato como teria também o poder de exercer sobre esses habitantes uma “pressão” no seu pensamento. Seria algo como o “fato social” durkheimiano e as “estruturas-estruturadas-estruturantes” de Pierre Bourdieu colocados em termos espíritas, e que por isso sairiam do plano da cultura para ganharem uma realidade dita “material-espiritual”.

¹⁰⁸ KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit ; *Revista Espírita*. Op. Cit. (Vários Números) ; *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2000. ZIMMERMANN, Zalmino – *Perispírito*. Op. Cit.

mais um corpo, este de carne, para continuar seu processo de burilamento pessoal. Com isso, e enquanto imerso na realidade mais densa, o espírito possuiria dois corpos: perispírito e corpo de carne, ambos desdobramentos do espírito, sede do ser, que teriam o propósito de funcionar como “ferramentas” para o seu crescimento rumo a uma conscientização plena.¹⁰⁹

Aproximando-nos de Descartes, podemos dizer que perispírito e o nosso corpo de carne seriam duas realidades de certa forma diferentes. Poderíamos, por motivo de uma melhor compreensão, dizer que o espírito se desdobraria. Que em um dos corpos (perispírito) reside de maneira mais pronunciada a “mente” (“espírito em si”, *res cogitans*) enquanto em o outro (corpo de carne) estaria mais a manifestação (*res extensa*). Todavia, no espiritismo o *dualismo* serviria apenas como um modelo conceitual de aproximação de uma realidade que é mais complexa: em verdade, não existe dualismo algum para o espiritismo, em último plano. A “falsa dualidade” que em Descartes haveria entre espírito e mente também é defendida pelo espiritismo, respeitando-se, entretanto, a maneira como essa doutrina se utiliza do conceito. O *espírito* seria a “mente em si”, e a única realidade.¹¹⁰ Todas as outras são apenas aproximações materiais que seguiriam ditames de necessidades evolutivas. O perispírito, o corpo espiritual, seria ele mesmo apenas um corpo, “extensão” e abrigo da mente-espírito, a sede do ser. Todos os corpos que advém ao ser em determinados momentos da sua vida estariam regidos pelo princípio maior que orientaria o universo, no qual os seres criados caminham para uma “espiritualização crescente”, em um movimento de aproximar-se do material para melhor se conhecer, posteriormente afastando-se desse mesmo plano, quando essa etapa é finalizada. O “dualismo em nós” existiria apenas para cumprir-se determinada etapa do nosso “crescimento”. Feito isso, com a retomada de consciência, ao se cumprir essa “volta hegeliana” da vida – onde a experiência se incorpora em nossa existência - tornamo-nos, com a vivência adquirida, seres unificados em si mesmos e com universo que nos cerca.

¹⁰⁹ Id. Ib.

¹¹⁰ Para o espiritismo, é-nos permitido chamar o “espírito” de “mente” sem que com isso haja algum problema de definição. A idéia de espírito, nessa doutrina, serve como a idéia de mente em várias outras: da existência no ser de algo que funciona como sede do pensamento, da razão e do sentimento. Se essa realidade é melhor, se é reflexo do funcionamento biológico, ou mesmo algo “espiritual”, é o que difere as escolas e sua maneira de trabalhar o conceito de mente. No espiritismo, esse conceito é sinônimo de realidade espiritual, responsável por nos informar da transcendência do ser.

Do imanentismo, Kardec resgata a proposta da ampliação do conceito de “natural”, apoiando-se na imanência da “religião em nós”: o espiritismo, dirá ele inúmeras vezes¹¹¹, pertenceria ao reino das “leis naturais”, por ser a sistematização de princípios que regem o ser humano, mas um ser humano mais integral, que abrangeria corpo, mente e “espírito”. A luta do codificador espírita com o meio filosófico e científico do seu tempo seria justamente fazê-los aceitar a componente “espírito” na dimensão do humano, não como uma abstração conceitual, mas como uma entidade que por sua vez seria o ser humano “em si”. A religião estava em nós, porque em nós está momentaneamente “encarcerado na prisão da carne” o espírito. Se ele estava em nós, e nós somos seres regidos pelas leis da natureza, o que se deduzia logicamente para ele e para o espiritismo é que o espírito faz parte das leis da natureza. Era necessário ampliar os limites dessas leis, abolindo a visão sobrenatural e colocando em seu lugar outra que levasse em conta a naturalidade dessa imanência, sendo esse o convite que Kardec fazia aos meios pensantes do seu tempo. Com isso ele esperava abolir o misticismo na religião e trazê-la para o domínio do real, do “natural”. Com isso, intencionava ele também, a religião sairia do universo do fantástico, e como forma de conhecimento mais legítimo, estaria em condições de compartilhar sua parcela de discurso sobre o real, juntamente com a ciência e a filosofia.

Em suma, o esforço kardequiano seria de “melhorar a natureza atual” das coisas, despertando-a para a sua “parte melhor”: o Espírito, sede da razão e do poder divino em nós, poder esse que vinha como um convite e um alerta de Deus que estamos com Ele na sua obra de ajudar na evolução (no sentido moral do termo) do mundo e seus viventes. Essa seria a missão do “homem enquanto espírito”, e a do espiritismo despertar a humanidade para esse sentido de missão.

Os *românticos* inauguraram a busca espiritual do século XIX, e essa busca permitiu que o espiritismo aparecesse. Sem a “angústia” que esses artistas sentiam, sem a crítica que fizeram à ciência “fria e objetivizante”¹¹², não poderia ter surgido o ensejo para

¹¹¹ Kardec defende isso em praticamente todas as obras da “codificação”, que falamos anteriormente.

¹¹² Basta lembrar que a obra-prima de Goethe, *Fausto*, é um diálogo crítico que esse autor estabeleceu com a ciência nos moldes da ortodoxia baconiana.

a exploração por respostas que buscavam ir além do *data* puro e resgatar outras dimensões e formas de conhecimento. O espiritismo aparece como uma dessas alternativas de resposta, na busca por fornecer aos que sofriam do “mal do século” uma alternativa ao “nada” materialista. O *idealismo* coloca o espírito em primeiro plano, e o espiritismo aproveita-se disso. O *Geist* era espécie de “sede da razão”, e ao apontar para o “espírito” como sede da razão, o idealismo abriu as portas para que o espiritismo pudesse, mais adiante, desenvolver essa idéia de maneira mais específica. No espiritismo, o *Geist* se corporifica, adquire uma anatomia, uma organização e um propósito independente. Mantém seu status de sede do ser, entretanto ganha um status que vai além da abstração filosófica e um poder soberano para falar e explicar o real: o “espírito” era a manifestação e resumo da essência humana, imortal e eterna.

Digno de nota é lembrar que o principal representante do romantismo francês, *Victor Hugo* (1802-1885), teve um relacionamento direto com as doutrinas espiritualistas, tendo inclusive patrocinado sessões de “mesas girantes” em sua própria casa, no seu exílio nas ilhas Jersey. Alguns biógrafos de Hugo insistem em dizer que essas experiências marcaram profundamente não só a estética, mas o seu pensamento. Kardec mesmo irá publicar, na *Revue Spirite*, sua revista mensal de Espiritismo, alguns comentários ou discursos de Hugo em que ele ressalta a sua fé na imortalidade da alma, no mundo dos espíritos etc. Outro fato também importante da relação do romantismo com o espiritismo é que muitos dos românticos e outros literatos franceses, que já haviam morrido, “voltavam” nas páginas da *Revue Spirite*, alegadamente fornecendo comunicações mediúnicas às médiuns de Kardec. Alfred de Musset, Mme. de Staël, La Fontaine, Lamartine, Figuiet, Eugène Sue, Chateaubriand, Béranger, entre tantos outros, cruzavam as fronteiras “entreplanos” e mantinham esses “diálogos” com o codificador do espiritismo. No ano de 1859, ninguém menos do que Goethe aparece em uma dessas conversas com Kardec na *Revista*, assim como em 1858, Mozart e Chopin eram presenças constantes nas reuniões espíritas do codificador.¹¹³

¹¹³ Para mais detalhes: KARDEC, Allan – “Discurso de Victor Hugo sobre a Morte de uma Jovem”. EM: *Revista Espírita* (Fevereiro de 1865). Brasília: EDICEL, (s.d.). KARDEC, Allan – *Revista Espírita*. (Maio de 1858 e Junho de 1859).

Do *socialismo* há a herança de uma utopia por um mundo mais justo. O espiritismo é também uma filosofia cristã que diz que a humanidade será mais feliz em um amanhã que está mais perto ou mais longe dependendo de nossas ações. Que o princípio da justiça deve comandar nossas ações e nossas sociedades, mas uma justiça que se espelhe nos exemplos de Jesus, em seu amor e respeito ao próximo.¹¹⁴ Enfim, a busca socialista de um mundo melhor já foi incorporada por inúmeras seitas cristãs que fazem uma interpretação social da doutrina de Jesus. O espiritismo também o fez, mas ao seu modo, também apontando para uma utopia que devíamos seguir. Do *positivismo*, conforme exposto anteriormente, herdou a ciência como meio de investigação e também como ferramenta para legitimar nossos atos e pesquisas. Foi constante a busca do espiritismo de tentar se utilizar da ciência e de seu método para formular seus postulados¹¹⁵. Além disso, o espiritismo se assemelha muito ao positivismo em sua luta por ser um “culto racional”, onde os fiéis substituiriam a postura teológica do passado por uma nova forma de crença que levava em conta os avanços técnicos e científicos do tempo em que se inseriam.

Não demos ênfase ao naturalismo, mas vale lembrar de maneira sucinta que o naturalismo renega o sobrenatural e a criação divina, procurando organizar a realidade em “leis da natureza” imanentes e materiais. Pois bem, “lei da natureza” é uma das sentenças mais usadas por Kardec para explicar os fatos espíritas. Todos os fenômenos espirituais, segundo ele, pertenceriam às leis da natureza, porém, essas leis até então não tinham sido estudadas por falta de recursos teóricos, de técnica, de ciência enfim. O espiritismo também busca renegar o sobrenatural, por não ver sentido na idéia de existência de um reino de mistérios insondáveis. O espiritismo não nega a criação divina, mas também não aceita a idéia de sobrenatural, que retira Deus da natureza como a concebemos. Essa doutrina defende que Deus é a perfeição, porém uma perfeição que podemos conhecer – sem nos equiparar, é preciso dizer – e estudar. O reino do sobrenatural seria, por enquanto, o reino do desconhecido, cabendo a essa doutrina auxiliar em sua desmistificação.

¹¹⁴ KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

¹¹⁵ Na conclusão, voltaremos a um estudo da doutrina espírita, falando do seu tríplice aspecto - filosofia, ciência e religião – para que possamos ressaltar como eles foram tratados em solo brasileiro pelos nossos simpatizantes da doutrina.

E falando agora da ciência e religião, o magnetismo abriu caminho para que os humanos entendessem que existem forças que agem sobre nós e que, em muitos casos, emanam de nós, e que não podem ser facilmente catalogadas e percebidas. São as “forças não visíveis” de Faraday, que Mesmer acreditava existir dentro dos seres humanos, no magnetismo animal. O mesmerismo, o sonambulismo e o hipnotismo seriam técnicas diferentes e manifestações diferentes do princípio magnético, que poderia funcionar como indutor ou canalizador desses estados de “percepção alterada da mente”. A vitória do magnetismo foi importantíssima, e Kardec, que acompanhou o seu desenvolvimento, não cansava de citá-la, querendo com isso apontar o espiritismo como mais uma dessas forças da natureza que estariam presentes em nossa realidade, mas que por falta de melhor instrumental, não havia sido ainda bem estudado.¹¹⁶ Já no campo religioso, com o *New Spiritualism* os mortos saíam de um reino de brumas e incertezas maiores e viriam para o nosso meio se materializar ou movimentar objetos, desde mesas a lápis, supostamente produzindo relatos de uma vida que continua, de uma alma que existe em nós e que se mantém viva, mesmo após o túmulo. O espiritismo é o desenvolvimento dessas idéias, a doutrina daqueles que morreram e que, como singulares jornalistas, alegadamente voltariam para nos contar causos e contos do “lado de lá”.

Por fim, e acreditamos, uma das mais importantes influências em Kardec, merecendo menção especial, é o seu contato com Pestalozzi. “Educação voltada para o melhoramento moral”. Esse será o legado Rivail herdará de Pestalozzi, carregando-o para dentro do espiritismo. A principal proposta espírita, e isso está contido em todas as obras da codificação, é uma só: o melhoramento moral da humanidade. Como fazer isso? Através da educação, sentenciará Pestalozzi, H. L. D Rivail e Allan Kardec. Notamos que no momento de definir a proposta espírita, do que Kardec e os ditos “espíritos” queriam com as mesas, materializações e inúmeros outros fatos que até hoje geram polêmica, a didática pestalozziana surge como a pedra de toque de todo o desenvolvimento da doutrina. Os anos em Yverdon não somente fizeram o pedagogo Rivail, mas prepararam-no para “incorporar” Allan Kardec, divulgador da doutrina espírita.

¹¹⁶ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

Em suma, esses seriam os principais eventos e pontos da doutrina espírita. Apesar dos problemas vividos na França, com o processo contra os espíritas, ele já começava a vicejar em outras terras. Centrando-se na proposta religiosa da doutrina, os espíritas brasileiros começam a estabelecê-lo em solo tupiniquim. Começava assim uma relação que dura mais de século e meio. Nesse ínterim, o Brasil se configurou como o “grande centro espírita do mundo”. Com o nascimento de Francisco Cândido Xavier, o “Chico Xavier”, em 1910, essa tendência de se tornar a nação líder e o “solo” do espiritismo no mundo parece se confirmar. É no Brasil que essa doutrina experimentará o sopro renovador necessário e fundamental para a sua sobrevivência até os dias de hoje.

CAPÍTULO III

O Espiritismo e o Brasil.

Viu-se nos capítulos anteriores as prováveis fontes históricas e a constituição do espiritismo. Viu-se também como a doutrina espírita procurou se inserir em seu tempo, tempo onde um novo padrão hegemônico ideológico calcado no racionalismo científico convivia com a influência da busca romântico-idealista que privilegiava o sentimento em detrimento do *data* da ciência. Nesse ambiente confuso, aliado ao panorama de uma França incerta, entre impérios e revoluções, Kardec apresentava a doutrina espírita. O aparente sucesso da tentativa kardequiana se evidencia na rápida proliferação, e mais do que isso, na persistência do espiritismo, que chega até os nossos dias, em mais de 150 anos de existência. Um dos motivos que quiçá expliquem isso seja a especificidade da proposta do espiritismo, o qual buscava aliar ciência, filosofia e religião em um só corpo doutrinário. Ao apresentar o espiritismo dessa maneira, o codificador acabou por cumprir certas exigências dos novos tempos, dando espaço para a “razão” em seus postulados, permitindo que ela dialogasse com a religião, na busca por uma síntese de um novo entendimento religioso que estivesse mais em par com a modernidade e suas contribuições. Foi esse diálogo que Kardec estabeleceu com o seu cotidiano a grande marca do espiritismo, e acreditamos, um dos motivos que permitem sua existência até hoje.

Chegando ao Brasil, essa capacidade adaptativa do espiritismo vai ser submetida a algumas provas. A realidade brasileira era, em muitos momentos, totalmente diferente daquela que Kardec consolidou o espiritismo. Sabemos que a influência francesa no Brasil era grande, devido muito aos próprios portugueses, que admiravam bastante a cultura desse país. Porém, existe a necessidade de setorizar essa influência, localizá-la

socialmente. Por isso, o Brasil, apesar de toda a penetração estrangeira, apresentou uma maneira sua para lidar com a doutrina espírita.

Praticamente todos os aspectos culturais e sociais brasileiros responderam de alguma maneira à entrada do espiritismo no Brasil. A nossa *intelligentsia*, nossos magistrados, o Imperador D. Pedro II e a princesa Isabel¹¹⁷, a população, o clero, os jornais, enfim, todo mundo queria saber ou algo falar dessa doutrina que aqui chegava com pretensões de ficar e de também mudar o trato brasileiro com a religião, pois vale ressaltar que, apesar de ter sofrido fortes influências, o espiritismo também buscava influenciar a nossa cultura. Todavia, fato é que aqui chegou e aqui ficou, tanto que hoje, podemos dizer, quando falamos de espiritismo, seja em qualquer lugar do mundo, o nome do Brasil surge como a “sede maior” dessa doutrina¹¹⁸.

Buscamos, ao longo desse capítulo, relacionar o espiritismo com o solo brasileiro. Pretendemos responder a muitas perguntas, por exemplo, de como ele chegou, como conseguiu ficar, e porque se desenvolveu rapidamente, levando alguns pesquisadores¹¹⁹ a frisar que já no final do século XIX, por volta de 30 anos depois que a doutrina espírita começou a ser desenvolvida aqui, nós já éramos uma das maiores nações espíritas do mundo. Vários elementos contribuíram para isso. Sondando-os poderemos descobrir os motivos que a levaram a aqui ficar. E mais do que isso, notaremos as contribuições dadas pelo espiritismo para a nossa cultura. Entre a missa e o tambor, entre o

¹¹⁷ D. Pedro II recebeu alguns espíritas que o procuram por terem sido vítimas de perseguições da parte da polícia, que por sua vez, estava “a cumprir ordens” do clero. A princesa Isabel soube das reuniões espíritas e manifestou interesse, pedindo a amigos para que fizessem certas perguntas aos espíritos para ela. Para mais detalhes: MACHADO, Ubiratan – *Os intelectuais e o espiritismo*. Niterói: Lachâtre, 1996.

¹¹⁸ Para não parecer exagero nosso, vamos citar textualmente a contracapa de um livro de um pesquisador da pátria do espiritismo: “*Religion plus que philohophie, certitude plus que science, le spiritisme est une aventure fantastique que puise dans les infinis débordements de l’imagination humaine et participe du romantisme et du surréalisme*”. E a parte que mais nos interessa “*Aujourd’hui encore, le spiritisme compte des millions d’adeptes dans le monde : au Brésil l’effigie du Français Allan Kardec, brillant doctrinaire du spiritisme, figure sur un timbre national*”. Dessas duas citações, ressaltam dois pontos importantes. A menção da importância religiosa do espiritismo, mais do que a filosofia e a ciência, já é devido à influência nossa nessa doutrina. Um pesquisador moderno do espiritismo logo percebe essa importância da religião para a doutrina, e como veremos a seguir, isso muito se dá pela sua passagem pelo Brasil. O outro ponto curioso é que o nome do Brasil logo surge na “propaganda” do livro. Convém dizer que o livro não é espírita, mas de pesquisador do espiritismo, o que mostra que, mesmo na França - onde ele surgiu -, o pesquisador percebe a importância do nosso país para essa doutrina. Para mais detalhes dessa obra: LANTIER, Jacques – *Le Spiritisme*. Paris: Grasset, 1971.

¹¹⁹ MACHADO, Ubiratan – *Op. Cit.*

homeopata e o advogado, entre Machado de Assis e Juca Rosa¹²⁰, o Espiritismo se inseria, deixando marcas visíveis na constituição da nossa nação.

1. O BRASIL DO SÉCULO XIX: UM PANORAMA SÓCIO CULTURAL.

O século XIX, como sabemos, foi um século de profundas mudanças em todo cenário mundial, e o Brasil viveriam também esse momento. A efervescência mundial teve aqui reflexos profundos, que mudaram todas as bases de organização da nossa sociedade. Porém, tudo isso se deu com características locais, seguindo o nosso velho costume de “ajeitar” as coisas, adaptando-as à nossa realidade. Ao risco de causarmos sérios abalos ao tecido social, não parecia lícito aceitar pura e simplesmente as idéias que vinham de fora. Todavia, no Brasil, essa costumeira adequação de idéia à realidade beirou muitas vezes a fronteira do imprevisível. Que outro país conseguiria casar o liberalismo com o sistema escravista? Que outro país faria rezar uma missa dentro de um terreiro? Estamos tão acostumados a fatos como esses que nem nos apercebemos mais deles. Porém, quando um estrangeiro aqui chega, espanta-se com essa nossa “malandragem” cultural. O Brasil é de todos os santos, e não teve século XIX que fizesse isso mudar.

Entretanto, fatos importantes aconteceram durante o século XIX que foram cruciais para certa mudança de orientação na formação cultural do país. O Brasil que entra e o Brasil que sai do século XIX são, como sabemos, totalmente diferentes.

O primeiro grande acontecimento do nosso século XIX seria a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. A corte de D. João VI trouxe, ou melhor, aproximou mais a Europa e seus costumes do Brasil¹²¹. Não somente no plano das idéias,

¹²⁰ Um negro que exercia profissão bem comum à época (Séc. XIX): era uma mistura de curandeiro com conselheiro amoroso e “espiritual”. Foi acusado de ser muito “sedutor”, e acabou preso por isso.

¹²¹ Um professor nosso de história costumava contar uma anedota que conta-nos muito sobre a influência “cultural” da chegada da corte real ao país. Sabemos que a família real sairia fugida de Portugal por causa das campanhas napoleônicas. Porém, D. João não esperava ter que sair tão cedo de seu país, pois esperava uma

mas também no plano físico e das instituições, pois juntamente à corte vieram artistas, pensadores e cientistas. Houve mudanças estruturais necessárias para acomodar essa família, e obras foram inauguradas para fazer valer o prestígio desse evento histórico: museus, bancos e bibliotecas, tudo isso o Brasil começou a conhecer melhor com a chegada da corte. Com essas mudanças, o Brasil começava a ganhar uma maior autonomia e a desenvolver localmente as matizes do seu plano de nação. Vale lembrar também que é nesse período, em 1816, que chega ao Brasil – sob o patrocínio da família real – a Missão Artística Francesa. Essa missão “trouxe um padrão estético universalista e imprimiu um gosto cosmopolita, que dominou toda a cultura urbana brasileira do século XIX”¹²².

Com a independência de 1822, essa busca por um Brasil menos atrelado ao que vem de Portugal se acirra. Apesar de todas as singularidades da independência, que não se desvinculou totalmente da até então metrópole, é nessa época que se dá a formação do nosso Estado nacional. Nossa cultura começa a ganhar tons mais nacionais. Já no segundo reinado, há o surgimento de instituições responsáveis por elaborar um “conceito de Brasil”, como é o caso dos Institutos Históricos e Academias Científicas e Artísticas.

É nesse período pós-independência que os nossos movimentos artísticos, principalmente os literários, começam a levantar a voz no intuito de ajudar na definição da nossa nação. O romantismo perpassa todo o século XIX, cantando um lirismo que fala de uma terra exuberante, de uma nação de muitas cores e cheiros, exótica e pura. Os elementos nacionais são exaltados, tendo em um primeiro momento o índio como herói, e um segundo momento, já no meio da polêmica abolicionista, o negro. Há a afirmação de um nativismo como ideologia, da necessidade de cantar o Brasil para afirmá-lo perante o mundo. O “amor à terra” que busca trazer o que é nosso e apresentá-lo a todos: é o Brasil

resistência espanhola acirrada que lhe daria tempo para um planejamento maior da fuga. Essa resistência não houve, e a Espanha se rendeu sem dar muito trabalho a Napoleão. Conta-se que D. João foi pego desprevenido com a notícia de que Napoleão estava a pouco de Lisboa. Ele arrumou-se o mais rápido que pode, e para escapar, teve que usar as galerias de esgoto para poder chegar até o navio que o levaria ao Brasil. O problema seria que, nessa fuga nada triunfal, piolhos de rato dos esgotos acabaram se instalando nas madeiras dos que fugiam. Resultado: todos se viram obrigados a raspar os cabelos. Chegando à Bahia, com esse visual nada honroso, tiveram uma surpresa. Assim que a elite baiana ficou sabendo do corte de cabelo da família, não teve dúvida: todos buscaram imitar os ilustres visitantes, e rasparam também as cabeças, imaginando que fosse alguma nova moda européia. Esse evento, apesar da comicidade, ilustra bem a força da influência que a família real teve sobre os costumes do nosso país.

¹²² VELOSO, Mariza & MADEIRA, Angélica – *Leituras brasileiras*. (2ª ed.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

da manga, do guarani, dos sabiás e das palmeiras. A natureza, na lírica romântica brasileira, mais do que cumprir uma função estética, cumpre o papel de ajudar na percepção da nossa singularidade enquanto entidade histórica-territorial. Os vários “brasis” se conjugam em só plano estético-social que visa moldar toda a idéia de uma nação.

Já um pouco mais para frente, em 1870, os intelectuais brasileiros engajam-se em novas lutas, na ampliação do seu projeto de afirmação nacional. Surgem as chamadas “questões sociais” da “Geração de 1870”. É nesse momento, entre muitas outras polêmicas até hoje não resolvidas, que o conceito de *raça* se apresenta com uma força até então não sentida. Fala-se de miscigenação e de tantas outras teorias que tentam explicar o Brasil pela sua mistura de gentes. Surge também o conceito de *meio geográfico*, que embasado nas contribuições científicas do positivismo, tenta explicar o Brasil pelas influências do meio, da sua diversidade e clima. É nesse período também que a doutrina do *liberalismo* chega ao Brasil. Porém, chega a um Brasil escravista, e para sobreviver, é ajeitado. Sobrepe-se o ideal de liberdade ao ideal de igualdade. Para essa acomodação, foi importante a contribuição dos bacharéis brasileiros, que começavam a sair das nossas primeiras universidades, formados em direito ou em medicina. Em um Brasil marcado pela falta de iniciativa privada (é só lembrar-se do infanticídio da indústria brasileira, causada por decreto de Maria I e cumprida pelo Marquês de Pombal), a carreira vislumbrada por esses “profissionais livres” era servir os quadros do Estado, colocando seus conhecimentos na tentativa de adequar o que tinham aprendido com as exigências da máquina burocrático-ideológica. Dessa necessidade de ganhar o pão ao mesmo tempo em que se tentava defender os ideais ouvidos pelos corredores da academia, surgiu essas adaptações extravagantes, como do liberalismo com o escravismo. E os grandes responsáveis por isso foram os bacharéis, com sua elegante retórica de palanque.¹²³

A geração de 1870 representa nitidamente um avanço na afirmação da identidade nacional. Ora comentando, ora adaptando as idéias que vinham de fora, como o evolucionismo, o darwinismo, o positivismo, etc., os intelectuais brasileiros conseguiram avançar essa discussão – que era a obsessão de todos – de construção da nação. Há um

¹²³ VELOSO, Mariza & MADEIRA, Angélica – Op. Cit.

claro desenvolvimento da vida social do país, e os Institutos e Academias, que cuidavam de dizer ao Brasil quem era o Brasil, ganham em prestígio e em legitimidade. A vida cultural do país melhorava, e a nossa instrução também.

O surgimento das campanhas pela república aparece como consequência óbvia desse ambiente “progressista”. Entra-se no período que VELOSO & MADEIRA (2000) classificaram de “final do século”. Por essa época, os debates introduzidos pelas revoluções científicas se acirravam. O positivismo dava a nota final em quase todas as polêmicas, a ciência aparecia como a guardiã de todos. A república seria o sistema mais “racional” de governo e o abolicionismo uma necessidade, se queríamos nos mostrar ao mundo como um país civilizado. Surgem as lutas ideológicas e políticas, com consequências que chegam aos nossos dias.

É esse o ambiente que o espiritismo encontra quando chega ao país. Os embates entre a pretensão a um cosmopolitismo universalista e as peias da tradição estavam no seu auge, e o *locus* dessa contenda era a cidade, a morada da “burguesia”¹²⁴ emergente. A cidade seria como um lugar do novo, e o campo o lugar do atraso. O país se divide, acompanhando o acirramento das estratificações que aconteciam no corpo social. O ambiente de incertezas lançava todos em uma busca por estabilidade. A guerra do Paraguai trouxe ainda maiores aflições: o filho teria morrido? Como iria o pai na campanha? Já que a realidade não apresentava essa certeza, buscava-se o “além”: a religião, mais do que um ritual social, surgia como uma necessidade, um alívio, uma consolação para tantas preocupações. E é nesse clima confuso que o espiritismo aqui chega, como mais a uma tentativa de resposta às velhas e novas questões que se instalavam.

¹²⁴ Utilizamos o termo “burguesia” pela necessidade de delinear essa “nova elite” que começava nesse período a aparecer em nosso país. Todavia, sabemos que tal termo é complicado de se utilizar ao se falar das classes sociais no Brasil, basta para isso lembrarmos do que anteriormente falamos de Florestan Fernandes e sua pesquisa sobre as revoluções burguesas no Brasil. De qualquer maneira, o utilizamos na falta de um termo melhor que defina esse estrato social brasileiro.

2. A FORMAÇÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL.¹²⁵

Tratamos no capítulo anterior da formação do *new spiritualism*. Vimos o seu começo e alguns aspectos da sua fenomenologia. As mesas girantes foram um desses aspectos, com seus supostos “bailados inteligentes” que tanto assombravam as platéias dos salões espiritualistas. Sabemos também que foi assistindo aos fenômenos das mesas que Kardec começou a pensar o espiritismo. Porém, procuramos separar o *neo* espiritismo do espiritismo propriamente dito. Uma coisa seriam os fenômenos, com as mesas que dançariam, as materializações, a levitação de objetos. Outra é o corpo doutrinário que Kardec sistematizou.

Dizemos isso porque o Brasil também viveu seus momentos de contato com essa nova vertente do espiritismo. Por volta de 1853, ou seja, um ano antes de Kardec começar a tomar contato com os eventos que culminaram na doutrina espírita, as “mesas dançantes” chegavam ao Brasil. O *Jornal do Comércio* - do Rio de Janeiro - de 14 de Junho de 1853, o *Diário de Pernambuco* de 2 de Julho do mesmo ano e *O Cearense* nas edições de 3 a 26 de julho do mesmo ano, foram alguns dos periódicos brasileiros que noticiaram as “maravilhas das mesas”. Muitas explicações surgiram, mas as em voga eram justamente as que Kardec havia sustentado do seu primeiro contato com essa fenomenologia: seriam apenas eventos de magnetismo ainda não mapeados. Porém, no dia 12 de Agosto desse ano, Dr. Cesário, eminente personalidade da época, assina um artigo no *Jornal do Comércio* onde afirma ter conseguido respostas inteligentes das mesas, o que descartava as teorias puramente materiais com respaldo no magnetismo. *O Cearense*, em edição de 19 de maio de 1854, explora mais as afirmações sobre a inteligência das mesas, e fala já da possibilidade de se “evocar os espíritos pelas mesas”, o que se faria através de um iluminado, a quem se dava o nome de médium. Vale lembrar que somente em dezembro desse ano Kardec irá realmente se iniciar na fenomenologia espírita. Tudo isso nos mostra que se o espiritismo é uma doutrina que pode ser mais facilmente delimitada a um lugar e a um tempo, os fenômenos de onde ela afirma ter começado não o eram. Aqui

¹²⁵ Toda esta parte de nosso trabalho foi baseada nas contribuições do estudo pioneiro de Ubiratan Machado, jornalista que realizou uma das poucas pesquisas sobre o nascimento do movimento espírita e sua relação com a realidade social brasileira, principalmente com os meios intelectuais do país à época. Para maiores detalhes: MACHADO, Ubiratan – *Op. Cit.*

no nosso país, antes mesmo de Kardec escrever alguma coisa, já se falava em evocar espíritos por meio de “médiuns”, palavra que iria conhecer maior vulgarização após a codificação kardequiana.

Porém, essa foi a experiência brasileira com o novo espiritualismo. E o espiritismo, propriamente dito? Esse realmente iria só ia chegar ao nosso país, depois de um tempo que já circulava na Europa. O começo e os desafios que essa doutrina enfrentou no nosso país é o que falaremos agora.

2.1. O Grupo Baiano de Teles de Menezes.

O ano é 1860, e o lugar, a Bahia. Estranho pode nos parecer que a Bahia, e não o Rio de Janeiro, apareça como o lugar onde tudo começou. No Rio de Janeiro estava a vida cultural do país, os melhores museus, bibliotecas, a corte. Por que não o Rio de Janeiro e sim a Bahia? A resposta novamente reside em algumas singularidades do nosso ambiente social.

Kardec lança o livro dos Espíritos em 1857. Tempo depois, por volta de 1860, as obras espíritas, em francês, começam a chegar ao país. Foram trazidas principalmente por franceses que moravam aqui no país ou por pessoas ricas e instruídas da sociedade que tinham contato com o estrangeiro. No Rio de Janeiro, existia por essa época a chamada “roda do *Courier du Brésil*”, um jornal francês editado no país, anticlerical e de oposição a Napoleão III. Na redação desse jornal, nas reuniões promovidas por seus membros, freqüentava elementos ilustres da sociedade carioca, sendo uma das fontes onde ia beber a nossa *intelligentsia*. Um dos seus freqüentadores era ninguém menos que Machado de Assis. Outra presença e amigo de Machado do *Courier* era o professor francês Casimir Lieutaud, que irá desempenhar um dos papéis pioneiros no espiritismo brasileiro, que falaremos adiante. Entretanto, frisemos agora que a roda de intelectuais que esse jornal patrocinava buscava sempre estar debatendo os temas da moda. Um desses temas, surgido pós 1857, foi o espiritismo, que como tantas outras questões anteriores, foi foco da curiosidade intelectual de seus freqüentadores.

Com isso, poderíamos dizer então que os franceses do *Courrier* são os introdutores do espiritismo no Brasil? Sim e não. Sim, porque foram eles os primeiros a se preocuparem e trazerem a problemática espírita para dentro do nosso país. Não, porque seus debates cumpriram uma função localizada e limitada. O espiritismo era debatido entre seus membros, em bom e comportado francês. Era uma curiosidade, algo para se conversar. Nada de proselitismo, nada de se fundar sociedades. Apenas mais um tema a se discutir. Além disso, pela distinção social dos seus membros, o espiritismo que circulava por essa roda do *Courier* não encontrou nenhum tipo de resistência. Não se levantaram ódios nem polêmicas mais abertas e acirradas, o que ajudaria para a “propaganda” da doutrina em nossas terras. Justamente por isso, apesar de seu pioneirismo, os debates promovidos pelo *Courier du Brésil* pouco contribuíram para a fixação dessa doutrina no país.

Dito isso voltemos então para a Bahia. Como dissemos, em 1860, as obras espíritas começavam a chegar ao país. Alguns interessados, que acompanhavam as polêmicas que Kardec participava nos principais jornais franceses e de outros locais do mundo, iniciaram suas leituras do *Livro dos Espíritos*. As obras aqui chegavam no original, em francês, o que nos aponta os leitores dessas obras: a elite do país, os que possuíam instrução e interesse no assunto.

Seria um intelectual baiano, com passagens em conselhos artísticos imperiais e fundador de jornal literário, quem daria o pontapé inicial do espiritismo em terras tupiniquins: *Luiz Olímpio Teles de Menezes* (1825-1893). Ao ler o *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, Teles de Menezes iria se aproximar da proposta do codificador francês, decidindo apresentar a doutrina para a sociedade brasileira da época. A sua diferença com relação ao grupo do *Courier* é justamente essa: Teles quis tirar o espiritismo da alta roda que circulava e aproximá-lo de todos. Mais do que uma curiosidade, para esse “apóstolo baiano”¹²⁶ o espiritismo deveria ser encarado de outra maneira. E devido a isso, depois de cinco anos de contato, estudo e um pouco de propaganda da doutrina, às 22h30min do dia 17 de setembro de 1865, realizava-se em Salvador, na Bahia, a primeira sessão espírita do

¹²⁶ É como Teles é conhecido no meio espírita.

Brasil, sob a direção de Luiz Olímpio. Ainda nesse mesmo ano, Teles irá fundar, também em Salvador, o primeiro centro espírita brasileiro: *Grupo Familiar do Espiritismo*. Em 1866, lança ele o opúsculo *O Espiritismo – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, que seria um apanhado de páginas traduzidas por Teles de Menezes da 13ª edição do Livro dos Espíritos.

O que até então era diversão de polemizadores da alta roda da sociedade brasileira virou assunto sério e ganhava acesso a todos os segmentos da população. O clero, que até esse momento assistia de longe essa doutrina que os “notáveis” esposavam, sentiu-se ameaçado e foi à luta. Começa a briga das pastorais contra o espiritismo e das polêmicas nos jornais. D. Manuel Joaquim da Silveira, Arcebispo da Bahia, foi um dos que se lançou contra a novidade. Sua pastoral sobre “Os Erros Perniciosos do Espiritismo” foi lida e comentada pelos infantis simpatizantes brasileiros da doutrina. Teles de Menezes a ela respondeu em forma de carta aberta ao público, ressaltando os erros do Arcebispo ao analisar o espiritismo. A luta se acirrou, e quanto mais o a polêmica se ampliava, mais o número de adeptos aumentava na Bahia, e também no país.

Ainda no ano de 1866 vêm a público mais duas obras em português e de cunho espírita. Em São Paulo um autor anônimo traduz a obra de Kardec *O Espiritismo Reduzido à sua Mais Simples Expressão*. No Rio de Janeiro, Casimir Lieutaud, de quem falamos anteriormente, publica um livrinho de sua autoria: *Legado de um Mestre aos seus Discípulos*. Uma reunião de contos morais, poesias e regras de conduta para moças. Porém, o prefácio dessa obra é uma tradução de uma das páginas de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec.

Todavia, aliada à divulgação dos novos adeptos, vinha também a propaganda contrária. Um dos principais órgãos da imprensa que combateu o espiritismo era também baiano, o *Bahia Ilustrada*. Desde que foi fundado, em 1867, publicava sempre chacotas contra o espiritismo. Porém, como o fez Kardec¹²⁷, os espíritas baianos agradeciam essa

¹²⁷ Em diversos artigos da sua *Revue Spirite* e mesmo em alguns dos seus livros, Kardec sempre defendeu o caráter “benéfico” dos críticos, que, segundo ele, tinham a função de mais divulgar do que realmente causar

polêmica, pois ela permitia uma maior exposição do espiritismo, e contribuía para o aumento de simpatizantes. Mas, devido a tais acontecimentos jornalísticos, e tendo em vista a necessidade de exposição e defesa da doutrina, Teles de Menezes, em julho de 1869, irá fundar o *Écho d'Além-Tumulo*, primeiro órgão da imprensa espírita lançado no país. É também dessa época o lançamento da primeira obra poética para divulgação do espiritismo: *O Espiritismo – Meditações Poéticas sobre o Mundo Invisível Acompanhadas de uma Evocação*, pelo poeta alagoano Júlio César Leal, que será futuramente presidente da *Federação Espírita Brasileira*, que historiaremos em seguida.

Em suma, Teles de Menezes foi figura central para o florescer do espiritismo em terras nossas. O chamado “Grupo Baiano” de espíritas teve imensa importância. As polêmicas compradas com o clero e demais antagonistas, a luta que foi travada e a defesa de seus pontos de vista atraíram as atenções de inúmeras pessoas aqui e no estrangeiro: vale lembrar que uma das polêmicas por meio de artigos no *Diário da Bahia* chegou às mãos do próprio Kardec, que a comentou no número de novembro de 1865 da sua *Revue Spirite*, tecendo elogios aos espíritas do Brasil¹²⁸. O Grupo Baiano seria então, de fato, o verdadeiro responsável pela introdução do espiritismo no país. Porém, passado esse período introdutório, se o espiritismo conheceu na Bahia o seu berço, é no Rio de Janeiro que ele irá crescer e progredir. Tratemos agora da formação do espiritismo no Rio, que marca de fato a consolidação final dessa doutrina em nossas terras.

2.2. Espiritismo no Rio de Janeiro: a FEB e a “Orientação pelo Evangelho”.

O espiritismo volta a ter força no Rio de Janeiro exatamente no período do início do debate republicano no país, e devido a isso, o renascimento do espiritismo

algum dano ao espiritismo e seus postulados, pois os fenômenos que essa doutrina argumenta existirem estão “presentes em a natureza” e, logo, não podem ser menosprezados.

¹²⁸ Trata-se do artigo que Teles de Menezes, José do Amaral e do Dr. Joaquim Campos inseriram no *Diário da Bahia* de 28 de setembro de 1865. Nesse artigo, os autores refutavam o trabalho do Dr. Déchambre, médico francês, que havia sido traduzido e publicado no mesmo diário nos dois dias anteriores. Nesse artigo, o doutor tenta explicar o espiritismo em bases médico-materialistas. A refutação desses autores acabou atraindo as atenções elogiosas de muitas pessoas. Devido a esse eco favorável, acabou indo parar na escrivania de Kardec, que além de lê-lo, dedicou um artigo a ele na sua revista, como acima nos referimos.

carioca se deu de maneira conjugada às reivindicações sociais e políticas. O *Manifesto Republicano* contava com 58 signatários, dos quais dois eram “espíritas” declarados: o poeta Bittencourt Sampaio e o singular e polêmico Otaviano Hudson. Entretanto, vários “simpatizantes” espíritas deixaram suas assinaturas nesse manifesto. Motivo: o espiritismo foi simpático a muitas causas “progressistas” do país, como a abolição e a república. No caso da abolição, por que a escravidão feria os preceitos cristãos do espiritismo, que manda amar o próximo como a si mesmo, e também pela orientação liberal da doutrina, que conjugava igualdade e liberdade, princípio que não era praticado à época. Já no caso da república, talvez pelas suas propostas mais democráticas e humanas, mas muito mais por que ela iria substituir a monarquia, que muito pouco tinha feito pela doutrina, e que tinha o catolicismo como religião de Estado, o que prejudicava bastante a propaganda espírita. Apesar da Constituição do Império ter em um dos seus artigos a liberdade religiosa, limitava essa liberdade ao culto doméstico, proibindo a criação de templos ou manifestações de caráter público. Então, não causa espanto os espíritas brasileiros se ligarem à causa republicana. Além disso, os republicanos também se ligaram aos espíritas por verem neles um apoio tanto político como ideológico: o espiritismo se batia contra um dos pilares do Estado Monárquico (a sua religião), e defendia teses liberais bem ao gosto do ideário republicano. Porém, nós veremos que a consolidação da república não consistiu em uma vitória política definitiva para os espíritas. As lutas só ganharam outra conotação, a ser discutida adiante.

Antes de falar disso, façamos o histórico do “renascimento” do espiritismo carioca. Com as lutas do Grupo Baiano, o espiritismo ganhava visibilidade nacional. No Rio de Janeiro, ele ganhava as ruas, e saía das rodas dos intelectuais franceses e brasileiros para começar a ser conhecido pela população. No dia 2 de agosto de 1873, constituiu-se a primeira comunidade de orientação espírita da Corte, a “Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio”, que tinha como orientação, a máxima de Kardec: “Sem caridade não há salvação e sem caridade não há verdadeiro espírita”. Seus trabalhos eram conduzidos por Antônio da Silva Neto e pelo então célebre poeta Francisco Leite de Bittencourt Sampaio. O grupo praticava a homeopatia, então taxada de “curandeirismo” e combatida pela medicina oficial, e aplicava os famosos “passes magnéticos” aos doentes que freqüentavam suas reuniões. A 1º de Janeiro de 1875, o grupo lançava a *Revista Espírita*

(*Publicação Mensal de Estudos Psicológicos*), revista essa nos moldes da que Kardec tinha fundado na França, a *Revue Spirite*, e que se revestia de um caráter predominantemente religioso, tendo curta duração. Foi a primeira revista de orientação espírita do RJ. É nesse mesmo ano de 1875 que acontece um dos fatos mais esperados pelo meio espírita: a famosa livraria Garnier edita *O Livro dos Espíritos* em português, traduzido por “Fortúnio”, pseudônimo do médico português radicado no Brasil, Dr. Joaquim Carlos Travassos. Essa tradução vinha responder aos anseios dos espíritas brasileiros, que encontravam assim maneira mais fácil de divulgar a doutrina que esposavam. Garnier foi muito criticado e combatido por ter editado a obra, mas isso não impediu que ela ganhasse rapidamente novas edições. E ainda nesse mesmo ano, Garnier editou as demais obras de Kardec em português, sendo todas do mesmo tradutor do *Livro dos Espíritos*. Com essas traduções o espiritismo ganha uma maior visibilidade nacional.

Com isso, o espiritismo ia ganhando terreno. Porém, no meio espírita cresce a percepção da necessidade de se unir os adeptos brasileiros - que viviam dispersos e desorganizados – sob uma só divisa. Foi então que o fotógrafo português recém convertido ao espiritismo e radicado no Brasil, Antonio Elias da Silva, juntamente com outros companheiros de ideal, fundaram a “Federação Espírita Brasileira”, no dia 31 de dezembro de 1883. Antonio Elias foi um dos grandes nomes do espiritismo em nosso país. Antes mesmo de ajudar decisivamente na fundação da FEB, Elias foi responsável pela criação do período espírita *O Reformador*, no dia 21 de Janeiro de 1883. Essa revista, ao contrário das outras revistas de orientação espírita da época, vingou, e até hoje é editada. Nela procurava-se ampliar e discutir aspectos da doutrina espírita, além de servir de órgão de divulgação. Porém, voltando para a FEB, não foi tarefa fácil unir os ideais em prol de uma federação espírita. Havia a coexistência no Rio de Janeiro de vários grupos que se diziam espíritas. O “Grupo Confúcio”, o núcleo original dos membros que formaram a FEB, tinha se transformado em “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”. E apesar desse grupo apresentar indivíduos que partilhavam ideais comuns, as dissensões começaram a brotar.

Havia, entre os espíritas brasileiros, a separação entre os “místicos” que procuravam seguir as orientações religiosas do Espiritismo, e os “cientificistas” que,

apoiados em outros autores que beberam na fonte do espiritismo e do novo espiritualismo, procuravam privilegiar o lado “científico-investigativo” da doutrina, taxando de “sentimental demais” o lado religioso. Deve-se dizer que essa separação não era exclusividade da Sociedade, mas do meio espírita em geral. O lado religioso era visto como coisa do “populacho”, que se via às voltas com as velhas igrejas e credences de terreiro. O “lado científico” tinha toda a pompa de nova verdade do momento, coisa bem ao gosto das elites e dos seus membros que ajudaram na importação do espiritismo para nossas terras.

Enfim, esse problema (ciência ou religião?), ainda não superado, se apresentava novamente, só que em terras brasileiras. O movimento espírita no Brasil esteve à beira de se fragmentar, ou mesmo se enfraquecer fatalmente, muito por causa dessa polêmica. Todavia, uma peculiaridade dessas dissensões (e que demonstra já o germe da ênfase ao lado religioso da doutrina que aqui ela recebeu) era que toda a vez que havia um racha, e os “místicos” e os “cientistas” se separavam, o grupo dos que se mantinham fiéis aos princípios religiosos sobrevivia e o dos “cientistas”, ou voltava para o seu seio original (junto também aos “místicos”) ou acabava.

Entretanto, em 1895 o movimento espírita se viu em momento decisivo, talvez o mais grave de toda história do espiritismo brasileiro. Vivia-se já na república, porém, a perseguição continuava. A nova constituição, de 1890, - por meio dos seus artigos 156, 157 e 158 - condenava certas práticas espíritas como “exercício ilegal da medicina”. Os homeopatas ainda não tinham se consolidado, e sua ligação com o espiritismo era vista muito mais como feitiçaria. A perseguição, que já era forte por causa do clero, se tornou mais acirrada com a participação governamental. Vários curandeiros que se diziam espíritas eram presos, o que contribuía de maneira negativa para a propaganda da doutrina.¹²⁹ Vale lembrar que o “Processo dos Espíritas” que falamos no capítulo anterior, teve repercussões no nosso país, o que ajudou a aumentar a fama de falsários e charlatões de todos que se diziam adeptos dessa doutrina. Em suma, o ambiente já era tenso por

¹²⁹ Era o caso de Juca Rosa, de quem fizemos alusão anteriormente.

natureza, e para contribuir com tudo isso, em 1895, instala-se mais uma vez uma contenda entre “místicos” e “cientificistas” dentro da própria FEB.

Foi então que, para acalmar os ânimos, Júlio César Leal (o poeta alagoano que falamos anteriormente) renunciou a presidência da instituição e Augusto Elias da Silva sugeriu que Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, ou simplesmente o “Dr. Bezerra de Menezes”, fosse convidado para mais uma vez (a segunda) a subir ao posto de presidência da federação. Deputado pelo partido liberal várias vezes e figura conhecida e respeitada no meio político e intelectual do Rio de Janeiro, o doutor em medicina e cearense de Riacho do Sangue era muito conhecido em todo o estado. Era respeitado pelo seu temperamento plácido e decidido, além de ser reconhecido pela maneira honesta e dedicada que lidava com a política. Também contribuía com artigos de cunho filosófico em jornais do RJ, onde assinava com o pseudônimo de “Max”. Era um homem íntegro e respeitável, diriam seus biógrafos e colegas. E é precisamente esse prestígio que Dr. Bezerra gozava o responsável por lhe ajudar a colocar um fim à ameaça de desmoronamento do espiritismo no país.

Para acabar com essas dissensões, Bezerra de Menezes teve que se posicionar, e tal posicionamento seria legitimado pelo respeito que sua figura despertava nos círculos espíritas. Ciência, Filosofia ou Religião? Para o médico cearense, o meio espírita nacional deveria respeitar, estudar e praticar todos os aspectos da doutrina, mas a religião deveria ser o elo mais forte na cadeia dos princípios espíritas. Assim, estipularia ele a “Orientação Pelo Evangelho” como divisa do movimento espírita brasileiro e máxima de sua administração. Ele coordenaria semanas de estudos da parte científica, mas também da parte filosófica e religiosa da doutrina, estudos esses que existem até hoje na atual sede nacional da Federação, em Brasília. Com eles, Bezerra acalmaria os ânimos, mas deixaria claro que a orientação religiosa era importante e devia ser seguida, marcando assim com mais ênfase a fidelidade dos espíritas brasileiros e da sua *casa-máter* aos princípios religiosos da doutrina. E, lembramos novamente, tudo isso só foi possível pelo peso que sua figura representava.

O posicionamento e a postura de Bezerra de Menezes frente ao espiritismo acabariam por firmar-lo em nosso país. Com o passar dos anos, vencendo-se as contendas internas e externas, o espiritismo aqui se consolida. A perseguição do clero arrefecia à medida que os ideais liberais de laicismo de Estado e de liberdade de crenças ganhavam terreno. Os espíritas brasileiros conseguiam parcialmente se desvencilhar dos demais “ismos”, e dos que insistiam em se dizer espíritas, começando a construir assim uma identidade própria no país. Mas como foi isso possível? Houve então “vários espiritismos” no país? São perguntas que procuramos responder em nossa próxima análise.

3. ESPIRITISMO & BRASIL: ESPIRITISMO *NO* BRASIL OU ESPIRITISMO *DO* BRASIL?

Essa é uma polêmica que começou com a chegada do espiritismo no Brasil e que ainda se apresenta, apesar da ênfase e o combate que os órgãos oficiais do espiritismo no país, especialmente a FEB, têm travado para definir o que seja o espiritismo. Chegando ao Brasil, o espiritismo vai ganhar tons e cores, mas, o que implicou isso para a doutrina de intenções sóbrias do pesquisador e pedagogo Denizard Rivail? Fala-se de trocas culturais, mas o espiritismo não foi apenas um elemento passivo, recebendo influências sem influenciar por sua vez. Vamos começar tratando da primeira parte dessa relação, o Espiritismo *do* Brasil, sondando o peso que nossa cultura exerceu sobre essa doutrina européia, para logo em seguida tratarmos do Espiritismo *no* Brasil, denotando as contribuições dos princípios espíritas para a realidade do nosso país.

3.1. “Espiritismo” do Brasil?

O Espiritismo chegava a um país marcado historicamente pela insegurança social, e chega em um momento que esse sentimento era aumentado pelo conturbado ambiente ideológico-político do século XIX e pela Guerra do Paraguai. Essa guerra

provocou um aumento da evasão mística e das consultas à magia e ao curandeirismo: familiares queriam notícias de seus parentes que estavam no campo de batalha. As práticas religiosas, principalmente do negro, ganhavam cada vez mais força em um ambiente tão marcado de incertezas, o que acabou por servir também como uma maneira dessa raça, uma vítima constante do preconceito, se distinguir socialmente: as relações de poder mudavam da casa grande para a senzala quando o sol baixava e o “sinhozinho” ia buscar uma reza ou um quebranto.

Quando o Espiritismo aqui chegou também experimentou o contato com as outras culturas do país. Abrindo o seu terreno, magnetizadores, discípulos de Mesmer e sonâmbulos davam consultas pagas, atendendo aos anseios mágicos da população. O Espiritismo, ao chegar, logo foi confundido com o mesmerismo, por se utilizar de algumas de suas técnicas, como os passes magnéticos. Porém, lembremos que ele chegou de “cima para baixo”, sendo trazido pelas elites do país. Foi recebido inicialmente com desconfiança pelos segmentos populares, que não o entendiam e não enxergavam nele uma aplicação imediata.

Primeiramente, é importante dizer que a recepção dessa doutrina pelas elites muito se deu por influência do ambiente de conflito mágico que aqui existia e do medo desses setores privilegiados dos outros estamentos da população, que seriam os “verdadeiros” portadores da magia. As diferenças sociais acabavam por respaldar em uma luta mágica entre esses setores da sociedade, e as elites, nesse quesito, estariam em desvantagem, pois a percepção era a de que se o “sinhô” descontentasse a um deles, a resposta vinha como um mal-olhado ou alguma macumba para prejudicar os da casa grande.

Foi por isso que quando o espiritismo aqui chegou, foi largamente recebido pelos setores abastados da sociedade brasileira, que viam nele uma espécie de “anti-mandinga”¹³⁰: se o negro mandasse um espírito contra o senhor ou a senhora, era só evocá-lo em uma sessão e doutriná-lo, convencê-lo a não prejudicá-lo. Se acontecesse de

¹³⁰ MACHADO, Ubiratan – *Op. Cit.*

cair sobre ele um mal-olhado, era só tomar um passe, etc. Em suma, a maneira a qual as elites se manifestaram para incorporar o espiritismo foi transformá-lo em um amuleto contra a magia popular.

Já a população no geral, com a tradução das obras e o passar do tempo, tentou se apropriar dele como mais um item de sua magia. O pajé e o pai-de-santo tornar-se-iam “médiuns espíritas”, agora dotados de um poder maior que o anterior e de um prestígio maior, porque conheciam as artes e o segredo daquela doutrina que era até então um privilégio dos ricos. Conhecer o espiritismo era conhecer um pouco mais do ambiente daqueles que todos cobiçavam ser: a elite. Cartomantes eram “espíritas videntes” (como as de hoje em dia) e forneciam previsões para se ganhar no jogo-do-bicho, que começava a proliferar. Em suma, todos queriam parecer familiares daquela doutrina que, além de ser europeia (o que lhe recheava de uma grande pompa aos nossos olhos acostumados a gostar muito do estrangeiro), era tida em alta conta pelos membros ricos da sociedade brasileira. Ser espírita era uma maneira de buscar uma distinção e uma aproximação (no caso dos estratos menos favorecidos) com esse universo dos mais abastados.

Com isso criou-se uma dicotomia entre o “espiritismo” popular (chamado de “Baixo-Espiritismo”) e o das elites. O primeiro era recheado de crenças da cultura negra e índia, permeado do já adequado catolicismo popular. O segundo lutava para manter a fidelidade aos princípios de Kardec e tentava não se misturar com as “crendices e superstições”. Buscava ser “sem rituais¹³¹ e sem dogmas”¹³², assim como o seu codificador havia concebido. Porém, a penetração desses “dois espiritismos” se deu de maneira diluída e não uniforme entre os estratos da população. Membros da elite, como mostramos anteriormente, tentavam se servir do espiritismo popular como arma de defesa

¹³¹ Quando o espiritismo pretende a não existência de rituais em suas práticas apresenta com isso o desejo de abolir certos procedimentos comuns às religiões, como é o caso das missas, sacrifícios e demais ritos que cumprem uma função social determinada em alguns outros cultos. No caso do espiritismo, por procurar se apresentar como um “filho do século da ciência”, suas sessões são (no geral) realizadas buscando-se a maior “sobriedade” possível. Logicamente que isso é uma forma de ritual, o que devemos deixar claro. Todavia, para o espiritismo, como no protestantismo, a comunhão é mais interna que externa: o crente com Deus, ou com os espíritos. Todo aparato exterior ou gestualística é desnecessária e mesmo não recomendada, por desviar a atenção do verdadeiro propósito do culto: canalizar os sentimentos ou a subjetividade para uma comunhão mais direta com o sagrado.

¹³² KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit.

mágica, e muitas pessoas do “baixo clero” social buscavam seguir a proposta kardequiana e freqüentavam reuniões em centros espíritas, respeitando todo o código do “espiritismo puro”, como era chamado. Porém, no geral, as diferenças sociais foram usadas para diferenciar os “Espiritismos”: o povo com seus “médiuns-magos”, os ricos com a busca pela fidelidade doutrinária, o estudo e a assimilação do espiritismo *qua talis*.

Cria-se assim o ambiente confuso que vai até os dias de hoje, o que levou alguns autores a se perguntarem se existiriam vários “espiritismos” em nosso país. Para o meio e instituições “oficiais” do espiritismo, a resposta é categórica e simples: não. Não existem vários espiritismos, existe um apenas, o que foi codificado por Allan Kardec. O que se convencionou chamar de “espiritismo popular” seria apenas uma apropriação nossa dessa doutrina francesa, que funcionava como mais uma arma para lidar com o ambiente de insegurança social que tinha se agravado com a Guerra do Paraguai e os conflitos sociais do século XIX. Mudou-se alguns nomes e títulos, leu-se Kardec para ele aparecer como figura de retórica, mas poucos sinais de um comprometimento com a doutrina e com vários aspectos basilares de seus princípios. Por isso, apesar de sabermos da existência de cultos que recebem nomes como “espiritismo kardecista”, “espiritismo de mesa branca”, “espiritismo umbandista”, etc., devemos colocar em questão até onde vai o nível de envolvimento dessas crenças com o que o espiritismo diz de si. Naturalmente, qualquer indivíduo ou agrupamento de indivíduos teria a liberdade de ter e nomear um credo. Todavia, apropriações podem gerar confusões que se apresentam com demasiada força quando estamos no esforço por entender melhor uma doutrina, no caso, o espiritismo. Aliado a isso, os meios espíritas “oficiais” sempre resistiram (com muito empenho, devemos dizer) a essas tentativas, o que demonstra que essa busca por uma “pureza” pode conter algo mais do que simples apego doutrinário.

Tais pontos de vista, diga-se de passagem, não são fruto de um “elitismo” conceitual. Não devemos esquecer a importância dos demais cultos para a fixação do espiritismo em nosso país, e inclusive a própria FEB (que é o órgão espírita no Brasil que aparentemente mais busca manter o espiritismo tal qual) parece conviver muito bem com todos eles. O problema estaria, para os defensores do espiritismo em si, no fato que foi Kardec o criador do termo “Espiritismo” e em cima dele foi constituído todo um *set* de

princípios que, para parecem essa doutrina, tem que ser seguidos. O que acontece muito nos outros “espiritismos” é que a grande maioria desses princípios não é seguida, e em alguns casos, são mesmos totalmente ignorados, como é o caso dos “rituais” e sessões mediúnicas onde os médiuns recebiam pagamento pelos seus “trabalhos”, o que é radicalmente combatido e não recomendado pelo espiritismo.¹³³ O *new spiritualism* não seria espiritismo, assim como a cartomante que tenta explorar financeiramente a sua pretensa “vidência espírita” também não. Faltaria a eles certa “fidelidade” e adequação àquilo que é esposado no corpo da doutrina espírita. Por isso, mais do que uma reação dos “espíritas puros”, a insistência em descolar o espiritismo de suas outras vertentes foi uma necessidade para a sobrevivência da doutrina em seus moldes originais.

Como vemos, não existiria “Espiritismo do Brasil” como é vulgarmente imaginado. Porém, podemos ressaltar o grande ponto de influência da realidade brasileira sobre o espiritismo, ponto esse que foi o responsável pelo seu sucesso mundial atual, visto que o Brasil, com essa sua contribuição, vai ajudar grandemente para a difusão mundial da doutrina espírita. Essa contribuição não veio como novidade, foi apenas a insistência da vertente dos “místicos” e dos fundadores da FEB em manter a base religiosa do espiritismo como toda sua força e primazia sobre as outras, a ciência e a filosofia. A “Orientação pelo Evangelho” de Bezerra de Menezes foi responsável por reavivar os princípios que o próprio Kardec tinha defendido, ao lembrar que, sim, o espiritismo também era uma religião de orientação cristã. Era o consolador prometido por Jesus para ajudar a humanidade a conciliar fé com a razão e transformar esse terreno tão usurpado pelas lutas políticas, que é a religião, em um item presente e ativo em nossas vidas.¹³⁴ Os espíritas brasileiros que lutaram contra a apropriação cultural lutaram também para reafirmar o aspecto religioso da doutrina, que vinha sofrendo sérios abalos desde a morte de Kardec, em alguns momentos até por discípulos diretos do pedagogo lionês, que acreditavam que era chegada a vez de se trabalhar o “lado científico” da doutrina, esquecendo um pouco o lado religioso. Segundo os autores espíritas modernos, esse foi o motivo da “árvore do

¹³³ “Daí de graça o que de graça recebeste” e “Mediunidade é uma coisa santa, e por isso deve ser vivida santamente” são duas citações comumente repetidas no meio espírita quando se levanta a polêmica – que acontece até hoje – de médiuns receberem por seus serviços. Para mais detalhes sobre o exercício da mediunidade tal qual a defende o espiritismo: KARDEC, Allan – *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

¹³⁴ KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit.

Espiritismo” ser transplantada da França para o Brasil. Aqui ela encontraria o terreno necessário para florescer e continuar em seu principal objetivo: ajudar os homens a se reformarem moralmente, lançando as bases da religião do futuro, onde ciência, filosofia e religião caminhariam juntas no seio de uma humanidade mais consciente.¹³⁵

3.2. Espiritismo no Brasil.

O Espiritismo deixou em nossa cultura marcas que chegam até nossos dias. Para ele ser aceito, para fazer valer suas premissas, o imaginário brasileiro (ao menos de certos setores de nossa sociedade) precisou ser retrabalhado de maneira a comportar a maneira singular que essa doutrina lidava com a religião e com as outras formas de conhecimento. Desse contato do espiritismo com nossa cultura, vários foram os subsídios que ele ofereceu para as mudanças que se efetuavam em nosso ambiente social e ideológico.

A primeira contribuição do espiritismo foi em relação às chamadas “questões sociais” do pós-1870. Abolicionismo, republicanismo e, posteriormente, a questão da mulher, foram alguns dos aspectos que o espiritismo e os espíritas brasileiros se envolveram, usando da doutrina como ferramenta para a mudança. A primeira delas, o abolicionismo, era uma premissa do espiritismo, que tentava resgatar o cristianismo em sua pureza de princípios. Não era possível tolerar a escravidão do homem pelo homem quando Jesus dizia para “fazer aos outros o que gostaríeis que vos fizessem” e para “amar ao próximo como a si mesmo”. Já na primeira obra espírita – *O Livro dos Espíritos* –, os espíritos, que estariam a responder as perguntas de Kardec, já alertariam para o caráter nefasto da escravidão. Segundo eles, ela era inadmissível, um costume bárbaro que ia desaparecer quando a humanidade desse mais um passo na sua evolução moral.¹³⁶ Os espíritas brasileiros fizeram eco a essas premissas, e se posicionaram contra a escravidão.

¹³⁵ XAVIER, Francisco Cândido XAVIER, Chico & CAMPOS, Humberto (Espírito) – *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: FEB, 1979. ; KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit.

¹³⁶ KARDEC, Allan – Op. Cit.

Instalou-se em todo ambiente espírita um sentimento contrário a esse sistema econômico-social, e seus adeptos¹³⁷ engajaram-se política ou teoricamente em prol da abolição.

Já a república foi também defendida pelos espíritas. Era vista como o sistema mais racional de governo e também a que podia contribuir para avançar com a questão do laicismo de Estado. Um Estado laico era a premissa para que o espiritismo pudesse se desenvolver com mais tranqüilidade, sendo essa condição defendida até hoje, em obras recebidas pelo famoso, e agora falecido, médium Francisco Xavier¹³⁸. Os espíritas engajaram-se nas lutas republicanas e conquistaram a simpatia de muito deles, que acabaram se tornando espíritas por sua vez. Ser espírita, maçom¹³⁹ e republicano era a tríade que distinguia um homem “progressista” do século XIX.

A questão da mulher, que vai ganhar voz realmente só no início do século XX, foi também trabalhada pelo espiritismo e pelos espíritas, apoiados nos princípios defendidos desde a codificação kardequiana. Segundo coloca essa doutrina, o espírito não possuiria sexo, quando desvinculado do corpo. O sexo é uma forma transitória que serviria no processo de aprendizado que ocorre durante a encarnação. De volta ao plano espiritual, o espírito poderia escolher, se tiver conhecimento disso, se queria manter a forma de sua encarnação passada ou escolher uma outra que lhe convém. Em suma, ele escolhe se quer parecer homem ou mulher, e isso não importa de fato, pois a distinção sexual é mais marcada somente no corpo biológico. Com isso, não haveria porque existir distinção de sexos, já que o que importa é a realidade do espírito. As diferenças existem, mas não para gerarem preconceitos. Além de defender essas idéias, a maioria de médiuns espíritas, até

¹³⁷ Até onde sabemos, todos os espíritas que ajudaram na consolidação da doutrina no país envolveram-se com a questão abolicionista. Bezerra de Menezes, que era deputado do partido liberal, escreveu livro a respeito e usava a tribuna para fazer discursos a favor da abolição. Outros adeptos que também faziam parte do governo lutaram publicamente por essa causa.

¹³⁸ Emmanuel, o famoso “mentor espiritual” de Francisco Xavier, em capítulo do seu livro *Religião dos Espíritos*, defenderia um Estado laico, pois só assim os seres humanos seriam mais livres em suas escolhas pessoais. A liberdade, na figura do livre-arbítrio, é um dos valores mais defendidos pelo espiritismo, o que demonstra não só a influência da época (séc. XIX) e do lugar (França) em que surgiu, mas também respalda em certos posicionamentos políticos de seus adeptos.

¹³⁹ Infelizmente, não pudemos tratar aqui das influências mútuas entre a maçonaria brasileira e o espiritismo por nos faltar um material que aborde com mais profundidade essa questão. O que podemos dizer é que a maçonaria em seu combate à postura anacrônica do clero católico conquistou a simpatia dos espíritas e vice-versa. Ambos se uniram na busca por solapar a o império da então religião do Estado, ajudando-se mutuamente a conquistar um espaço de maior relevo. Todavia, conhecemos casos de “espíritas-maçons”, o que ajuda a demonstrar a afinidade que há entre esses dois sistemas.

hoje, são mulheres. Teorias espíritas existem para explicar o porquê disso, mas superficialmente, o espiritismo defende que o espírito que habita o corpo de uma mulher, no geral, vem com uma dose maior de sensibilidade que facilita o contato mediúnico. Temos no Brasil grandes mulheres médiuns, que ajudaram na consolidação da doutrina em nossas terras.¹⁴⁰ No espiritismo, a mulher acabou gozando de um maior prestígio, o que contribuiria com algumas adeptas em suas lutas pela ampliação dos direitos femininos, no final do século XIX e começo do século XX.

O Espiritismo também mudaria bastante a cara dos cultos aqui existentes, principalmente de origem *gege-nagô*.¹⁴¹ A introdução da doutrina, como se observa até hoje, é cada vez mais forte nos cultos negros, como a umbanda¹⁴². Notamos, em nossas pesquisas em alguns centros dessa linha espiritualista, que Kardec é lido, e os próprios “espíritos” que se manifestariam nessas reuniões falam do espiritismo ou aconselham algumas mudanças nas reuniões que aproximam mais de uma reunião espírita nos moldes kardequianos¹⁴³. Os motivos para isso talvez esteja na também percebida maior afluência de setores mais abastados da sociedade a esses mesmos cultos, e a busca desses mesmos

¹⁴⁰ Yvonne Pereira, Zilda Gama, entre tantas outras. Vale dizer também que o principal médium de Kardec, era uma mulher, ou melhor, uma menina de 13 anos: Ermance Dufaux.

¹⁴¹ MACHADO, Ubiratan – *Op. Cit.*

¹⁴² Sites oficiais da Doutrina Umbandista na Internet que procuram contar a história da Umbanda, dizem que ela começou devido ao preconceito e racismo do meio espírita da época, que via com repúdio a manifestação de “espíritos” de preto-velhos e caboclos indígenas. Devido a isso, os médiuns desses espíritos se viram forçados a formar centros para eles, onde pudessem também atender a população pobre, que geralmente não tinha muita guarida nas reuniões da elite espírita desse período. Apesar desse começo conflituoso, a Umbanda é considerada no geral como uma seita espírita, mas com suas matizes próprias, advindas da maior aceitação das culturas negras e indígenas em seu seio.

¹⁴³ Recordamos do caso que presenciamos em duas situações e momentos diferentes com o mesmo grupo de adeptos em São Luis, capital maranhense, que ajudariam a ilustrar a influência do espiritismo sobre outras formas de nossa religiosidade nacional. Quando do nosso primeiro contato com eles, em 1998, fomos levados a um terreiro onde assistimos a uma típica sessão de umbanda: tambores, música, conversas com cablocos, pretos-velhos, velas, imagens, etc. Cinco anos depois, em 2003, retornamos ao mesmo grupo, que agora se encontrava em uma casa no centro histórico da cidade. A reunião desta vez se caracterizava como uma “Sessão de Mesa Branca”: uma mesa, os médiuns sentados ao redor dela, sem música, sem imagens, apenas preces e passes. Os espíritos que se manifestariam pareciam ser os mesmo de antes, só que de maneira diferente, dentro desse novo “clima” que o grupo apresentava. Todavia, em dado momento, um dos caboclos, começaria a falar dos “velhos tempos” e da saudade que sentiria de ouvir um tambor, recomendando a uma das médiuns que lembrasse “sua menina” (a médium) para organizar uma reunião assim. A singular lamentação desse espírito e a mudança de orientação do grupo revelaram-se depois, em nossas pesquisas para esta dissertação, um fato comum em muitos centros espiritualistas. A “sobriedade” espírita parece ser cada vez mais aceita como regra (não com muito “entusiasmo”, como foi o caso que presenciamos, onde se manifestava uma “saudade do tambor”) a ser seguida nas reuniões e sessões espirituais, o que contribuiria bastante para a mudança em aspectos ritualísticos e mesmo doutrinários dessas crenças.

setores de manterem sua distinção social também no plano religioso, afastando-se um tanto da suas matizes originais, ligadas a uma religiosidade mais popular.

Além das questões sociais que o espiritismo se envolveu e a influência nos cultos de origem negra, talvez a influência mais forte ele exerceu foi sobre a nossa *intelligentsia*, ajudando assim a constituir o imaginário nacional que se manteria dali em diante. Muitos membros dessa *intelligentsia* algo falaram do espiritismo. Vamos citar apenas alguns deles, e fazemos isso por lembrar do papel que os intelectuais do século XIX e começo dos XX tiveram na formação de nossa identidade nacional. Mostrar sua relação e de suas obras com o espiritismo é também mostrar um pouco mais do peso que essa doutrina teve em um período importante de transformação do nosso país, ao influenciar os principais atores dessa mudança.¹⁴⁴

A primeira influência do espiritismo foi sobre os últimos românticos. Falamos no capítulo anterior de como o espiritismo se envolveu com o romantismo, fornecendo o combustível para a busca subjetiva desses autores. Victor Hugo, que era muito lido aqui, fez ele mesmo experiências com as mesas, e obteve comunicações que influenciaram toda sua obra pós-exílio. Um leitor voraz de Hugo, Castro Alves, foi um dos primeiros a tomar contato com o espiritismo, em 1867. Muito se especula a respeito de como foi esse relacionamento. Mas de certo realmente é que foi marcado por um começo entusiástico e um arrefecimento na mesma intensidade. Em fevereiro de 68, o poeta esteve em Salvador e lá ficou durante três meses, para assistir a estréia de seu drama *Gonzaga*. Já influenciado pelo Hugo pós-Jersey, ficou sabendo da polêmica do “Grupo Baiano” de Teles de Menezes. Em finais de 1868, gravemente enfermo, ele retorna a Salvador, e novamente atira-se ao espiritismo, esperando uma cura milagrosa. Essa cura não acontece, e acrescido de uma forte decepção amorosa, o poeta se torna amargo e descrente. Escreve estrofes reclamando de Deus e da criação. Seu ânimo pelo espiritismo se arrefece, bem ao gosto de um romântico: da mesma maneira com que se atirou a ela. No auge da sua empolgação, em carta a Augusto de Guimarães, chegou a pedir que procurasse a fictícia obra de Kardec que

¹⁴⁴ Para maiores detalhes sobre a relação da nossa *intelligentsia* com o Espiritismo: MACHADO, Ubirantan – *Op. Cit.*

ele acreditava existir, *Poética do Espiritismo*. Deixando a doutrina, Castro Alves fechar-se-ia em uma atmosfera de negativismo que o iria acompanhar até o túmulo.

Outro beletrista que teve uma história praticamente idêntica a de Castro Alves foi José Alencar. Porém, o que levou esse poeta a se aproximar do espiritismo não foi uma busca apaixonada, animada pelos versos hugoanos. Por volta de 1870, a coqueluche relacionada ao espiritismo eram as então chamadas “fotos espíritas”. Lembramos delas, pois foram elas que proporcionaram o famoso episódio do “Processo dos Espíritas” que aludimos anteriormente. Foi justamente esse processo, que lançou uma grande porção de lama sobre a integridade da doutrina, que abalou as convicções de José de Alencar. Ele também tinha se maravilhado com tais fotos, mas tão logo as notícias do processo chegaram às nossas terras, ele se decepcionou e começou a ver nos espíritas uma agremiação de charlatães e aproveitadores, abandonando assim um aprofundamento maior no espiritismo.

Outro grande poeta que se relacionou com a doutrina, mas de maneira mais direta e aderindo a ela, foi o cantor do “Eu”, Augusto dos Anjos. No começo do século XX, em sua cidade – Engenho do Pau d’Arco -, Augusto conduzia sessões espíritas onde ele era um dos médiuns de psicografia, alegando receber mensagens dos espíritos. Numa dessas reuniões ele teria evocado o espírito do poeta maranhense Gonçalves Dias, e pouco tempo depois encheria laudas com uma pretensa lírica do vate maranhense. Porém, essas sessões não durariam tanto tempo, terminando de maneira inusitada, e mesmo cômica. Conta-se que fenômenos estranhos começaram a acontecer na cidade, e o que era diversão e estudo virou conto de terror. Diz-se¹⁴⁵ que “espíritos ruins” começaram a aparecer nas sessões de Augusto, mais criando arruaça do que realmente transmitindo algo de bom. Vendo o caos se instalar em seu próprio quintal, a mãe de Augusto dos Anjos, dona Mocinha, não se fez de rogada: pôs um ponto final nas sessões. Apesar desse final súbito, ficava no autor a influência desse contato com o espiritismo.

¹⁴⁵ MACHADO, Ubiratan – *Op. Cit.*

A entidade mais curiosa em sua relação com o espiritismo é uma das mais ilustres de toda nossa literatura: ninguém menos que Machado de Assis. Desde sua mocidade, desde a época que freqüentava o círculo do *Courier du Brésil*, Machado se mostrou um ferrenho opositor do espiritismo. Contos e mais contos destilavam desde a mais fina ironia até combate aberto e franco. O seu envolvimento com o espiritismo é tamanho, que pode-se tentar uma separação da produção machadiana de acordo com o momento que ele vivia com o espiritismo. Em suas obras, como o conto *Uma Visita de Alcibíades*, existem referências explícitas a Allan Kardec e o espiritismo. Em um primeiro momento, Machado combateu a doutrina com sua ironia e elegância. O que o levava a esse embate? Provavelmente, Machado confundia o espiritismo com aquela suas alegadas vertentes, conhecidas por “baixo-espiritismo”. Lembremos que Machado era um mulato tentando se firmar em um mundo de brancos. Vários biógrafos ressaltam essa aversão do célebre autor às suas origens, pois ele também buscava distinção. Combater o espiritismo talvez fosse para ele uma forma de lutar contra as “crendices” da raça negra, reafirmando-o, embranquecendo-o perante a sociedade. O certo é que em seus principais romances surge a influência espírita. Em *Esaú e Jacó* e *Quincas Borba* aparecem personagens que praticavam esse espiritismo mais popular. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um morto-médium, que vem relatar a sua vida. *Memórias* é visto como uma das obras em que mais se enxerga esse conúbio de Machado e o que ele entendia de espiritismo. Brás Cubas, mais do que um morto que fala, surge como um médium do mundo dos mortos, tanto que o “subtítulo” da obra é “obra de finado, ditado do outro lado do mistério”. Brás Cubas volta para nos contar como vivem os mortos, fenômeno que é uma das principais premissas do espiritismo.

Chegando ao crepúsculo da vida, Machado foi contendo mais a pena e o que dizia sobre os espíritas. Ele que tinha recomendado em artigos de jornal que o espiritismo era caso para a polícia, e sugerido em seus contos que todo aquele que mexesse com a doutrina ficava louco no final, já com a morte da esposa Machado teria experimentado sentimentos que o levaram a uma apreciação diferente do que vinha defendendo. O que vemos aí é um Machado mais respeitoso e até um tanto arrependido. Como o conselheiro Aires, ele aprendia a ser tolerante a respeitar todas as crenças deste mundo. Com a morte de Carolina, em 1904, começa a aumentar em Machado uma certeza da sobrevivência da

alma. Em carta a Joaquim Nabuco ele afirma que “Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará”¹⁴⁶. Como se vê, depois de anos de contato e lutas, o espiritismo havia, de certa maneira, penetrado em Machado, como em suas obras, em um desfecho – bem ao seu gosto - de suprema ironia: ajudando-lhe a lidar com a perda de um ente amado.

Em linhas gerais, esse foi o contato do Espiritismo com os principais setores da nossa *intelligentsia*¹⁴⁷, que por sua vez, ajudavam a construir não só a nossa idéia de nação, mas também formavam todo o nosso imaginário e a nossa maneira de nos percebermos. Esses são apenas alguns dos nomes que se relacionaram de maneira mais direta com o espiritismo. Poderíamos falar também de autores como Coelho Neto, Arthur Azevedo, Leôncio Correia, Carlos de Laet, João do Rio, enfim, tantos outros que apenas retrataram um panorama comum a todos: o assombro que o espiritismo causou ao aqui chegar. Todos queriam comentar, combater, defender ou simplesmente falar algo a respeito dessa singular doutrina. Era um Machado que ironizava, um órgão da imprensa que alertava para os loucos espíritas ou um político de renome que assustava a todos com sua recente conversão¹⁴⁸. Seja na literatura, na imprensa ou na vida pública, o espiritismo ia ganhando visibilidade, o que ajudava em seu crescimento. O que parecia ser moda passageira acabou ficando e hoje comemora seus centenários. Os intelectuais acabaram contribuindo para que o espiritismo se mantivesse vivo, aguçando, muitas vezes sem querer, a curiosidade dos seus leitores. Alguns acabavam gostando e ficando. E certo é que ao receberem o espiritismo, não só os intelectuais, mas vários setores da sociedade brasileira acabaram incorporando ele às suas vidas. A profundidade dessa influência e suas reais conseqüências são eventos que ainda estão sendo levantados, estando longe ainda de uma palavra final.

¹⁴⁶ ASSIS, Machado – *Correspondência*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1944 *apud* MACHADO, Ubiratan – *op. Cit.*

¹⁴⁷ Se o leitor tiver interesse em conhecer uma verdadeira “polêmica aberta” da relação do Espiritismo com os nossos literatos, deve se informar das repercussões que tiveram a primeira obra de Chico Xavier, *Parnaso de Além Túmulo*. Nessa obra grandes nomes da literatura brasileira teriam vindo, por meio da mediunidade de Chico, deixar seu poema-mensagem para os que cá estão. Essa obra causou uma grande polêmica quando foi lançada, na década de 30. Humberto de Campos escarneceu, Monteiro Lobato comentou, enfim, nenhum grande nome à época deixou de falar algo. Engraçado notar que, uma das referências assíduas desse livro, é Olavo Bilac, que era muito cético com relação ao espiritismo. Para o estudioso da lírica brasileira, e não só para ele ou ela, esse livro vale a pena ser lido, pois é intrigante reconhecer que o estilo dos autores que assinam está ali presente.

¹⁴⁸ É o caso do grande nome do espiritismo nacional, Bezerra de Menezes. O próprio Machado, quando soube da conversão, escreveu nota em jornal escarnecendo da decisão do então ilustre deputado.

CONCLUSÃO:

O Espiritismo em Seu Tríplice Aspecto e o Brasil.

As constantes polêmicas que o espiritismo tem enfrentado estão, em sua maioria, relacionadas com o tríplice aspecto da doutrina: ciência, filosofia e religião. Como vimos, os adeptos e simpatizantes em alguns momentos apresentam dificuldades para aceitar essa proposta, ou mesmo para lidar com ela. Lembremos que a polêmica que se instalou entre os “cientificistas” e os “místicos” quase não permitiu que o espiritismo progredisse em nossas terras. Se não fosse a ação decisiva do corpo original dos fundadores da FEB, nas pessoas de Bezerra de Menezes, Augusto Elias Barbosa, entre outros, teria acontecido aqui o que aconteceu em várias outras partes do mundo: a doutrina espírita viraria um apêndice das pesquisas parapsicológicas. Então, apesar de termos falado dos três aspectos que o espiritismo se apresenta, façamos um apanhado geral do que venha ser o espiritismo científico, o espiritismo filosófico e o espiritismo enquanto religião, relacionando-os com a nossa realidade, mostrando como os adeptos brasileiros dessa doutrina francesa trataram cada um desses elementos. Há uma queixa de alguns setores, que descontentes com “orientação pelo Evangelho”, acusam a FEB de privilegiar o lado religioso da doutrina e esquecer os outros. Será assim? É o que pretendemos sondar adiante.

1. O ESPIRITISMO CIENTÍFICO.

O posicionamento de Kardec, que desde o começo apresentou o espiritismo como uma “nova ciência” de investigação do chamado “sobrenatural”, foi uma das mais combatidas, mais ironizadas, sendo vítima de um até hoje presente combate dos órgãos oficiais que conduzem essa forma de conhecimento. O espiritismo é uma ciência? Mas afinal, o que um discurso precisa ostentar para poder ser qualificado como científico? São perguntas que surgem geralmente para qualquer um que tome conhecimento de sua fenomenologia e de seu corpo filosófico-moral.

A resposta, para Kardec (e vários adeptos da doutrina), é simples: o espiritismo é uma ciência. Teria um objeto definido e teria um objetivo. Teria um problema de pesquisa e teria uma metodologia. Teria seu instrumental de pesquisa e teria seu corpo de profissionais, que, formados nas teorias que a embasariam, conduziram pesquisas, em alguns momentos, com a utilização de materiais e laboratórios modernos. Em suma, naquilo que se exige para que um conhecimento seja chamado “científico”, o espiritismo procuraria se encaixar. Não entrando na parte moral da doutrina, a sua proposta filosófica, conseguimos perceber todo um anseio de se apresentar determinados aspectos e princípios espíritas inseridos em uma suposta metodologia científica. Seria esse desejo, parte do discurso religioso que o espiritismo emana de si? É a pergunta que logo nos fazemos. E na busca por uma resposta que lance luzes à questão, abordaremos agora os relatos de Kardec, onde ele explicaria como chegou à doutrina espírita, os processos que seguiu e a maneira como se comportou, para que possamos fazer inferências que mais nos aproximem do cerne desse debate ainda aberto entre o espiritismo e o meio científico.¹⁴⁹

¹⁴⁹ Os relatos que fazemos a seguir são um resumo dos testemunhos de Kardec sobre a sua vida como pesquisador do espiritismo. Retiramo-los de suas principais obras, as quais nos referimos em vários momentos desta Dissertação, além dos números de sua *Revue Spirite*. Todavia, uma versão sintetizada se encontraria na “Introdução à Doutrina Espírita” contida no *Livro dos Espíritos* e também na parte “Minha Primeira Iniciação no Espiritismo” contida nas suas *Obras Póstumas*. Alertamos ao leitor(a) que preservamos as conclusões e inferências sobre a fenomenologia espírita por necessidades de seguir o seqüenciamento lógico das explicações contidas nessa doutrina. Como dissemos anteriormente, o nosso objeto de pesquisa tem o direito de falar de si mesmo. Todavia, nunca seria pouco lembrar que esse é um discurso, como tantos outros, e que cabe a cada um que se interesse por estudar essa doutrina chegar às suas próprias conclusões.

No capítulo dois desta nossa dissertação abordamos os primeiros contatos de Kardec com os fenômenos das mesas girantes, que marcaram o início dos estudos que levaram à elaboração do espiritismo. Pois bem, Kardec teria perante si fatos novos e de aparência estranha até para o mais estudado e formado cientista da época. Como ele diz ter procedido? Primeiramente, Kardec ao alegar ver a mesa dançar no ar, teria conduzido uma série de observações-participantes, no sentido de verificar a causa que proporcionaria o bailado da mesa. A primeira mesa, ou uma das primeiras mesas, que Kardec diz ter visto se levantar ao ar, era de mogno maciço e pesava mais de 100 kg, segundo ele mesmo nos conta. Kardec teria andado por baixo da mesa enquanto essa estaria suspensa, verificando se ela possuía de alguma maneira algum mecanismo que a levantasse. Alegando não verificar isso, Kardec teria passado para uma próxima etapa. Concluiu ele que, na falta de algo material que a levantasse, algo não material ou não sensível aos sentidos poderia estar causando o fenômeno. Inicialmente optou pela hipótese de ser algum evento ainda não catalogado pelo magnetismo. Porém, ao conduzir novas pesquisas, diz ele ter notado que as mesas poderiam responder a comandos verbais do tipo: “dê tantas voltas”; “bata no chão com tal perna”; etc. As tais “mesas” além de se suspenderem ao ar como que por vontade própria, estariam a responder perguntas. Para todo efeito inteligente, diria ele, há de se ter uma causa inteligente. Novo assombro, o que exigiria uma mudança na perspectiva da pesquisa e na forma como ele vinha sendo conduzida, ou seja, o seu método.

A partir desse momento estipular-se-ia um sistema de “batidas-resposta” onde uma batida era “sim” e duas seriam para o “não”. A seguir começar-se-ia a formular perguntas às mesas. As respostas seriam em sua maioria precisas, e mostravam que essas “mesas” aparentavam realmente possuir uma inteligência sem cérebro. Sondando mais, Kardec conta haver chegado aos supostos produtores dos fenômenos: os “Espíritos”, almas daqueles que partiram e que agora voltavam para expor, de forma mais contundente, a sua imortalidade e sobrevivência.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Já falamos que esse proceder kardequiano coincide com a maneira como foram conduzidos os fenômenos em Hydesville, com as Fox. Não só isso, os passos que Kardec diz ter seguido adiante também são praticamente os mesmos que emanam dos relatos sobre os que foram seguidos pelos primeiros pesquisadores do neo-espiritualismo. Porém, deve-se ressaltar que a produção kardequiana aparentaria ser independente, tanto por uma falta à época de meios de divulgação mais rápidos e precisos além dos relatos de jornais ou testemunhas, como também pela maneira como sua metodologia evoluiu.

O problema de pesquisa de Kardec, nesse momento, ele mesmo nos apresentaria: “O movimento dos objetos é um fato incontestável. A questão está em saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso de afirmativa, qual a origem dessa manifestação”¹⁵¹. Com a alegada descoberta da origem e dos causadores desses eventos, Kardec começaria uma guinada em sua forma de trabalho, na busca por entender melhor o que se passava. As técnicas para se obter as comunicações seguiram uma evolução que se apresentaria em quatro etapas: 1) *Batidas Sim - Não*. Foi a primeira, como falamos, onde a mesa seria interrogada e daria tantas batidas de acordo com as respostas. 2) *Batidas e Letras do Alfabeto*, foi a próxima etapa. Agora em vez de sim não, algum membro da reunião vocalizaria as letras do alfabeto: A, B, C, D, etc. Quando se chegava à letra desejada, se ouviria uma batida da/na¹⁵² mesa. As comunicações - conta-nos Kardec e demais estudiosos dos fenômenos - melhoravam, mas ainda se enfrentava muita demora. 3) *Lápis na Cesta ou Prancheta*. Já que se alegava que não eram as mesas em si as produtoras dos fenômenos, e que eles poderiam ser produzidos em qualquer móvel ou elemento material, os “Espíritos”¹⁵³ sugerem que se adapte um lápis que atravesse uma cesta, ficando no centro, podendo ser colocado sobre um papel ou adaptado em suporte sobre uma prancheta contendo papel. As comunicações melhorariam, tornar-se-iam mais extensas. Surgiriam os ditados morais, as explicações técnicas dos ditos espíritos para o que estava acontecendo. Porém, ainda faltava o passo decisivo. 4) *O Médium*. Os “espíritos” neste momento teriam revelado que a mesma força que seria capaz de agir sobre os objetos materiais, agiria sobre as pessoas que se apresentassem aptas para produzir os fenômenos. Contam-nos os historiadores do movimento espírita que meninas de 14 anos sem instrução alguma, operários lioneses analfabetos e tantos outros elementos sem cultura alguma aparentemente começam a receber ditados assinados por personalidades como Sócrates, Platão, Homero, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo,

¹⁵¹ KARDEC, Allan – “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”. EM: *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit.

¹⁵² Os sons, como é relatado pelos estudiosos da história do espiritismo e do *new spiritualism*, podiam ser produzidos desde por uma ação mecânica da mesa, que se levantava e batia no chão, ou por sons, “estalos” ouvidos no interior da mesa, sem que supostamente ninguém estivesse provocando-as. Esses sons eram os famosos *raps*, que as irmãs Fox ouviam pelas paredes de sua casa, como se ela estivesse estalando por dentro. Para mais detalhes: DOYLE, Arthur Conan – *História do Espiritismo*. Op. Cit.

¹⁵³ Diz Kardec (Id. Ib.): “Tal meio de correspondência [batidas letra do alfabeto] era, porém, demorado e incômodo. O *Espírito* (e isto constituiu nova circunstância digna de nota) *indicou outro*. Foi um desses seres invisíveis que quem aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto”. [grifos nossos]. É digno de nota realmente, pois a partir desse momento os “espíritos” começariam a ditar como se deveria proceder com o avanço da pesquisa. A “metodologia” seria, a partir em diante, de procedência “espiritual”, sendo esse mais um fato curiosíssimo e singular dessa doutrina.

Goethe, Voltaire, etc. Nesse momento, a parte técnica da pesquisa alcançaria seu auge. Porém, um novo problema surge para Kardec e o espiritismo: como não dizer que aquilo tudo era obra de espírito algum, e sim do próprio “médium”? Kardec novamente tenta desenvolver uma maneira para lidar com esse problema, que seria resolvido da seguinte forma: comparar a letra, cultura e natureza das respostas do “espírito” com a do próprio médium. Defenderia Kardec ¹⁵⁴, e posteriormente seus seguidores, que uma menina de 14 anos¹⁵⁵ precariamente educada, ou um analfabeto, não podiam escrever uma mensagem assinada por Santo Agostinho e que aparentasse todo estilo desse pai da escolástica. No caso de mensagens particulares, dirá também ele ¹⁵⁶, quando um pai que havia morrido para voltar para conversar com o filho, fornecesse detalhes que aparentemente estavam fora do conhecimento do (a) médium, como: “lembra meu filho, daquele acidente que tiveste com cinco anos de idade, lembra do que te disse...” etc., tais “peculiaridades”, defenderia, confirmariam a autenticidade das comunicações.

Além disso tudo, a pretensão da doutrina de se colocar como também científica ressalta na proposição de Kardec, , que citamos anteriormente, que busca unir religião e ciência: “fé inabalável é a que pode enfrentar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade” ¹⁵⁷. A verdadeira religião seria aquela que se apóia na razão científica: só haveria fé quando há conhecimento de causa. Essa proposta do espiritismo é uma das que tanto atrai adeptos nos círculos acadêmicos e letrados do mundo que buscam estabelecer outros possíveis paradigmas para o meio científico.

Com isso deixamos expostas a argumentação e alegação espíritas sobre suas bases científicas. Aceitando ou não esse discurso, fato é que toda essa proposta está inserida em um paradigma que diz respeito mais ao espiritismo em si do que à realidade científica, que assiste de fora tais pretensões. A ciência tem se colocado no mundo de

¹⁵⁴ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. Op. Cit.

¹⁵⁵ Essa menina era Ermance Dufaux, teria 14 anos e, diz-se, não tinha mais do que a instrução elementar. Ela foi uma das principais médiuns de Kardec e de suas mãos e escritos teriam saído grande parte do que hoje chamamos de doutrina espírita. Por ela teria sido escrito um livro de grande repercussão na França: *A História de Joana d’Arc Ditada por Ela Mesma*. Como o próprio título do livro diz, a grande heroína do povo francês voltaria do túmulo para contar tudo a respeito da sua vida.

¹⁵⁶ KARDEC, Allan – *Id. Ib.*

¹⁵⁷ KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit.

maneira a não aceitar determinados “conúbios” ou “parcerias” que essa doutrina defenderia (ciência e religião, por exemplo). Então, para que aceitemos o discurso espírita como científico, necessário é estarmos ao menos informados ou, de certa forma, inseridos no espiritismo em si. Como hoje em dia para se fazer ciência tem que se aceitar a ciência, ou seja, acreditar em sua legitimidade para produzir conhecimentos sobre a realidade, da mesma maneira para se fazer ciência espírita precisa-se de certa forma estar-se dentro do espiritismo, aceitando-o, opção que automaticamente inserir-nos-ia em seu discurso religioso. Explicamos: a ciência no espiritismo serviria como forma de averiguar e comprovar a existência de um plano espiritual, por meio do estudo de sua fenomenologia, organização e funcionamento. Por sua vez, a existência desse plano nos informaria tanto das conseqüências morais para a humanidade que haveria na certeza de uma vida após a morte (com a sobrevivência do ser o comportamento humano ganharia outro sentido), como os relatos e ditados dos espíritos (os habitantes do mundo espiritual) conteriam em si mesmos um discurso com uma orientação filosófico-religiosa própria. Em miúdos, a ciência aponta espíritos e plano espiritual, os espíritos falam de Deus e da Criação como presentes na vida humana. Ao final, o processo de produção do conhecimento espírita se corporifica em uma teologia, específica é verdade, mas ainda sim uma teologia. Por isso, não há como escapar: ao se fazer ciência no espiritismo leva-se em conta a religião.¹⁵⁸ Pode-se concordar ou discordar, adotar ou rejeitar tais procedimentos, todavia, fica nítido que essa é a forma espírita de lidar com a questão, a qual difere bastante da maneira científica convencional, tal como está manifesta nos paradigmas construídos ao longo de seus séculos de existência.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Acreditamos que agora fica claro para o leitor(a) a insistência do espiritismo em manter suas bases religiosas: sem ela, a doutrina perde seu propósito. Fica claro também a importância do que falamos anteriormente, e vamos falar a seguir, da contribuição dos espíritas brasileiros para a doutrina e a “Orientação pelo Evangelho”.

¹⁵⁹ “Já dissemos que não existe ciência inteiramente isenta de pressupostos e dissemos também que ciência alguma tem condição de provar seu valor a quem lhe rejeite os pressupostos. A teologia, entretanto, acrescenta outros pressupostos que lhe são próprios, especialmente no que diz respeito a seu trabalho e à justificação de sua existência (...) Não há dúvida de que toda teologia (...) aceita o pressuposto de que o mundo deve ter um *sentido*, mas o problema que se coloca é o de saber como interpretar tal sentido, para poder pensá-lo”. WEBER, Max – *Op. Cit.*

2. O ESPIRITISMO FILOSÓFICO.

A parte filosófica da doutrina espírita teria a função específica de funcionar como uma espécie de “amortecedor” no meio dos dois pontos que tantos debates levantam: a ciência e a religião do espiritismo. Passando a palavra a Kardec, ele nos informa dos princípios filosóficos da doutrina:

*“Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a **doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.***

*Como especialidade, O Livro dos Espíritos contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina espiritualista, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: **Filosofia espiritualista**”.*¹⁶⁰

[grifos em negrito nossos]

Essa citação está na primeira página do *Livro dos Espíritos*. Desde o começo, Kardec procurava deixar claro que o espiritismo, apesar de ser uma doutrina espiritualista, tinha a sua configuração original, característica. “Espiritualismo” seria um termo por demais genérico. Kardec quis deixar marcado que o espiritismo bebia nas fontes do espiritualismo, mas que tinha “por princípio as relações do mundo material com os

¹⁶⁰ KARDEC, Allan – “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”. Op. Cit.

espíritos”. Essa é uma das bases da filosofia espírita, a “possibilidade de comunicação dos mortos com os vivos”. A outra é a crença na “reencarnação”.

A comunicação “entre-planos”, o seu *modus operandis*, é mais da alçada do espiritismo prático. Todavia, na “possibilidade” de comunicação, está contida a abertura conceitual para se explorar as inúmeras “conseqüências” desse processo, pois ela forneceria um suposto alargamento no horizonte dos possíveis. A defesa espírita dos princípios que regeriam o nosso contato com a realidade espiritual acabaria por se mostrar uma radicalização da relação do profano com o sagrado, ao se contrapor aos costumes teológicos antigos que, ou vetavam completamente o acesso, ou limitavam o conúbio com os seres espirituais. Não só radicaliza como inauguraria uma nova maneira desse relacionamento acontecer: não mais rituais ou fórmulas complexas, agora tudo se passaria por meio de “diálogos”. Já que os espíritos seriam humanos sem a roupagem de carne, não haveria o porquê de tanto mistério: para que o contato aconteça, basta convidá-lo(s) para uma conversa. Indo mais longe, podemos dizer que essa simplicidade ao se lidar com lado outro da vida, essa acessibilidade e falta de cerimônia, demonstra ser, em verdade, o início do processo em que o espiritismo decretaria a “morte do sagrado”.¹⁶¹ Afinal, à exclusão de Deus, não seriam os seres espirituais todos humanos, apenas diferindo no grau de conhecimento e vivência? O plano espiritual não seria a continuidade do plano material, que por sua vez, funcionaria como uma “escola de aperfeiçoamento” para o espírito, que quando terminasse esse seu “curso”, para lá retornaria? O único “mistério” que ainda persistiria é o da figura de “Deus”. Mas com o estreitamento da distância, ou melhor, com o fim da distância entre os planos, Deus acaba Ele também sendo trazido um tanto mais para baixo: ao aproximar os espíritos de nós, o espiritismo também aproxima a figura de Deus. Ele deixa de ser distante, ou temível, para se tornar “Pai amoroso e amigo”, adjetivos corroborados pela teodicéia espírita, que O auxiliaria na manutenção desse status com suas respostas para o porquê da presença do mal no mundo, em uma busca por refutar

¹⁶¹ Como já nos referimos, o desejo de Kardec e da doutrina espírita seria “naturalizar o sobrenatural”: retirar o plano espiritual e sua lógica das brumas do obscurantismo orientado pelo jeito de ser antigo de se lidar com essa realidade transcendente. Isso se daria pelo estudo e demonstração de novas “Leis Naturais”, que trariam para o reino da natureza o que era de domínio do sagrado, que deixaria de existir como tal para pertencer ao plano, agora ampliado, da existência tal qual. E por isso a luta da doutrina espírita contra os “misticismos” e “ocultismos” de outros cultos e filosofias que, para ela, só prejudicariam esse processo de simplificar o mundo dos espíritos e o seu funcionamento. Para mais detalhes: KARDEC, Allan – *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2001. ; *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit. ; *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

as críticas que a permanência desse mal sugere àqueles que não entenderiam a coexistência de tantas desgraças em um mundo que teria um Deus benevolente como seu criador.¹⁶²

Por isso, a “possibilidade” de comunicarmo-nos com espíritos, nos moldes que o espiritismo defende, vem a inaugurar todo o conjunto de princípios que regem essa doutrina. A partir do momento que se mostraria possível estabelecer contato com o plano espiritual, que não seria mais preciso temer ou se preparar longamente para isso, toda uma nova moral se inauguraria, ao se reconhecer nos espíritos a também “possibilidade” de emitir discursos e orientações sobre a realidade.

A reencarnação nos moldes espíritas é uma proposta completamente original e sem precedentes nas outras filosofias espiritualistas. Fala-se de contribuições do hinduísmo, da doutrina pitagórica da metempsicose, mas a reencarnação espírita diferenciava-se de ambas. Tanto na filosofia hindu como na metempsicose o ser reencarnaria em formas “inferiores” à que se encontrava. Por exemplo, um ladrão encarnar em um corpo de rato para expiar seu *karma* ou seus pecados. A doutrina evolucionista do espiritismo diz que isso não é possível: o ser humano só reencarna como ser humano. O propósito da reencarnação seria continuar o aprendizado que ele vem executando desde que foi criado. Todos nós fomos concebidos por Deus “simples e ignorantes”. A (re)encarnação é a maneira de vencer essa simplicidade e ignorância, aprendendo mais em cada vida. O espiritismo não aceita a possibilidade do ser andar para trás na sua evolução. Todo o aprendizado ele carrega consigo e o que ele é não se perde mais. Para facilitar a compreensão, vamos dar um exemplo, de acordo com a moral espírita. Imaginemos o caso de um artista que use suas obras para pregar uma moral confusa ou algo do gênero. Na sua próxima encarnação, esse artista pode reencarnar com suas faculdades artísticas “dormentes”, em estado de latência, devido ao mau uso que fez delas. Muito mais do que uma punição, isso seria uma forma de proteger o espírito dele mesmo. Já que existiria uma “Lei Maior” a ser seguida, já que o universo possuiria uma moral orientada para o bem comum e um Deus que a tudo isso regula, se o espírito viesse para a próxima reencarnação com esses dons manifestos, poderia novamente pregar uma moral contrária às “Leis

¹⁶² KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit ; *Revista Espírita*. Op. Cit. (1864).

Divinas”, complicando assim a si mesmo aos seus semelhantes. Por isso ele experimentaria essa limitação, para que aprenda a dar valor a elas quando aqui voltar de novo.¹⁶³

Essa seria, em linhas gerais, o resumo da filosofia espírita. Ela está por demais atada ao seu lado religioso para que possamos falar dela em separado. Como falamos antes, e como veremos agora, filosofia e religião, no Espiritismo, são praticamente uma e a mesma coisa.

3. O ESPIRITISMO ENQUANTO RELIGIÃO.

Vamos começar com algumas definições de Kardec do que ele entendia por espiritismo e da proposta espírita, e que acabaram por ensejar alguma confusão nos adeptos e estudiosos que com elas se deparavam:

“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações”.

E segue definindo:

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”¹⁶⁴.

¹⁶³ KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos*. Op. Cit.

¹⁶⁴ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. Op. Cit.

Este livro, de onde retiramos as citações, é composto em forma de diálogos que Kardec teria mantido com três tipos de pessoas: um crítico do espiritismo, um cético, e um padre. Mais para frente, no diálogo com o padre, perguntado se “O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, não cogita de questões dogmáticas. Esta ciência tem conseqüências morais como todas as ciências filosóficas; essas conseqüências são boas ou más?”¹⁶⁵, Kardec afirmará as seguintes coisas a respeito da doutrina que esposava:

“[...] O Espiritismo está, pois, em a Natureza e podemos dizer que, numa certa ordem de idéias, é ele uma potência, como a eletricidade o é sob outro ponto de vista, e como ainda a gravitação é uma outra. Os fenômenos, de que o mundo invisível é a fonte, produziram-se em todos os tempos; eis aí por que a história de todos os povos faz deles menção. Somente, em sua ignorância, como se deu com a eletricidade, os homens os atribuam a causas mais ou menos racionais, e deram, nesse ponto de vista, livre curso à sua imaginação.

Mais bem observado depois que se vulgarizou, o espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião; e a prova disso é que ele conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que por esse fato não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres do seu culto, quando a Igreja não os repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramanistas.

Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas. Suas conseqüências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura; razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência”. [grifos nossos]

¹⁶⁵ Id. Ib.

E conclui:

*“Cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade às religiões conhecidas; **mas daí a constituir nova Igreja, a distância é grande**”.*¹⁶⁶ [grifos nossos].

O Espiritismo no seu verdadeiro caráter seria uma ciência e não uma religião. Porém, essa afirmação de Kardec pareceria contraditória com o que viria a defender em outras obras suas. É o caso do que ele fala no último livro que escreveu. Falando do “caráter da revelação espírita”, dirá Kardec:

“Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca das coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos ao mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua

¹⁶⁶ Id. Ib.

origem e da iniciativa dos espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem".¹⁶⁷ [grifos nossos]

Uma doutrina filosófico-científica ditada pelos “espíritos enviados por Deus” e que não era religião? Até hoje essas e outras passagens de Kardec geram polêmicas. O Espiritismo é ou não é uma religião? O próprio codificador, em outros trechos das suas obras, reafirmará o caráter religioso do Espiritismo. Estaria ele em contradição com o que sustentava?

Aparentemente, o problema não parece ser de contradição. Para isso basta-nos investigar um pouco mais sobre o que Kardec entendia por religião. Quando ele dizia que o espiritismo não era uma religião, estava falando da acepção vulgar do termo, que todos nós usamos: um culto estabelecido, com templo, corpo clerical, em suma, da famosa “Religião de Igreja”. Isso realmente o espiritismo não buscava ser. Ele buscava não ter um “culto”, não ter um templo específico (o centro espírita seria apenas um lugar de reunião e não um lugar sagrado, o único possível para uma agremiação espírita) e muito menos um clero, com sacerdotes ou coisas do gênero. Não teria uma liturgia em específico: o que valia era a intenção e não a forma. O ritual seria inócuo se não viesse acompanhado de um sentimento que o envolvesse e lhe desse sentido. Era uma doutrina de anseios “sóbrios”: as reuniões de Kardec, conta-se, se dariam em uma sala, à luz dos bicos de gás, com os médiuns sentados em mesas com lápis e papel. Seria feita uma pergunta ou sugerido um tema e um “espírito”, ou começaria a escrever, ou falaria através de um médium. Haveria apenas uma prece, com o intuito de “sanear” as mentes dos envolvidos no processo e de também chamar para os que ali estavam o concurso dos “bons espíritos”. Kardec dirigia os trabalhos, mas não parecia o fazer como “chefe”. Outros membros participavam e vários debates aconteceriam durante as reuniões.¹⁶⁸

¹⁶⁷ KARDEC, Allan – *A gênese*. (39ª ed). Rio de Janeiro: FEB, 2000.

¹⁶⁸ Lembramos que essas características do “culto” espírita eram comuns em seu começo, e sendo mais específicos ainda, nas reuniões que Kardec conduzia e participava. Sabemos que hoje em dia é diferente e que vários outros elementos concorrem para modificar tais características. Entretanto, devemos deixar marcado que qualquer culto que se afaste os padrões que Kardec defendia, e que o espiritismo em seu corpo doutrinário recomenda, não podem ser chamados “espíritas”. Referimo-nos a isso porque é justamente essa falta de maior definição e apreciação do culto espírita que faz que haja tantas confusões sobre o que venha a ser o próprio espiritismo.

Todavia, e voltando mais diretamente ao assunto, uma outra explicação possível para essa aparente indefinição do tratamento da religião dentro do espiritismo seja que, para Kardec, como para tantos outros espíritas, o lado religioso estaria inserido no lado filosófico, devido às “conseqüências morais” que o espiritismo trazia consigo: o lado religioso era tão evidente que não precisava se falar nele. E na verdade, se acompanharmos o desenvolvimento da doutrina, e especificamente a visão de Kardec sobre o assunto, nota-se que a religião ocupa diferentes espaços de evidência. Ela sempre esteve, desde o início, relacionada com tudo que dissesse respeito aos espíritos dentro do espiritismo.¹⁶⁹ Todavia, até os próprios espíritos tiveram diferentes lugares de evidência. No começo havia uma luta por provar a veracidade dos fatos, de mostrar que espíritos e suas comunicações eram reais. Com o passar do tempo, nota-se que Kardec e seus colaboradores mais próximos foram deixando de lado essa postura e se centrando no “aspecto moral” da doutrina: já não importava dizer quem assinava a comunicação, ou mesmo provar que ela existia, importava agora saber o que essa comunicação trazia de “bom”, se ela contribuía para o grande objetivo do espiritismo que era - como dissemos anteriormente - a reforma moral da humanidade. Quando Kardec e o espiritismo atingiram esse ponto, todo o resto se movimentou para um diferente lugar: o centro era a moral espírita, embasada na moral cristã em sua maior pureza possível, o resto devia trabalhar para esse centro e se submeter a ele. A “religião” às vezes trazia em si aquela conotação de seita, de exclusivismo, de visão de mundo fechada. A palavra “filosofia” é mais aberta, mais permeável, e até mais aceita num mundo que se levantou contra as convenções. E como era a busca pessoal de Kardec apresentar a doutrina como uma também filha desse “espírito moderno”, a moral substituiu progressivamente a religião no espiritismo. Falar de “moral cristã” é diferente de falar de cristianismo. Talvez esse tenha sido o posicionamento imaginado por Kardec, e talvez por isso a palavra “religião” não tenha tanto lugar - como muitas pessoas acreditam ter - quanto se era de esperar no espiritismo. Com essa postura – ênfase na moral, em vez da religião - ele podia apresentar sua “ciência” e sua “filosofia” para o mundo moderno sem esquecer das “conseqüências morais” que elas carregavam consigo.

¹⁶⁹ Dizemos isso porque algumas correntes dentro do próprio *new spiritualism*, do qual o espiritismo veio, tratavam com espíritos sem dar muita atenção ao lado religioso, ou mesmo ignorando por completo esse lado, como tratamos anteriormente.

Por isso o espiritismo é muitas vezes visto mais como uma filosofia espiritualista de moral cristã do que uma religião em si. Porém, ele o é também, se apreendemos o que Kardec entendia por religião. Porém, com a morte do codificador, esse lado religioso foi sendo esquecido pelos seus adeptos europeus, principalmente seus continuadores franceses, ávidos em explorar a parte fenomenológica da doutrina, com suas mesas que giravam e espíritos que se materializavam. É aqui que entra a importância do Brasil e a contribuição dos espíritas brasileiros, que vimos anteriormente e veremos um pouco mais, no ponto que se segue.

4. O ESPIRITISMO EM SEU TRÍPLICE ASPECTO E A CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA.

Vimos anteriormente como a “Orientação pelo Evangelho” da Federação Espírita Brasileira foi importante para combater a celeuma instalada no meio espírita do nosso país, que queria copiar seus confrades europeus e ficar só com a parte científica da doutrina. Logicamente que o ambiente brasileiro, a influência do catolicismo e das demais experiências religiosas ou mágicas, contribuíram para essa decisão, criando um clima favorável à sua entrada no nosso país. Em suma, vários fatores cooperaram para manter no brasileiro essa orientação para a religiosidade. Somando isso tudo à influência que a França tinha em nosso país, a doutrina espírita encontraria aqui um terreno fértil para se propagar e crescer.

E os outros aspectos da doutrina? O lado científico e o filosófico foram explorados em reuniões espíritas em nossas terras, e muitos dos adeptos brasileiros do espiritismo, por pertencerem às elites, estavam embebidos daquele clima positivista que dominou o final do século XIX. Desde o começo, a investigação científico-filosófica foi uma das bases para se constituir essa doutrina em nossas terras.¹⁷⁰ Basta para isso

¹⁷⁰ Só reafirmando a presença da pesquisa científico-espírita em nosso país, as reuniões de estudo do Espiritismo em seu aspecto científico-filosófico foram estipuladas desde os primeiros anos de fundação da

lembrarmos que as mesmas reuniões que Kardec diz ter presenciado, das mesas e materializações, e que se diziam acontecer também em outros lugares do mundo, teriam sido aqui realizadas e presenciadas, contando também com seus pesquisadores e debatedores, ganhando repercussão e divulgação nos jornais brasileiros da época, como já falamos.¹⁷¹

O lado filosófico da doutrina foi trabalhado nos mesmos moldes que vinha da França. Sua filiação à doutrina cristã não era nenhum mistério para nós, assim como alguns de seus princípios, como a reencarnação e a possibilidade de comunicação e sobrevivência dos espíritos. Afinal, em uma terra muito embebida no fetichismo mágico, tais comunicações não eram estranhas, e até mesmo buscadas desde muito tempo, na relação que se estabeleceu, no campo do mágico, entre a Casa Grande e a Senzala, entre o Sobrado e o Mucambo. Como falamos e defendemos anteriormente, vários elementos de nossa cultura favoreceram e facilitaram a penetração e fixação do espiritismo em nossas terras. Importante seria deter-nos em um desses elementos, por sua grande importância para a fixação do espiritismo no Brasil. Por mais contraditório que pareça, foi a nossa própria religião de Estado, o catolicismo, nos moldes que ela aqui se configurou, um dos grandes facilitadores da aceitação dessa doutrina em nossas terras.

A grande maioria dos espíritas vinha do catolicismo, e inclusive, muitos deles relutaram em abandonar a sua crença de berço. O Grupo Baiano de Teles de Menezes, em suas polêmicas nos jornais contra o clero organizado, costumava lembrar sempre que o espiritismo era mais um filho da santa igreja, e que veio ajudá-la a se livrar de suas partes nocivas¹⁷². Muitos espíritas, seguindo as sugestões do próprio Kardec¹⁷³, continuavam católicos e se declaravam católicos mesmo ao defenderem o espiritismo. Esses “espíritas católicos” foram bem comuns no começo do espiritismo e só diminuíram depois de 1870 com o grupo carioca que, embalado no espírito “maçon-republicano”, acirrou suas críticas à igreja e buscou uma maior independência do catolicismo, que era visto como a religião

FEB e se mantém até hoje. Muitos centros espíritas contam com os famosos “Estudos Sistematizados” da doutrina espírita, onde é ensinado o espiritismo em seu tríplice aspecto. Como vemos, mesmo no Brasil e sua ênfase na religião, os outros lados que a doutrina espírita apresenta sobre si são aqui também contemplados.

¹⁷¹ MACHADO, Ubiratan – *Op. Cit.*

¹⁷² Id. *Ib.*

¹⁷³ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. *Op. Cit.*

tutora do cristianismo, porém já velha e desgastada, e devido a isso, os espíritas começariam a chamar para si a responsabilidade de conduzir o cristianismo.

De qualquer maneira, a influência que o catolicismo português aqui teve ajudou a manter alguns ideais evangélicos, e os espíritas muito devem a essa influência. Foi mais fácil passar a mensagem espírita para um povo que conhecia o cristianismo, mesmo que o vivesse só como ritual social, do que se ele aqui não tivesse influência alguma. Isso tudo também foi mais fácil devido à devoção mística aos santos, tão comum no Brasil e também em Portugal. No espiritismo, os santos permaneciam, apresentando somente outro nome: “Espíritos Superiores”, espíritos bons que nos guiaríamos. Os santos teriam essa função de nos aproximar do distante “outro lado”, até como maneira de responder ao anseio mágico característico do nosso modo de trabalhar a religião. Antes mesmo de tocar nossas terras, o catolicismo português já trazia em si algo como “receptores potenciais” para a doutrina espírita. Porém, não eram eles em si suficientes. É então que entra em cena o chamado “catolicismo popular” brasileiro. O conúbio com as culturas indígena e negra foi responsável por esse colorido específico da nossa religião de Estado à época. E isso favoreceu que o nosso cristianismo carregasse em si elementos que permitiram ao espiritismo se aproveitar deles, retrabalhando aspectos do imaginário religioso local sem causar por demais “estranhamentos” que prejudicariam sua introdução. Em vez do santo, o “espírito”. A visita ao pai de santo, ou ao pajé, (que era “tolerada” por ser tão comum) agora ganhava contornos mais “sóbrios” e europeus: consultava-se os espíritos, em reuniões elitistas, em mesa branca, dentro do sobrado, sem a necessidade de se descer do alpendre. Apesar do combate que o espiritismo aqui recebeu, da própria igreja e outras instituições sociais, acreditamos que no Brasil ele encontrava mais motivos para prosperar do que para ser combatido. Caindo no caldeirão cultural brasileiro, ele foi se acomodando entre elementos já presentes em nosso ambiente social, sem sofrer o mesmo estranhamento e embates que sofreu na Europa como um todo. Lá sim ele causou muita polêmica. Aqui era uma questão de procurar em nossa cultura elementos que o ajudassem a melhor localizá-lo: espírito podia ser o santo; passe magnético, uma proteção “anti-mandiga”; etc.

Dito isso, podemos dizer que o lado religioso da doutrina foi aqui recebido por essa mescla de catolicismo popular, fetichismo e magia. Como falamos anteriormente, o diálogo desse aspecto da doutrina com a nossa terra tanto favoreceu o espiritismo e o ajudou em sua fixação em nosso país, como também era contrário a determinados aspectos defendidos por seu próprio corpo doutrinário. O culto espírita até hoje é confundido com outros cultos que, por mais que se baseiem nele ou nas mesmas fontes que ele se apoiou, são diferentes dele em essência. Devemos isso, talvez, ao nosso costume de a tudo “ajeitar”, de buscar sempre dar uma cara nossa àquilo que aqui chega. Não nos cabe julgar os méritos de tal relação entre o lado religioso da doutrina e maneira como tratamos a religião. Todavia, devemos deixar marcado que essa relação padece da dialética comum às coisas humanas, estabelecendo-se entre a aceitação e o conflito. Se o Brasil ajudou e fez do espiritismo sua casa, como em todo lar, teve ele que enfrentar problemas, o que exigiu algumas posturas defensivas dos próprios espíritas brasileiros.

Com o acima exposto, talvez seja o momento de sintetizar os argumentos que permearam todo este trabalho. “*Por que o Brasil?*” foi a pergunta que buscamos responder ao longo desta dissertação. Queríamos entender o porquê do aparente sucesso dessa doutrina em nossas terras, e não em qualquer outro lugar do próprio continente europeu, que foi seu berço de origem. O que faremos agora é buscar delinear melhor as respostas que fornecemos. Fazer isso nos permite uma visão melhor de conjunto da problemática que nos inserimos.

Iremos começar pelo final, ou seja, respondendo o porquê que o espiritismo não vingou na Europa, para que isso nos ajude a entender o porquê do nosso país ter tido a importância que teve para o restabelecimento da doutrina espírita.

Falamos do “Processo dos Espíritas”¹⁷⁴ e o golpe que desferiu no espiritismo francês e europeu. Foi uma campanha desde o início orientada por setores da igreja francesa e elementos da própria Universidade de Paris. Aproveitaram-se do descuido do então presidente da Sociedade Espírita Parisiense, Leymarie, e de dito charlatanismo de

¹⁷⁴ LEYMARIE, Marina P-G. – *Processo dos espíritas*. Op. Cit.

um suposto médium fotógrafo, Bouguet, para tentarem manchar de vez o prestígio que até então o espiritismo gozava em solo francês. Entretanto, um evento isolado como esse não deveria ter o poder que teve se não tivesse onde se apoiar. O julgamento, apesar de todo sensacionalismo e cobertura, não foi o único responsável por esse golpe na doutrina. Mesmo com a condenação de Leymarie e do suposto médium, sabemos de outros eventos como esse, que aconteceram até em nosso próprio país¹⁷⁵, e que não seriam responsáveis por abalar tão seriamente toda uma doutrina filosófica, científica e religiosa, como era o caso do espiritismo. O que houve então de fato?

O espiritismo foi combatido desde o seu início em toda Europa. Todos os jornais comentavam, criticavam, e pouquíssimos aceitavam a sua proposta. Enquanto Allan Kardec era vivo, sua personalidade, assim como a de Bezerra de Menezes para o Brasil, foi importante para a manutenção do espiritismo. Dirão seus biógrafos¹⁷⁶ que seu espírito combativo, sua convicção inabalável, além do seu preparo anterior como pesquisador laico, permitiram-lhe trabalhar para manter o espiritismo de pé. Além disso, traços de seu caráter eram conhecidos, até mesmo por seus opositores, o que “dificultava” acusações (como as que efetivamente acabaram por acontecer no “Processo dos Espíritas”) que poderiam manchar sua moral, assim atingindo a doutrina que ajudava a formular. Todavia, com sua morte, o espiritismo se ressentia de um “líder” à altura do pedagogo lionês. Pierre Gaëtan-Leymarie, segundo alguns biógrafos do movimento espírita, era um homem de boa vontade, mas longe de ter o preparo, senso e cuidado que Kardec tinha. Vinculou-se a um suposto médium sem uma investigação detalhada, coisa que seu antecessor não faria. Kardec inclusive soube, enquanto em vida, das “fotos espíritas”, mas não deu tanta atenção, talvez por sua preocupação naquele tempo ser outra, por acreditar que o período

¹⁷⁵ O próprio Chico Xavier foi processado em nosso país pela família de Humberto de Campos, falecido escritor brasileiro. O motivo seriam as páginas que Chico afirmava receber do espírito do insigne vate maranhense, que assinava alguns livros do médium, como *Crônicas de Além Túmulo*, de 1935. Diferentemente do que houve na França, Chico foi inocentando pelo juiz do caso, o que já demonstra a diferença no trato e penetração do próprio espiritismo até mesmo em nossos círculos mais laicos, como o jurídico. Depois do processo, Humberto de Campos ainda se apresentaria como suposto autor de algumas obras do médium mineiro, mas desta vez assinando como “Irmão X”, em referência ao pseudônimo que também utilizava, enquanto em vida, em algumas de suas produções literárias. Para mais detalhes, consultar TIMPONI, Miguel – *A psicografia ante os tribunais*. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

¹⁷⁶ SAUSSE, Henri – “Biografia de Allan Kardec”. Op. Cit. : WANTUIL, Zeus & THIESEN, Francisco – *Allan Kardec*. Op. Cit. Ver também, em nossos anexos, os comentários da tradutora para o inglês das obras de Kardec, Anna Blackwell, sobre seu contato com Kardec.

de ênfase na “fenomenologia espírita” já havia passado: o momento era de trabalhar o corpo doutrinário e a moral espírita para que ela pudesse ajudar a humanidade no seu “salto de qualidade” rumo a uma maior consciência universal. Em suma, faltava ao sucessor de Kardec o mesmo preparo que esse tinha. As conseqüências disso sentiria todo o movimento espírita europeu.

Entretanto, mais do que a diferença entre Kardec e Leymarie, o problema do espiritismo europeu estava em seu próprio adjetivo: a Europa. Não é o caso agora de fazer um grande panorama da formação cultural do ocidente, basta para isso lembrarmos que o período que a Europa vivia era de combate aberto às tradições e a busca por novos modelos e novas filosofias. E nessa guerra do moderno que queria ser instalar, do outro lado das trincheiras, e visto como inimigo privilegiado, estava a religião. Então, enquanto o espiritismo se apresentasse como ciência e como filosofia, “estaria” tudo bem.¹⁷⁷ Tanto que o *neo* espiritualismo, as suas pesquisas, começaram justamente nos Estados Unidos e teve grande repercussão na Inglaterra, berço do pragmatismo. Enquanto corpos “se levantassem sem contato aparente”, ou mesmo supostos espíritos se materializassem, tudo podia ser visto e encarado como “pesquisa científica”. Todavia, quando o *neo* espiritualismo continental, no caso o espiritismo, começou a buscar um elemento doutrinário em tudo aquilo que via, quando Kardec se colocou no cenário e resolveu dizer que tudo aquilo era ciência, era filosofia, mas também tinha seu aspecto religioso, o problema se instalou mais nitidamente. O diferencial do espiritismo está aí, e também está aí o motivo de ter sido mais combatido que as outras vertentes de onde se inspirou. O espiritismo assumia nitidamente as “conseqüências morais” que emanavam de todos aqueles fenômenos: nomeava os “espíritos”, dava-lhes a palavra sobre o real, aceitava seus princípios e fazia deles guias para uma nova maneira de se trabalhar o plano religioso, e isso ia contra o “espírito do tempo” de todo o ocidente. O paradigma que lutava para se instalar estava ancorado em filosofias como o próprio pragmatismo, o positivismo, o utilitarismo. Falar de espíritos, reencarnação, Deus, parecia deslocado para aquele tempo, e fantasioso demais para as novas mentes esclarecidas. E aí está o motivo que o espiritismo sofreu dura campanha contrária desde seus princípios: ele - apesar da tentativa de seu

¹⁷⁷ Logicamente, em partes. Suas pretensões a ser ciência também eram combatidas, mas eram nesse momento mais respeitadas do que sua postura de se colocar como religião também.

codificador, de apresentá-lo em tríplice aspecto (Ciência, Filosofia e Religião) e de dizer coisas como, repetimos, “fé inabalável é a fé que pode encarar a razão, em todos os momentos da humanidade”¹⁷⁸ – foi e é encarado principalmente como uma religião. Foi visto como religião, criticado por ser tentativa de religião em tempos que não mais a aceitavam tão bem. Religiões aceitas eram as que faziam parte do ritual social europeu, no caso o catolicismo, o protestantismo, etc. Essas religiões não mais representavam um problema, pois a razão havia chegado para triunfar sobre esse tipo de fé. Mas quando o espiritismo chegou e procurou juntá-las, a fé e a razão, tentando estabelecer um novo paradigma religioso, e também científico, de acordo com o tempo em que surgia, causou um incômodo maior, como cadáver que se negava a permanecer no túmulo. Por isso a união, aparentemente esdrúxula, da Igreja com a Universidade de Paris contra o espiritismo. Por isso a luta que ele enfrentou sempre. E por isso, depois da morte de Kardec, o espiritismo, tal como era conduzido pelos seus continuadores europeus, tentou migrar de volta para o lado especificamente “científico”, como refúgio para amenizar todos esses problemas e continuar sobrevivendo sem grandes dificuldades.

Todavia, o espiritismo só é espiritismo se for trabalhado integralmente, em sua tríplice vertente. A tentativa européia de voltar-se essencialmente para o lado científico criou um enfraquecimento que foi aproveitado pelos seus opositores, pois o lado “científico” do espiritismo é o mais delicado e o ainda muito carecido de melhores e maiores comprovações. Cientistas existem que conhecem melhor sobre os princípios científicos que o espiritismo diz se basear do que os próprios cientistas espíritas. Então, deslocar a luta para esse terreno foi um erro fatal, que fez com o espiritismo se fragilizasse nos moldes como imaginado e trabalhado por Kardec. E foi necessário um descuido apenas, como o de Leymarie, para que ele sofresse os ataques que tanto mancharam sua reputação.

Além disso, é necessário ressaltar que se o espiritismo advoga ser ciência, filosofia e religião, nos parece que esses aspectos têm entre si uma relação de importância. Entre os três, um deles ressalta como o mais relevante, como elo maior que unifica a

¹⁷⁸ KARDEC, Allan – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Op. Cit.

doutrina. A própria mudança do espiritismo para nossas terras seria o atestado dessa realidade.

Quando o espiritismo chegou ao Brasil (1862), chega ainda em seu auge com Kardec vivo e produzindo. Os espíritas brasileiros estavam, como todos os adeptos, sob a égide do codificador. Com a morte de Kardec, aqui também se instalou a mesma confusão que na França e na Europa, a mesma busca pelo lado científico como refúgio. Todavia, aqui o espiritismo não conheceu os mesmos problemas que em seu berço, e além disso, como falamos anteriormente, nossa cultura religiosa permitia a ele uma maior “liberdade” do que na Europa. Aqui também tínhamos a figura de Bezerra de Menezes e alguns outros espíritas que foram importantes para que o espiritismo procurasse se manter firme em seu plano original. Em suma, as condições para o espiritismo brasileiro eram diferentes para o espiritismo europeu. E essas diferenças são que definem e nos respondem o “porquê” da nossa questão, o “porquê do Brasil”.

A Europa era contrária ao espiritismo porque estava imersa toda ela em uma campanha que tentava, senão banir, circunscrever a religião a um plano mais “modesto” de poder sobre a realidade. Os motivos para isso conhecemos: as perseguições religiosas em épocas passadas, o espírito científico moderno e suas críticas aos dogmas, etc. Já no Brasil, a religião tinha uma outra conotação: aqui sua função “consoladora” ainda era muito forte, dado as características da colonização portuguesa, que não estabeleceram o mesmo terreno institucional que havia na Europa que permitia a esse continente se “apoiar” em outros elementos da realidade que forneciam um sentimento de segurança social. Por isso, lá o espiritismo foi mais combatido, porque lá, e sendo um tanto coloquial, eles podiam “se dar esse luxo”. Aqui, ele foi incorporado: hora como arma na luta mágica entre os grupos, hora como mais um elemento de consolação. No Brasil, o lado religioso do espiritismo foi evidenciado e superestimado: era esse lado que o brasileiro buscava e busca até hoje. Os livros existem, os estudos sistematizados da doutrina existem, mas o que a grande parte dos adeptos quer é o que só o lado religioso pode fornecer: o consolo para o ente que morreu, o passe magnético que ajude a aliviar as tensões do dia-a-dia, etc. O espiritismo aqui é visto como religião, e em muitos momentos, apenas como religião.

E essa evidência que o lado religioso do espiritismo aqui ganhou teve a função de demonstrar justamente a relação de importância entre os aspectos da doutrina: ciência, filosofia, religião. O que o Brasil ajudou a demonstrar para o espiritismo é que o lado religioso é, entre eles, o mais importante. Kardec havia sentido isso, mas procurou apresentar isso para um público europeu relutante e até mesmo contrário à doutrina de uma maneira mais “suave”: falava de “conseqüências morais”, e como um homeopata, procurava dissolver o lado religioso no lado filosófico, atenuando ao mesmo tempo em que atacava o problema, ou seja, o perigo que o materialismo e o descuido com a religião proporcionavam para moral e ética da humanidade. Sem a religião, acreditava ele e o espiritismo, a humanidade se vê sem um “norte espiritual”. Para ele, como para muitos pensadores, a religião também teria aquela função de ajudar na “saúde” do tecido social, fornecendo elementos congregadores e de estabilização da sociedade.¹⁷⁹

Podemos dizer que o Brasil mostrou que para o espiritismo o seu lado religioso era o importante, o responsável por manter os três aspectos da doutrina unidos. Ele que fornecia o plano de justificação maior para toda a ciência e toda filosofia. No final, ambas serviam para o mesmo propósito, de cunho ético-religioso: demonstrar para a humanidade a imortalidade da alma, a existência de Deus e de uma moral que está acima e em nós, e a qual devemos nos guiar. Os espíritas brasileiros, como Bezerra de Menezes e a sua “Orientação pelo Evangelho”, nada mais fizeram do que assumir claramente o que já era evidente: a importância do matiz religioso do espiritismo. Com isso podemos dizer que ele é uma religião? Sim, como podemos dizer que é “ciência” e filosofia também. Todavia, a religião é o seu plano mais nítido, e essa evidência é necessária, pois é ela que dá o verdadeiro sentido à proposta espírita. Assim, nos perguntamos: afinal, por que o Brasil? Porque a presença, importância e maneira como tratamos a religião foram os responsáveis por ressaltar a religião no espiritismo. O Brasil levantou a religião no espiritismo, e ao fazer isso, levantou a doutrina inteira.¹⁸⁰

¹⁷⁹ KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. Op. Cit.

¹⁸⁰ Lembremos novamente: os espíritas brasileiros levantaram o espiritismo ao nível de sua proposta original, recuperando o que vinha sendo defendido por Kardec desde os primórdios da doutrina. Com isso tiveram sim uma postura original com relação aos seus confrades de outras partes do mundo à época, que menosprezavam o lado religioso da doutrina. Todavia, essa postura foi a de compreender e respeitar o plano original do espiritismo, que colocava a religião como plano maior e delineador de toda a proposta doutrinária, não a de “criar algo novo” no espiritismo em si.

Esse é o motivo, senão para a vinda, pelo menos para o sucesso que o espiritismo alcançou em nosso país. Com tudo que falamos antes, do fetichismo, da magia, do catolicismo popular, fica para nós claro que aqui existia um terreno para o espiritismo se instalar. Todavia, para ele prosperar, seriam necessários outros elementos. E aí que entra a ação decisiva de membros da FEB, especialmente na figura de Bezerra de Menezes, que perceberam a importância religiosa do espiritismo e ressaltaram isso. Ao fazerem isso, presentearam a doutrina com o que ela justamente precisava. Ao orientá-la pelo evangelho forneceram-na com o combustível que a manteria de pé. Eis senão o “o porque” , o “para que” o Brasil serviu para o espiritismo. Alguns espíritas brasileiros enxergaram o que a doutrina precisava naquele momento e com isso tiraram-na do limbo que ameaçava cair: de se transformar em uma protociência com legitimidade muito pouco reconhecida.

Em suma, foi todo esse nosso “apego” à religião foi essencial para que Bezerra de Menezes, em 1895, tomasse a decisão que orienta os rumos do espiritismo no Brasil, nos dias de hoje, e no mundo todo: aqui ela não conheceu o mesmo combate acirrado que conheceu na Europa, aqui, de certa maneira, ela “fazia mais sentido”. Reafirmando a proposta religioso-cristã da doutrina os espíritas brasileiros permitiram que ela se afirmasse com mais força. Esse será o seu *appeal* para muitas pessoas que estudaram o espiritismo e aceitaram a sua proposta. Se a parte “científica” do espiritismo é importante para suas tentativas de comprovar a realidade do “lado de lá”, o lado filosófico-religioso é essencial na tentativa de manter a humanidade de pé, lançando as bases de um futuro otimista, onde embasados por um “cristianismo sem dogmas”, os homens deveriam aprender a “amar uns aos outros”, tratando-se como “irmãos” e “fazendo tudo aquilo que gostariam que a eles mesmos fossem feito”. Agora, se o espiritismo conseguirá ajudar a concretizar isso, só o tempo, a experiência, e a vontade humana dirão.

BIBLIOGRAFIA.

- ANJOS, Luciano dos – *O atalho: análise crítica do movimento espírita*. Niterói: Lachâtre, 1993.
- AZEVEDO, Fernando de – *A cultura brasileira*. (4ª ed.). Brasília: Ed. UnB, 1963.
- BALZAC, Honoré – *Pai Goriot*. Porto Alegre: LP&M, 2006.
- _____ - *Ilusões Perdidas*. Porto Alegre: LP&M, 2007.
- BÉRNI, Duílio Lena – *Brasil mais além*. (6ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- BOSI, Alfredo – *História concisa da literatura brasileira*. (41ª ed.). São Paulo: Cultrix, 1994.
- BURKE, Peter – *Uma história social do conhecimento*. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- CARNEIRO, Altamirando – *Castro Alves e o espiritismo*. São Paulo: FEESP, 1993.
- DEFOE, Daniel – *Contos de Fantasmas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- DOYLE, Arthur Conan – *A história do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1994.
- DUFAUX, Ermance – *A história de Joana d'Arc ditada por ela mesma*. Rio de Janeiro: CELD, 2003.
- DURKHEIM, Èmile – *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____ - *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- ELIAS, Norbert – *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____ – *A Sociedade de Cortes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995 ; Id. *O Processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERNANDES, Florestan - *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Grandes Intérpretes do Brasil).

- FIGUEIREDO, José Ricardo – *Modos de ver a produção do Brasil*. São Paulo: Educ ; Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2004.
- FILORAMO, Giovanni & PRANDI, Carlo – *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FLAMMARION, Camille – “Discurso de Camille Flammarion Junto ao Túmulo de Allan Kardec” EM: KARDEC, Allan – *Obras Completas*. (2ª ed.) São Paulo: Opus, 1985.
- FREYRE, Gilberto – *Casa grande & senzala*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Grandes Intérpretes do Brasil).
- _____ – *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global, 2003.
- _____ - *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global, 2003.
- GENTILE, Salvador & ARANTES, Hércio Marcos Cintra – *Entrevistas Francisco Cândido Xavier / Emmanuel*. (8ª ed.). Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 1994.
- HESS, David J. – *Spirits and Scientists: ideology, spiritism, and Brazilian Culture*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 1991.
- HOLANDA, Sérgio Buarque – “O significado de ‘Raízes do Brasil’”. EM: *Raízes do Brasil*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Grandes Intérpretes do Brasil).
- HORKHEIMER, M & ADORNO, TW - *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro. Zahar, 1985.
- HOUTART, François – *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática, 1994.
- HUGO, Victor-Marie – *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KARDEC, Allan – *O que é o Espiritismo*. (38ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1997.
- _____ - *A Gênese*. (39ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 2000.
- _____ - *O céu e o inferno*. (46ª ed.) Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- _____ - *O evangelho segundo o Espiritismo*. (114ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1997.

- _____ - *O livro dos espíritos*. (80ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- _____ - *O livro dos médiuns*. (65ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- _____ - *Obras póstumas*. (28ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- _____ - *Obras completas*. (2ª ed.). São Paulo: Opus, 1985.
- _____ - *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Brasília: EDICEL, (s.d.) Coleção de 12 volumes (anos 1858 a 1869).
- KHUN, Thomas – *La estructura de las revoluciones científicas*. Madrid: Ed. Fondo de Cultura Económica, 1975.
- LALANDE, André – *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LANTIER, Jacques – *Le spiritisme*. Paris: Grasset, 1971.
- LEYMARIE, Marina P-G. – *Processo dos espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1976.
- LOEFFLER, Carlos Friedrich – *Fundamentação da ciência espírita*. Niterói: Lachâtre, 2003.
- MACHADO, Ubiratan – *Os intelectuais e o espiritismo*. (2ª ed.). Niterói: Lachâtre, 1996.
- MARX, Karl – *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. (6ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MELO NETO, João Cabral – *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- NAGEL, Ernest – *La Estructura de la Ciencia*. Barcelona : Paidós Studio, (s.d.).
- NOBRE, Marlene R. S. – *Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.
- PRIGOGINE, Ilya - *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP, 1996.
- PRIGOGINE, Ilya, STENGERS, Isabelle – *La nouvelle alliance*. Paris: Gallimard, 1979.
- ROHDEN, Huberto – *A mensagem viva do Cristo*. (9ª ed.). São Paulo: Martin Claret, (s.d.).
- SARTRE, Jean-Paul – *A idade da razão*. São Paulo: Abril, 1979.

- SAUSSE, Henri – “Biografia de Allan Kardec”. EM: KARDEC, Allan – *Obras Completas*. (2ª ed.) São Paulo: Opus, 1985.
- SCHWARZ, Roberto – “As idéias fora do lugar”. EM: *Aos vencedores as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1997.
- TIMPONI, Miguel - *A psicografia ante os tribunais*. Rio de Janeiro: FEB, 1959.
- VELOSO, Mariza & MADEIRA, Angélica – *Leituras brasileiras*. (2ª ed.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- VIEIRA, David Gueiros – *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. (2ª ed.). Brasília: Ed. UnB, 1980.
- VV. AA. – *Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec*. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2004.
- WALLACE, Alfred Russel – *O aspecto científico do sobrenatural*. Niterói: Lachâtre, 2003.
- WANTUIL, Zeus & THIESEN, Francisco – *Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 1979. (Edição em 3 volumes).
- WANTUIL, Zeus – *Grandes espíritas do Brasil*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- _____ - *As mesas girantes e o espiritismo*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- WEBER, Max – *Ciência e Política – duas vocações*. São Paulo: Cortez Editora, 1972.
- _____ - *A Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez ; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- _____ – *Economia e Sociedade*. (4ª ed.). Brasília: Ed. UnB, 2000. (Vol. 1).
- _____ – *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. (11ª ed.). São Paulo: Pioneira, 1996.
- XAVIER, Francisco Cândido & CAMPOS, Humberto de (Espírito) – *Brasil coração do mundo pátria do evangelho*. (12ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1979.
- XAVIER, Francisco Cândido & EMMANUEL (Espírito) – *A caminho da luz*. (25ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 2000.

XAVIER, Francisco Cândido & LUIZ, André (Espírito) – *Nosso Lar*. (50ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 2000.

ZIMMERMANN, Zalmino – *Perispírito*. (2ª ed.). Campinas, SP: Centro Espírita Allan Kardec, 2002.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

La Revue Spirite. 144ème annèe. 4ème trimestre 2001. N° 49

Nossa História. Ano 1. N° 6. Abril 2004.

ANEXOS

Resumo da Doutrina Espírita.¹⁸¹

Vamos resumir, em poucas palavras, os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções.

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. “Criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.

O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corpóreo, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras.

¹⁸¹ Retirado de – KARDEC, Allan - *O livro dos espíritos*. (80ª ed.). Rio de Janeiro: FEB, 1998.

A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.

Há no homem três coisas: 1ª, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2ª, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3ª, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos “instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos.

O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições.

O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria envolvidos das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Comprazem-se no mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito mais, antes perturbadores e enredadores, do que perversos. A malícia e as incoerências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos.

Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral.

Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante. (1)

(1) Há entre esta doutrina da reencarnação e a da metempsicose, como a admitem certas seitas, uma diferença característica, que é explicada no curso da presente obra.

Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos. A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal.

As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, o homem perverso a de um Espírito impuro.

A alma possuía sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se haver separado do corpo.

Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontra ela todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenham na memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez.

O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.

Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo.

É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós.

Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos e assemelhar-nos a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia.

Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação.

Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.

Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é incoseqüente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde intima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.

Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se avizinha da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo; que o Forte e o Poderoso devem amparo e proteção ao Fraco, porquanto transgride a Lei de Deus aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante. Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas, que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão “reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem “penas e gozos desconhecidos na Terra.

Mas, ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso para a perfeição, que é o seu destino final.

Este o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores.

Depoimento de Anna Blackwell Sobre Allan Kardec.¹⁸²

“Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo... Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava a discussão mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo a perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, conquanto tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada. Entre as milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras pessoas de alta posição social, literária, artística e científica. O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era mistério para ninguém, procurou-o várias vezes e teve longas palestras com ele nas *Tuileries*, sobre a doutrina de ‘O Livro dos Espíritos’”.

¹⁸² Uma das primeiras tradutoras das obras de Kardec para o inglês, e que por isso chegou a conhecê-lo. Retirado de DOYLE, Arthur Conan – *A história do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1994.